



Nona Edição do Projeto
**QUINTAS ACADÊMICAS:
DIVULGAÇÃO E MEMÓRIA**

Data: 23 de novembro de 2017

Local: UNEB – Campus X

<https://quintasacademica.blogspot.com/>

Clóvis Lisboa dos Santos Júnior
Gean Paulo Gonçalves Santana
Kildria Vieira Alves Gigante
Minervina Joseli Espíndola Reis
Priscila Alves Pereira
Tatiana Dias Silva

Organização dos Anais

ANAIS
IX EDIÇÃO Quintas Acadêmicas: divulgação e memória

23 de novembro de 2017

Teixeira de Freitas
2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

**JOSÉ BITES DE CARVALHO
REITOR**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS X - TEIXEIRA DE FREITAS
ARIOVALDO ALVES GOMES
DIRETOR**

REALIZAÇÃO

Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Departamento de Educação – Campus X
Núcleo de Pesquisa e Extensão do Campus X
Projeto Quintas Acadêmicas: divulgação e memória

COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes
Celso Kallarrari
Cleideni Alves
Crysna Bonjardim Silva Carmo
Elzicléia Tavares dos Santos
Guilhermina Elisa Bessa Costa
Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes
Liziane Martins
Maria Jucilene Lima Ferreira
Minervina Joseli Espíndola Reis

Discentes
Rhuann Lucas Aquino Figueiredo
Marine Viana Vargens

APOIO

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD
Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação – PPG
Pró-Reitoria de Extensão – PROEX

COMISSÃO CIENTIFICA

Adriana Santos Batista

Celso Kallarrari

Cleideni Alves

Cristiane Gomes Ferreira

Crysna Bonjardim Silva Carmo

Elzicléia Tavares dos Santos

Francis Miller B. Moreira

Guilhermina Elisa Bessa Costa

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes

Liziane Martins

Maria Jucilene Lima Ferreira

Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo

Maria Mavanier Assis Siquara

Minervina Joseli Espíndola Reis

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

IX Edição Quintas Acadêmicas: divulgação e memória (9.: 2017:
Teixeira de Freitas).

Anais IX Edição [do] Quintas Acadêmicas: divulgação e memória, v.
1, 23 de novembro de 2017, Teixeira de Freitas, BA [recurso
eletrônico] / Organizado por Clóvis Lisboa dos Santos Júnior...[et al.].
–Teixeira de Freitas: UNEB, 2017.

Disponível em: <https://quintasacademica.blogspot.com/>
Vários autores
ISSN

1. Educação - Projeto. 2. Pesquisa. 3. Memória. I. Título. II.
Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação. III.
Campus X.

CDD 371

PROGRAMAÇÃO

MATUTINO

SESSÃO 1 - SALA: 04
COORDENAÇÃO: JOANA FARIAS

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
8H	CAROLINA GENÉSIO DOS SANTOS		DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE MOBILIZAÇÕES DE ESTUDANTES
8H15H	LUCAS PIRES DOS SANTOS	VAGNO VALES LACERDA	O ENSINO DE L.I NO ENSINO FUNDAMENTAL I...
8H30	MARIA DE FÁTIMA GOMES SOUZA SANTOS	TATIANA FERREIRA LIMA	O EFEITO QUE A ESCOLINHA DE FUTEBOL TEM...
8H45	NATHALIA DA SILVA MIRANDA; LUCAS VINICIUS F. S. CASTRO	LIZIANE MARTINS	PERSPECTIVAS SOBRE COMO OS ALUNOS NA FORMAÇÃO INICIAL...
9H	NATHÁLIA DA SILVA MIRANDA	LIZIANE MARTINS	LITERÁCIA, LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO...
9H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 2 - SALA: 05
COORDENAÇÃO: CÉLIA NUNES

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
8H	YURI F. SOUSA; IGOR H. MORAIS TOMORI		RELATO DE EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA
8H15	KATIELE J. SANTANA; ADINALSON SOUZA; CAROLINA DOS SANTOS; GABRIELE LÍRIO		REFLETINDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR
8H30	DARIENE CONCEIÇÃO BATISTA	TATIANA FERREIRA LIMA	A SOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DO ESPORTE ESCOLAR
8H45	BELCHIOR REIS DE SOUZA		A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO...
9H	TARDELLI DE SOUZA GUILHERME; IGOR H.M. TOMORI	FRANCIS MILLER B. MOREIRA	MODELAGEM MATEMÁTICA EM SALA DE AULA...
9H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 3 - SALA: 06
COORDENAÇÃO: OLGA SUELY S. DE SOUZA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
8H	MANUELA DA SILVA PEREIRA	TATIANA LIMA	ATIVIDADE FÍSICA PARA MULHERES COM SÍNDROME...
8H15	EDSON SANTOS DA CONCEIÇÃO	GEAN PAULO	TRÂNSITO E EMPODERAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS...
8H30	SAMUEL SANTOS BRAGA	LIZIANE MARTINS; DÁLIA CONRADO	ARGUMENTAÇÃO NO ENSINO DE BIOLOGIA
8H45			
9H	VERÔNICA H. FERREIRA; ROSILANDE S. ROCHA	VAGNO VALES LACERDA	OS SERIADOS COMO MEIOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA...
9H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 4 - SALA: 07
COORDENAÇÃO: ADRIANA BATISTA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
8H	THAYNÁ GONZAGA	LIANA SODRÉ	O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS DIGITAIS NA ESCOLA: UMA QUESTÃO EM ESTUDO
8H15	BIANCA DE S. ALMEIDA	ADRIANA SANTOS BATISTA	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MONITORIAS DE ENSINO EM UM COMPONENTE CURRICULAR
8H30	BELCHIOR REIS DE SOUZA	IGOR JOSÉ	A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO DE INGLÊS INSTRUMENTAL NO PROJETO SALA DE INGLÊS
8H45	LUCAS VINICIUS CASTRO	LIZIANE MARTINS	EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA ANÁLISE DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PRODUZIDOS POR CONCLUINTES DO CURSO DE BIOLOGIA DA UNEB/DEDC-X
9H	ANDRESSA VIANA DE ALMEIDA	LIANA SODRÉ	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO DA ARTE
9H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 05 SALA: 08
COORDENAÇÃO: CELSO SILVA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
8H	ANA CAROLINA; WANDERSON BRANDÃO SOUSA; ISA ROCHA	ANA CAROLINA B. DE CARVALHO LEITÃO	A EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA DO PIBID: RELACIONAMENTO, ESCOLA X UNIVERSIDADE E ENSINO COLABORATIVO
8H15	YURE FERREIRA DE SOUSA; IGOR HEIJE MORAIS	TÂNIA MARIA BOSCHI	RELATO DE EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA
8H30	LUÍZ DE SOUZA OLIVEIRA	TÂNIA M. BOSCHI	EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA
8H45	LUCAS VINÍCIOS F. S. CASTRO NATHALIA MIRANDA	LIZIANE MARTINS	PERSPECTIVAS SOBRE COMO ALUNOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS “PENSAM” SOBRE A SAÚDE
9H	LUCAS VINÍCIUS F. S. CASTRO	LIZIANE MARTINS	EDUCAÇÃO EM SAÚDE: PROPOSTA DE ENSINO
9H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 06 - SALA: 09
COORDENAÇÃO: FRANCIS MILLER

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
8H	ANDRÉIA SOARES DA SILVA, FRANCIEUDA BENTO DA SILVA MONTEIRO, MÁRCIA RODRIGUES	IRENI E MARINES E MARIA NALVA	A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA VELHICE
8H15	KATIELE SANTANA GABRIELE LÍRIO CAROLINA GENÉSIO ADINAILSON SOUZA	MARIA NALVA RODRIGUES DE ARAUJO	REFLETINDO SOBRE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES
8H30	TASCIA NATHALIA GONÇALVES SILVÂNIA DE CÁSSIA MEIRELES	MARIA NALVA RODRIGUES DE ARAUJO	O ESPAÇO ESCOLAR E OS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: APROXIMAÇÕES
8H45	RÍZIA ROCHA SILVA	MARIA NALVA RODRIGUES DE ARAUJO	MAPEAMENTO DAS INST. PRIVADAS LIGADAS AO ESPORTE E LAZER NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA
9H	JOYCE GLICERIO		AS NEGRAS DE GANHO EM SALVADOR E NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX.
9H15	LUIZ DE SOUZA OLIVEIRA	TÂNIA MARIA BOSCHI	EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE FÍSICA
9H30	LUIZ DE SOUZA OLIVEIRA; NATHÁLIA DA SILVA MIRANDA	LIZIANE MARTINS	LITERÁCIA CIENTÍFICA, LETRAMENTO CIENTÍFICO E ALFABETIZAÇÃO: ESTUDANDO AS POTENCIALIDADES
9H15 DISCUSSÃO			

TARDE

SESSÃO 01 - SALA: 04
COORDENAÇÃO: CRISTIANE FERREGUET

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
13H30	PAULO VIANA FELIX	EDIANE LOPES DE SANTANA	CULTURA, SOCIEDADE E RACISMO EM SALA DE AULA
13H45	RUTH PEREIRA FREITAS SANTOS; GUILHERMINA ELISA BESSA DA COSTA	GUILHERMINA ELISA BESSA DA COSTA	UM OLHAR SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL...
14H	SANDRA DE JESUS RODRIGUES;	GUILHERMINA ELISA BESSA DA COSTA	A TRAJETÓRIA DO PROCESSO DE INCLUSÃO NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES...
14H15	LAURA DE OLIVEIRA MIRANDA	JOELSON PEREIRA DE SOUSA	O PROBLEMA DA AUTORIDADE NA EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT
14H45 DISCUSSÃO			

SESSÃO 02 - SALA: 05
COORDENAÇÃO: LIZIANE MARTINS

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
13H30	VANÚBIA OLIVEIRA ROCHA	GUILHERMINA ELISA B. DA COSTA	EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL
13H45	LUCAS VINÍCIUS F. S. CASTRO; NATHÁLIA DA SILVA MIRANDA	LIZIANE MARTINS	EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA ANÁLISE DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS.
14H	RHUANN L. A. FIGUEIREDO; CLARA EMANUELLE A. LEAL; JAMMYLE G. LEITE	LIZIANE MARTINS	ENGAJAMENTO SÓCIOPOLÍTICO PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE
14H30	VICTÓRIA BENÍCIO LIMA	LIZIANE MARTINS	ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DE ZOOLOGIA EM LIVROS DIDÁTICOS...
14H45	FREDERICO LOIOLA VIANA	CLEIDENI ALVES DO NASCIMENTO	FICCÃO E AUTOBIOGRAFIA: ANÁLISE COMPARATIVA NA PERSPECTIVA DA VOZ AUTORAL NA OBRA DE DORIS LESSING
15HORAS	LIZIANE MARTINS		CONCEPÇÕES DE SAÚDE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SESSÃO 03 - SALA: 06
COORDENAÇÃO: MARIA MAVANIER ASSIS SIQUARA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
13H45	JAMAIRA CONCEIÇÃO DA SILVA	JUZENILDA GOMES FIGUEREDO	IMPORTÂNCIA SOCIAL E BIOLÓGICA DO GUAIAMUM
14H	BRISA SANTOS DE ARAÚJO	MARIA MAVANIER ASSIS	PEDAGOGIA SOCIAL: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PRÁTICAS SÓCIOEDUCATIVAS...
14H15	JAMAIRA CONCEIÇÃO DA SILVA	MARIA JUCILENE LIMA	MONITORIA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO...
14H30	PRISCILLA DELFINO	CELSO KALLARRARI	ELEMENTOS RACIONAIS E IRRACIONAIS DO DISCURSO RELIGIOSO...
14H45 DISCUSSÃO			

SESSÃO 04 - SALA: 07
COORDENAÇÃO:

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
13H45	SAMARA SANTANA SILVA	LILIANE M. F. C. GOMES	OS CORTIÇOS E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO...
14H	TAILANA CELINA BRAZ BOTELHO	ADRIANA SANTOS BATISTA	DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE EDUCAÇÃO EM JORNais DE TEIXEIRA DE FREITAS
14H15	ÁQUILA LUZ ALVES	CELSO KALLARRARI	DESCONSTRUÇÃO DO DEUS BÍBLICO NO CONTO "O SANTO QUE NÃO ACREDITAVA EM DEUS", DE JOÃO UBALDO RIBEIRO.
14H30	DIÓGENES SANTANA SANTOS	LILIANE M. F. CORDEIRO GOMES	A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA DE MONITORIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA CAMPUS X: RELATO E REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA
14H45 DISCUSSÃO			

SALA: 05 – SALA 8
COORDENAÇÃO: JOELSON PEREIRA DE SOUSA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
13H30	RAI SOUZA COSTA	BENEDITO DE SOUZA SANTOS	TEORIA DA HISTÓRIA NO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL? USO DA TEORIA E DO CONCEITO DE TEMPO PARA COMPREENDER O CONTEÚDO.
13H45	GABRIEL LEANDRO GOMES	GUILHERMINA ELISA BESSA DA COSTA	TECNOLOGIAS ASSISTIVAS COMO INSTRUMENTO DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO CONHECIMENTO ACERCA DA BIODIVERSIDADE REGIONAL: PROMOVENDO A INCLUSÃO
14H	DIÓGENES SANTANA SANTOS	JONATHAN DE OLIVEIRA MOLAR	ALTERIDADE E OS CONFLITOS GEOPOLÍTICOS: DA 2ª GUERRA MUNDIAL AOS DIAS DE HOJE
14H15	KÊNIA DE PAULA OTTONI	JOELSON PEREIRA DE SOUSA	EDUCAÇÃO E O PARADOXO DA TRADIÇÃO EM HANNAH ARENDT
14H30	WALISSON DEOCLECIO QUADROS	YOLANDA APARECIDA DE CASTRO	CONSIDERAÇÕES SOBRE IMPORTÂNCIA A CARTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: ANALISE DOS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA NO 6º ANO DO ENSINO
14H45 DISCUSSÃO			

SALA: 06 - SALA 09
COORDENAÇÃO: CRYNSA BONJARDIM DA SILVA CARMO

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
13H30	MARIA D'AJUDA CORREIA		ATUAÇÃO NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UMA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO PROJETO UATI/CEVITE
13H45	CRYNSA BONJARDIM DA SILVA. CARMO		A COMPLEXIDADE DAS CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS DO BRASIL: OS DADOS DO C - ORAL BRASIL
14H15	VALMECIR ANTONIO DOS SANTOS BAYER	SOLON GOMES DE SOUSA	O CONJUNTO DE VALORES DO MÓDULO DE DIFERENCIAIS E O NÚMERO DE TJURINA
14H30	EDNA ALVES DE SOUSA	LIANA GONÇALVES PONTES SODRÉ	ESPAÇO FÍSICO E GESTÃO DE CONFLITOS: QUESTÕES IDENTIFICADAS EM UM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA
14H45	JOÃO LUCAS DE OLIVEIRA MONTI	LIANA GONÇALVES PONTES SODRÉ	RELAÇÃO PROFESSORA/criançA E CONCEITO DE CRIANÇA: QUESTÕES IDENTIFICADAS EM UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA
15 HORAS DISCUSSÃO			

NOITE

SESSÃO 01 - SALA: 04
COORDENAÇÃO: TATIANA FERREIRA LIMA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
19H	TATIANA FERREIRA LIMA; GUILHERMINA E. B. DA COSTA		CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA...
19H15	LARISSA ESPERANÇA CORREIA	EDIANE LOPES DE SANTANA	PRECONCEITO NOSSO DE CADA DIA: COMO COMBATER O RACISMO EM SALA DE AULA
19H30	SAULO C. FERREIRA; VALDENI DE JESUS SANTOS	ADRIANA SANTOS BATISTA	AS MARCAS DE ORALIDADE EM O AUTO DA COMPADECIDA: UM ESTUDO COMPARATIVO
19H45	ALINE SOUZA SANTOS	DÉCIO BESSA	DISCURSO E SITUAÇÃO DE RUA NO EXTREMO SUL DA BAHIA
20H	MÁRCIO SOARES SANTOS		EXTRAVISMO MADEIREIRO, TRABALHO E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO...
20H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 02 - SALA: 05
COORDENAÇÃO: LILIANE M. F. CORDEIRO GOMES

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
19H	CARLOS HENRIQUE A. DOS SANTOS	DÉCIO BESSA	DISCURSO E SITUAÇÃO DE RUA NO EXTREMO NORTE DA BAHIA
19H15	LÍVIA MARIA DE O. PRATES	GUILHERMINA E. BESSA DA COSTA	EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA TODOS, A COMEÇAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
19H30	KRISTIANE A. DA SILVA	EDIANE LOPES SANTANA	TRABALHO DAS MULHERES NEGRAS NA VILA DE SÃO JORGE...
19H45	YASMIN DOS SANTOS FREITAS	JANINE M. D. NEIVA	A ESCOLHA ENTRE BEST-SELLERS E CÂNONES...
20H	FERNANDO REIS DE SENA		FRICÇÕES URBANAS EM FIEL, DE JESSE ANDARILHO
20H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 03 SALA: 06
COORDENAÇÃO: MINERVINA JOSELI ESPÍNDOLA REIS

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
19H	NATÁLIA PENITENTE ANDRADE	DÉCIO BESSA	DISCURSO E SITUAÇÃO DE RUA EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA
19H15	NILCÉLIA ROSÁRIO DA SILVA		SANKOFA: NARRATIVAS E SABERES TRADICIONAIS
19H30	MÔNICA ROMANA O. SANTOS; ALINE L. M. TAURINO	GUILHERMINA ELISA B. DA COSTA	PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA NO ENSINO DA MATEMÁTICA...
19H45	JOELSON PEREIRA DE SOUSA		TOTALITARISMO E EDUCAÇÃO: A ATUALIDADE...
20H	MARIA CLEUZA COSTA DE ALMEIDA	MINERVINA JOSELI ESPÍNDOLA REIS	O BOM PROFESSOR SEGUNDO O OLHAR DE ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA UNEB - CAMPUS X
20H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 04 - SALA: 07
COORDENAÇÃO: CRISTIANE GOMES FERREIRA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
19H	MIRIAN DE OLIVEIRA DIAS	ADRIANA SANTOS BATISTA	ARRANJOS DE VOZES EM TEXTO JORNALÍSTICO SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO
19H15	MÔNICA ROMANA DE O. SANTOS; ALINE LÉLIS DE MEDEIROS TAURINO	GUILHERMINA ELISA BESSA DA COSTA	PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA NO ENSINO DA MATEMÁTICA POR MEIO DA ANÁLISE DE ERROS
19H30	PATRÍCIA PEREIRA DE SOUZA; CALINE MACÁRIO G. FERREIRA; ELIENE CONCEIÇÃO DE O. JORGE	CRISTIANE GOMES FERREIRA	O ESTADO DA ARTE SOBRE A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS A PARTIR DO DECRETO 5.626/2005 ATÉ O ANO DE 2015
19H45	ELIZETE COSTA; BRUNA PEREIRA DOS SANTOS; TÂNIA SOUZA DE JESUS; ELY CARLOS TEIXEIRA	CRISTIANE GOMES FERREIRA	POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AVANÇOS E RETROCESSOS EM TEMPOS DE CONJUNTURA POLÍTICA APÓS IMPEACHMENT DE 2016
20H	SABRINA DE AZEVEDO EVANGELISTA;	CRISTIANE GOMES FERREIRA	EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA
20H15 DISCUSSÃO			

SESSÃO 05 -SALA: 08
COORDENAÇÃO: VAGNO VALES LACERDA

HORÁRIO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	TRABALHO
19H	JASMIM LIMA DOS SANTOS	JONATHAN DE OLIVEIRA MOLAR	ROCK AND ROLL ANOS 80: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE CONTRADIÇÕES SOCIAIS E POLITICAS NA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA
19H15	JASMIM LIMA DOS SANTOS; LAÍS ASSUNÇÃO MOREIRA	LILIANE MARIA FERNANDES C. GOMES	INDÍCIOS DO PASSADO NO PRESENTE: A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932 E O PROCESSO DE IMPEACHMENT 2016
19H30	IZAIANE F. COSTA; PAULO V. FELIX		RITOS DE PASSAGEM A REPÚBLICA COMO SÍMBOLO DE MODERNIDADE
19H45	FERNANDA SILVA SOUZA	PRISCILA SANTOS DA GLÓRIA	O PERFIL DOS SUJEITOS ESCRAVIZADOS E INGÊNUOS NA VILA DE CARAVELAS, BA - NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO (1870-1888)
20H	EDUARDA DOS SANTOS FIGUEIREDO	CELSO KALLARRARI	DO GEMINUS AO CAOS: O BEM E O MAL NO CONTO "UM CORPO INTIMO"
20H15 DISCUSSÃO			

**NORMAS DE SUBMISSÃO DE TRABALHO DA IX EDIÇÃO DO PROJETO
QUINTAS ACADÊMICAS: DIVULGAÇÃO E MEMÓRIA, REALIZADO NO DIA 23
DE NOVEMBRO DE 2017**

Informações gerais:

- A inscrição para submissão de trabalhos será realizada no blog do evento. Os trabalhos deverão ser encaminhados por e-mail quintasacademicasunebx@gmail.com.
- Os trabalhos deverão ser inscritos, enquadrando-se em uma das seguintes categorias: ensino, pesquisa, extensão e trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação ou que se encontram em andamento;
- Os trabalhos de alunos (as) da graduação só serão aceitos com orientação de professor (es). O (a) professor (a) deverá preencher e assinar a ficha de autorização, dando ciência que orientou o trabalho e que o mesmo poderá ser apresentado no evento. A ficha estará disponível no NUPEX.
- Os trabalhos submetidos serão apresentados apenas na modalidade Comunicação Oral.
- Os trabalhos submetidos na IX Quintas Acadêmicas: divulgação e memória podem ser enviados em dois formatos: Resumo Simples ou Resumo Expandido. O resumo expandido poderá, posteriormente, ser publicado no blog do evento. (ver normas dos resumos)
- Poderá inscrever até 02 trabalhos como autor principal e sem limites para coautoria.
- A data limite de envio dos resumos é dia 13/11/2017.
- A inscrição será confirmada com a doação de produto para o Espaço Cultural da Paz (material de limpeza, brinquedos, material para lanche) no NUPEX.
- Os autores receberão certificado de apresentação de trabalhos.

Resumo Simples

O resumo submetido nessa modalidade deve ter de 450 a 500 palavras e apresentar no corpo do texto: objetivos, questões norteadoras da pesquisa, aparato teórico, metodologia, corpus e resultados encontrados ou esperados. Além disso, o resumo deve estar de acordo com a norma padrão da língua portuguesa. Abaixo do resumo, deverão ser inseridas quatro (04) palavras-chave separadas por ponto e vírgula.

- Fonte: Arial - tamanho 12
- Espaçamento: simples
- Margens: esquerda: 3,0 cm; direita: 2,0 cm; superior: 3,0 cm; inferior: 2,0 cm
- Título: centralizado
- Nome e referências (nota de rodapé) do(s) autor(es)
- Órgão/Agência de fomento (se houver)

Resumo Expandido

O resumo submetido nessa modalidade deve ter entre duas e três laudas e apresentar: Introdução, objetivos, materiais e métodos, resultados e discussão, conclusões e referências. O resumo deve estar de acordo com a norma padrão da

língua portuguesa. Abaixo o resumo, deverão ser inseridas quatro (04) palavras-chave separadas por ponto e vírgula.

- Fonte: Arial – tamanho 12
- Espaçamento entre linhas: 1,5.
- Margens: esquerda: 3,0 cm; direita: 2,0 cm; superior: 3,0 cm; inferior: 2,0 cm
- Título: centralizado
- Nome e referências (nota de rodapé) do(s) autor (es)
- Órgão/Agência de fomento (se houver)
- Parágrafos: Início a 1,25 cm a partir da margem esquerda; com exceção das referências.
- No Resumo Expandido, não há citações diretas. As citações devem ser indiretas e feitas no corpo do texto.
- Referências: Espaçamento simples entre linhas, separadas entre si por espaço simples, organizadas em ordem alfabética e com alinhamento justificado. Ex: BITTENCOURT, M. A. L. et al. (Org.). Normas técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos. Ilhéus: Editus, 2010.

>> Os trabalhos enviados no formato de Resumo Expandido poderão ser publicados, posteriormente, no blog oficial do Quintas Acadêmicas: divulgação e memória.

Comunicação Oral

Será feita por algum dos autores e terá a duração de até 15 minutos, podendo ser usado o data-show. Ao final da sessão de apresentação será entregue àquele que apresentou o certificado de apresentação do trabalho contendo o nome de todos os coautores do trabalho. Os nomes aparecerão no certificado da forma em que foram informados.

PUBLICAÇÃO

Os trabalhos submetidos na modalidade “Resumo Expandido” poderão, posteriormente, serem publicados em formato de Anais Digital a ser disponibilizado no blog oficial do Quintas Acadêmicas: divulgação e memória.

APRESENTAÇÃO

O projeto “**Quintas Acadêmicas: divulgação e memória**” foi concebido em uma reunião do Núcleo de Pesquisa e Extensão — NUPEX — Departamento de Educação, Campus X — da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, cuja participação envolve docentes e discentes. O ponto de partida foi atender aos anseios de um grupo de alunos bolsistas que almejavam oportunidade para apresentar os projetos nos quais estavam envolvidos, além de oportunizar e socializar o conhecimento dos demais projetos de pesquisa e extensão, tanto de docentes quanto de discentes, desenvolvidos no Campus X. As atividades propostas, no projeto em questão, estão pautadas no princípio de que a Universidade é um espaço privilegiado de produção do saber, de modo que se torna imprescindível que o conhecimento, nela produzido, seja socializado a toda comunidade acadêmica e externa.

O Projeto “**Quintas Acadêmicas: divulgação e memória**”, desde o ano de 2005, vem se constituindo num espaço de socialização e discussão dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidos pela comunidade acadêmica do Campus X. Esta iniciativa favorece a indissociabilidade entre os três pilares da Universidade – ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, esperamos que essa prática possa continuar contribuindo no processo de formação dos discentes e docentes do Campus X, uma vez que o entrelaçamento entre ensino, pesquisa e extensão favorece reflexões mais consistentes sobre o fazer pedagógico, promovendo melhores condições para o desempenho do ofício de professor.

Na IX edição “Quintas Acadêmicas: divulgação e memória” foram inscritos e apresentados 84 trabalhos de docentes e discentes do DEDC X, as sessões de comunicações orais foram realizadas nos três turnos, sendo 9 sessões no matutino, 6 sessões no vespertino e 8 sessões noturno. Apenas os trabalhos submetidos no formato de Resumo Expandido fazem parte dos Anais, conforme prévio nas Normas para Submissão de Trabalho.

O objetivo do Projeto é, portanto, garantir a divulgação dos conhecimentos produzidos pela comunidade acadêmica, bem como o registro, a organização e a preservação da memória acadêmica do Departamento de Educação – Campus X.

Nossos agradecimentos a comunidade acadêmica do DEDC X pelo apoio e participação.

Comissão Organizadora

SUMÁRIO

PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	20
TECNOLOGIAS ASSISTIVAS COMO INSTRUMENTO DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO CONHECIMENTO ACERCA DA BIODIVERSIDADE REGIONAL: PROMOVENDO A INCLUSÃO	21
PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – EDUCAÇÃO FÍSICA	24
ATIVIDADE FÍSICA PARA MULHERES COM SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS	25
MAPEAMENTO DAS INSTITUIÇÕES PRIVADAS LIGADAS AO ESPORTE E LAZER NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA	28
O EFEITO QUE A ESCOLINHA DE INICIAÇÃO ESPORTIVA TEM NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS SEUS ALUNOS.....	31
PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – HISTÓRIA	34
OS CORTIÇOS E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO DURANTE SEU PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NA VIRADA PARA O SÉCULO XX.....	35
EXTRATIVISMO MADEIREIRO, TRABALHO E MEIO-AMBIENTE: A FORMAÇÃO DO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972).....	37
O PERFIL DOS SUJEITOS ESCRAVIZADOS E INGÊNUOS NA VILA DE CARAVELAS, BA - NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO (1870-1888)...	41
ROCK AND ROLL ANOS 80: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CONTRADIÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS NA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA.....	43
CULTURA, SOCIEDADE E RACISMO EM SALA DE AULA	46
TRABALHO DAS MULHERES NEGRAS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉOS NO SÉCULO XIX	49
INDÍCIOS DO PASSADO NO PRESENTE: A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932 E O PROCESSO DE IMPEACHMENT EM 2016	52
ESPAÇO FÍSICO E GESTÃO DE CONFLITOS: QUESTÕES IDENTIFICADAS EM UM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA	55
RITOS DE PASSAGEM A REPÚBLICA COMO SÍMBOLO DE MODERNIDADE (1889).....	58
AS NEGRAS DE GANHO EM SALVADOR E NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX	61
“PRECONCEITO NOSSO DE CADA DIA”: COMO COMBATER O RACISMO EM SALA DE AULA?.....	65
ALTERIDADE E OS CONFLITOS GEOPOLÍTICOS: DA 2 ^a GUERRA MUNDIAL AOS DIAS DE HOJE.....	68

A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA DE MONITORIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA CAMPUS X: RELATO E REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA.....	72
PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – LETRAS - LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS.....	
<i>NOUNS AND PICTURES: O USO DE RECURSOS LÚDICOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I</i>	75
UM OLHAR PARA A CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO NO QUARTO <i>DEZENOVE</i> – DORIS LESSING	78
FICCÃO E AUTOBIOGRAFIA: ANÁLISE COMPARATIVA NA PERSPECTIVA DA VOZ AUTORAL NA OBRA DE DORIS LESSING	80
A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO DE INGLÊS INSTRUMENTAL NO PROJETO SALA DE INGLÊS.....	83
PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS.....	
DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE EDUCAÇÃO EM JORNais DE TEIXEIRA DE FREITAS.....	86
ARRANJOS DE VOZES EM TEXTO JORNALÍSTICO SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO.....	89
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MONITORIAS DE ENSINO EM UM COMPONENTE CURRICULAR	92
DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE MOBILIZAÇÕES ESTUDANTIS	95
AS MARCAS DE ORALIDADE EM O <i>AUTO DA COMPADECIDA</i> : UM ESTUDO COMPARATIVO.....	97
TRÂNSITO E EMPODERAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CAMPUS X: ENTRE ÍNDICES E PALAVRAS, ATOS E OMISSÕES.....	99
PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – MATEMÁTICA.....	
O CONJUNTO DE VALORES DO MÓDULO DE DIFERENCIAIS E O NÚMERO DE TJURINA	103
MODELAGEM MATEMÁTICA EM SALA DE AULA: UMA NOVA VISÃO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR	108
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA	111
CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DOCENTE	113
PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA NO ENSINO DA MATEMÁTICA POR MEIO DA ANÁLISE DE ERROS	116

PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA – PEDAGOGIA.....	119
O ESTADO DA ARTE SOBRE A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS A PARTIR DO DECRETO 5.626/2005 ATÉ O ANO DE 2015	120
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	123
MONITORIA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS REFLEXÕES	126
POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AVANÇOS E RETROCESSOS EM TEMPOS DE CONJUNTURA POLÍTICA APÓS IMPEACHMENT DE 2016.....	129
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DA ARTE	133
PEDAGOGIA SOCIAL: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS INTERDISCIPLINARES NA ONG ASELIAS.....	135
O ESPAÇO ESCOLAR E OS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: APROXIMAÇÕES INICIAIS	138
O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS DIGITAIS NA ESCOLA: UMA QUESTÃO EM ESTUDO	141
REFLETINDO SOBRE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	144
A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA VELHICE	147



Pesquisas e Práxis Pedagógica Ciências Biológicas

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS COMO INSTRUMENTO DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO CONHECIMENTO ACERCA DA BIODIVERSIDADE REGIONAL: PROMOVENDO A INCLUSÃO

Gabriel Leandro Gomes¹
Guilhermina Elisa Bessa da Costa²

O presente projeto tem por objetivo evidenciar temáticas relacionadas a Tecnologias Assistivas a partir do contexto das práticas inclusivas atrelados aos preceitos da alfabetização científica no que se diz respeito ao ensino sobre biodiversidade de cetáceos para serem aplicados às pessoas com deficiências, com vista de promover a inclusão no processo educativo. Foi analisado o Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei Brasileira de Inclusão Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a qual constitui em um avanço para as políticas públicas para a inclusão no Brasil, na perspectiva de analisar em quais instâncias se fomenta a utilização das tecnologias assistivas para pessoas com deficiência com o intuito de corroborar para a interação entre professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Para a atividade prática do projeto de extensão, buscou-se a modelagem em 3D foi feita no software ZBrush 4R7 e exportada para o software de impressão Repetier-Host com escalas entre 20cm a 30cm. A anatomia dos animais modelados seguiu as descrições de Lodi e Borobia (2013), na perspectiva de possibilitar o manuseio e a aquisição de conhecimentos por parte dos estudantes com deficiência. A primeira análise centrou-se no *Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei Brasileira de Inclusão Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015* na qual consiste em capítulos, artigos e parágrafos específicos sobre TA e orientações acerca das aplicações das mesmas dentro de pontos da lei onde o assunto central não era referente às tecnologias assistivas. A exemplo de aplicações sobre TA em outras instâncias da lei, na Seção III – Da Inclusão da Pessoa com Deficiência no Trabalho onde o Art. 37 discute sobre a igualdade de oportunidade entre pessoas com deficiência e as demais pessoas, atendendo as regras de acessibilidade, fornecendo recursos de tecnologias assistivas e a adaptação razoável no ambiente de trabalho (BRASIL, 2015). Quanto ao capítulo específico sobre TA (Capítulo III) traz as orientações sobre sua aplicação (Art. 74)

¹ gabrielleandro.ied@gmail.com; Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia, DEDC/UNEB/CAMPUS X, Teixeira de Freitas.

² guilbessa@yahoo.com.br; Professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia - DEDC/UNEB/CAMPUS X, Teixeira de Freitas.

como a maximização da autonomia, mobilidade pessoa e qualidade de vida além de implicações ao poder público (Art. 75) incentivando a facilitação do acesso às tecnologias assistivas (BRASIL, 2015).

Para o âmbito do ensino de ciências e biologia, a utilização de Tecnologias Assistivas (TA) ou ajuda técnica, também caracterizada por produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços, tem como objetivo promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (CAT, 2007). O uso de imagens, seja ele passado de forma oral, acadêmico científico ou de divulgação popular através de ilustrações tradicionais ou recursos tecnológicos mais atuais, mesmo que, algumas vezes, a utilização desse tipo de ferramenta educacional seja questionada segundo o valor das suas representações gráficas (BRUZZO, 2004), estes recursos podem promover a inclusão educacional dos estudantes que apresentam algum tipo de deficiência física, motora ou psíquica, em específico, a modelagem 3D, que tem ganhado espaço como ferramenta de aprendizagem e acessibilidade tanto para o ensino das disciplinas básicas como a arte, história e português (LINARDI, 2015).

No que tange ao processo de desenvolvimento do material de divulgação acerca da biodiversidade de cetáceos como mecanismo de inclusão, a interrelação entre a tecnologia 3D e a materialização das ilustrações dos animais, traz novos desafios educacionais tendo em vista suas recentes aplicações na área (LINARDI, 2015). A principal delas foi a adaptação dos programas no processo de impressão da integridade anatômica das espécies modeladas assim como a escolha das características de cada espécie a serem destacadas no intuito de facilitar o discernimento pelo toque por pessoas com deficiência visual ou cognitiva, permitindo o contato com esse grupo de animais. Devido a esses fatores, o desenvolvimento deste material encontra-se ainda em andamento.

O interesse pela vida selvagem, em particular pelos cetáceos, tem aumentado de forma expressiva nos últimos anos seja por pesquisadores ou seja pelo público em geral. É notória uma consciência sobre a importância desses animais no que se diz respeito a saúde dos oceanos. Essa sensibilização acerca da biodiversidade regional é uma ferramenta crucial pois, dar sentido ao território-lugar é o primeiro passo para no processo de inclusão das pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Inclusão; Modelagem 3D; Biodiversidade Cetáceos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, 2015.

BRUZZO, Cristina. Biologia: educação e imagens. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, 2004.

CAT, Comitê De Ajudas Técnicas. Ata da Reunião VII, de dezembro de 2007 do Comitê de Ajudas Técnicas. **Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (CORDE/SEDH/PR)**, 2007.

LINARDI, Ana Beatriz et al. A impressão 3D como suporte para o ensino das artes para deficientes visuais. **Blucher Design Proceedings**, v. 2, n. 3, p. 564-568, 2015.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Educação Física

ATIVIDADE FÍSICA PARA MULHERES COM SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS

Manuela da Silva Pereira¹
Tatiana Ferreira Lima²

A síndrome dos ovários policísticos (SOP) é um distúrbio endócrino-ginecológico, caracterizada, principalmente, por anovulação crônica e hiperandrogenismo. Segundo Marcondes (2006) as síndromes hiperandrogênicas manifestam na mulher adulta o hirsutismo, a acne, a alopecia tipo androgênica, a disfunção menstrual, a infertilidade são características de que 5 a 10% das mulheres portadoras do SOP possuem alguns desses sintomas em sua idade reprodutiva. Embora a SOP, demonstre merecer muita atenção, por acarretar graves problemas a saúde das mulheres que a possuem, é possível diminuir os sintomas e garantir melhor qualidade de vida. Diante de tantos problemas que acometem as portadoras da SOP, a característica principal e mais preocupante, é sem dúvida a sua associação ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Um dos sintomas mais comuns em pacientes com SOP é desenvolver quadro de obesidade. Dentre as intervenções que podem ser feitas para melhorar esses sintomas, devem ser incluídos a dieta por meio de uma reeducação alimentar e a prática regular de exercícios. Apesar da importância da perda de peso, mesmo que discreta, tem melhora no estado clínico da SOP, perda de peso pode ser suficiente para restabelecer a função ovariana e melhorar a resposta à indução da ovulação.

Estudos têm demonstrado resultados positivos em relação à modificação no estilo de vida, com dieta e prática regular de exercícios físicos, e deve ser considerada uma opção terapêutica, com intuito não apenas de restabelecer a ovulação e favorecer a gravidez, como também para prevenir as complicações da síndrome metabólica. Portanto, é de suma importância que os profissionais de saúde esclareçam aos seus pacientes quais são todos os sintomas da síndrome dos ovários policísticos, como enfrentar da melhor forma essa condição de vida e como evitar problemas maiores no futuro. O Educador Físico como profissional de saúde, conhecedor das práticas de atividades físicas e benefícios possíveis, deve realizar esse trabalho de informante. Em especial incumbe esse papel ao professor que está

¹Discente do Curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: aleunamsp@hotmail.com.

²Docente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: professoratatianalima@gmail.com

em sala de aula, que deve ajudar suas alunas em fase reprodutiva a reconhecer a SOP, afinal, a Educação Física não se preocupa apenas com a estética e o lazer, mas também com a saúde do indivíduo e sua qualidade de vida.

Este trabalho tem por objetivo principal apresentar os benefícios que os exercícios físicos proporcionam para as mulheres que tem SOP, identificando causas, sintomas e tratamentos para a doença, levantando reflexões acerca do papel do Educador Físico neste contexto.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, onde a pesquisa para o embasamento teórico contou com também com dados quantitativos de diversas pesquisas desenvolvidas por pesquisadores brasileiros e de outros países. Segundo Michel (2005, p. 33), na pesquisa qualitativa o pesquisador participa, comprehende e interpreta, propondo um diálogo com os entrevistados. Como se trata de pesquisa qualitativa com base em revisão bibliográfica de artigos publicados em sites confiáveis e próprios para a pesquisa como Scielo e Pubmed, e sem pesquisa de campo, os dados foram coletados através da própria leitura.

Nos diferentes trabalhados analisados, foram utilizadas pesquisas diferentes; utilizando-se instrumentos de coletas de dados diversos, alguns como questionário (tanto para obter dado cunho qualitativo quanto para obter dados de cunho qualitativo), entrevistas, observações e outras através de pesquisa de campo por tempos distintos.

O problema de saúde Síndrome dos Ovários Policísticos é um dos responsáveis diretos pelo desencadeamento de doenças cardiovasculares, e deve ser tratada de forma mais precoce possível, por isso, há necessidade de apresentação do tema tanto a possíveis pacientes quanto a mulheres de um modo geral, por vários profissionais da saúde. Afinal, existem tratamentos com medicamentos, acompanhamento com profissionais de áreas da medicina (como endocrinologistas e cardiologistas), além de ser possível e tão eficaz quanto, o acompanhamento de outro profissional da saúde: o profissional da Educação Física as atividades físicas, podem devolver a qualidade de vidas das pacientes com SOP, de maneira natural. O mais indicado é que todos os profissionais de saúde, habilitados para lhe dar com o tratamento da síndrome dos ovários policísticos, esclareçam aos seus pacientes sobre os sintomas e principalmente os tratamentos mais indicados cientificamente. Assim, será possibilitado que essas mulheres escolham como enfrentar da melhor forma essa

condição de vida pela qual terão que conviver e, é claro como evitar problemas maiores no futuro, tal como doenças cardiovasculares, sendo assim acompanhamento e estímulo aos exercícios nas unidades e instituições públicas e privadas que dá assistência à saúde da mulher bem como nas escolas.

Palavras-Chave: Atividade Física; Saúde da Mulher; Obesidade; Síndrome Metabólica.

REFERÊNCIAS

MARCONDES, J. A. M. **Hisurtismo: diagnóstico diferencial.** Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia, v. 50, n.6, p. 1108-1116, dezembro, 2006.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.** São Paulo: Atlas, 2005.

MAPEAMENTO DAS INSTITUIÇÕES PRIVADAS LIGADAS AO ESPORTE E LAZER NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA

Rízia Rocha Silva¹
Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo²

Com objetivo de conhecer mais profundamente o campo de atuação dos futuros licenciados em educação física, bem como investigar a atuação tanto do Estado quanto da sociedade civil organizada para propiciar o acesso o ao esporte e lazer à população teixeirense é que foi proposta uma atividade de levantamento de dados acerca das ações organizadas/Formalizadas na área do esporte e lazer. Assim, este trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada no mês de maio em 2015, por discentes do curso de Educação Física VII semestre no componente curricular Aspectos Sociológicos e Antropológicos da Educação Física. Buscou se mapear e caracterizar os espaços de esporte e lazer em Teixeira de Freitas. Ressalta se que este trabalho retrata apenas os espaços ligados à iniciativa privada.

A pesquisa fundamentou se em Marcellino (2000; 2002); Ramos e Izayama (2009). O lazer é algo que está presente na vida das pessoas, mas nem todos sabem a importância dessa atividade, seus benefícios para a qualidade de vida. São compreendidos como atividades realizadas utilizando movimento corporal desde jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismos, contorcionismos, mímicos e outros, levando como contexto físico esportivo (MARCELLINO, 2000; 2002).

O esporte é um meio excelente para a promoção da pessoa humana, pois contribui para o seu aprimoramento físico, o equilíbrio mental e estimula as relações sociais entre os praticantes. Para Ramos e Izayama (2009) o esporte se apresenta como uma manifestação cultural de grande valor na atualidade e está presente em diversos espaços de atividades humanas, como clubes, federações, confederações, escolas, academias, empresas, igrejas, asilos, prisões, organizado formal ou informalmente.

Trata se de uma pesquisa de levantamento de cunho qualitativo e quantitativo, foram mapeadas 45 instituições. Destas, 23 atendiam os critérios de inclusão. Onde também foram excluídas da pesquisa, as empresas que os responsáveis não foram

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física UNEB/DEDCA

² Professora da UNEB/DEDCA

encontrados e/ou não quiseram participar da pesquisa. Sendo assim nossa amostra final de empresas participantes constituiu em 18 instituições. Foi utilizado para coleta de dados, um questionário pré-estabelecido, com oito perguntas sendo elas: nome, caracterização, endereço, modalidades desenvolvidas, objetivos da instituição, público-alvo, quantidade de pessoas atendidas. Realizou-se entrevistas aos proprietários ou responsáveis legais das instituições levantadas.

De acordo com caracterização de cada instituição em que aspecto se enquadra no esporte ou lazer, os resultados demonstraram: 5 são de lutas, 5 de dança, 2 de lazer e tênis e 1 de futsal, natação e vôlei. No tocante a localização e situação do imóvel, - 6 empresas com base em seus endereços se concentraram no bairro “centro”, 5 no bairro “bela vista”, 2 no “Monte Castelo” e no “Jardim Caraípe”, e 1 nos bairros “Kaikan”, “Jerusalém” e “vila caraípe”. A partir dessas informações foram dicotomizadas sobre a distribuição desses espaços, definindo – os como “centro” e “periferia”, sendo 78% e 22% respectivamente. E quanto às informações sobre os imóveis que 56% declararam ser alugado e 44% próprio. Quanto aos objetivos de cada empresa pesquisada, para tal resposta qualificamos quatro opções e as entrevistadas eram livres para marcar quais achassem apropriadas. 32% das empresas declararam que o objetivo era lazer e promoção de saúde, 18% iniciação esportiva, 14% todas as opções e 4% outros, sendo a resposta “disseminar a cultura e educação”. Ao retratar sobre o público-alvo de cada instituição e a quantidade de pessoas atendidas. Das empresas pesquisadas, 45% alegam atender todas as idades, 35% jovens e adultos, 20% crianças e adolescentes e 0% atendem apenas o público idoso.

Os achados do presente estudo revelaram resultados preocupantes. Foi percebido que ainda há poucas iniciativas privadas voltadas para o esporte e lazer, principalmente ao lazer onde apenas duas empresas alegaram trabalhar com este aspecto. Outra observação feita foi à distribuição das instituições que limitam muitas vezes o acesso da população que queira praticar uma atividade física, a concentração das empresas no grande centro, mostra a necessidade de uma melhor distribuição geográfica que atenda a grande população teixeirense.

A pesquisa teve como objetivo mapear e caracterizar as instituições que ofertam esporte e lazer em Teixeira de Freitas. Desde modo foi possível mapear 45 instituições, mas apenas caracterizar 18. Observou-se mediante os dados levantados que há um crescimento no campo das instituições que ofertam atividade física na

cidade, com mais políticas públicas e iniciativas privadas vinculadas ao lazer e o esporte. Por outro lado, os dados levantam preocupações, por exemplo, relacionadas à faixa etária participante, a acessibilidade, inclusão e principalmente o monopólio e centralização destes espaços apenas na região central da cidade, que acabam diretamente ou não excluindo a população moradora de bairros mais distantes do chamado “grande centro”.

REFERÊNCIAS

MARCELINO, N. C. **Estudo do Lazer**: uma introdução. Campinas SP, Autores associados 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **O Conceito de Lazer nas Concepções da Educação Física Escolar: O Dito e o Não Dito**. 2000.

RAMOS, R. & ISAYAMA, H.F. Lazer e esporte: olhar dos professores de disciplinas esportivas do curso de educação física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.379-91, 2009.

O EFEITO QUE A ESCOLINHA DE INICIAÇÃO ESPORTIVA TEM NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS SEUS ALUNOS

Maria de Fátima Gomes Souza Santos¹
Tatiana Ferreira Lima²

Alguns estudos afirmam que os esportes coletivos vêm sendo, ao longo do tempo, usado pelo homem como uma ferramenta de auxílio no processo de desenvolvimento humano em amplos aspectos, auxiliando também no convívio social e no desenvolvimento das habilidades motoras, levando o esporte para além da prática física. Neste contexto, os objetivos principais desta pesquisa foram: verificar a coordenação motora, a lateralidade (esquerda /direita), e desta forma, o desenvolvimento motor dos membros inferiores, considerando que algumas dessas habilidades podem ser treinadas.

Os alunos foram avaliados através de testes específicos para o futebol, tidos como referências para este tipo de análise: teste de velocidade; Shuttle Run; teste de agilidade; Sargento test ou teste de impulsão vertical; e testes de habilidades como a Corrida Sinuosa com condução de bola. Os resultados foram analisados através de tabelas, e obtiveram, em sua maioria, um nível consideravelmente fraco, sendo necessário mais testes para maiores análises. No entanto, é possível perceber alguma característica positiva em relação às habilidades motoras dos indivíduos analisados.

O futebol, no Brasil, se mistura em muitos momentos com a própria história recente do país, tendo se constituído nos últimos cem anos. Embora tenham poucos estudos nesta área, Teixeira et al (2001) afirmam em seus relatos que o futebol é o esporte coletivo mais praticado do mundo, os atletas brasileiros até um passado não muito distante aprendiam a praticar o futebol nas ruas ou nos campinhos de várzea, mas o futebol que tantos valores revelou nestes espaços, virou refém do desenvolvimento urbano, e cada dia mais, vem sendo praticado e desenvolvido no ambiente das escolinhas de futebol e em espaços específicos para treinamento. Por essa razão, é que a pesquisa sobre esse tema tem como objetivo analisar a importância das escolinhas de futebol no desenvolvimento motor dos alunos.

É possível perceber também que crianças carentes encontram no esporte o incentivo à conquistas aliadas ao sentimento de cooperação e inserção social, e

¹ DICIENTE DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UNEB CAMPUS X. EMAIL: fatimafabiogomes@hotmail.com

² DOCENTE DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UNEB CAMPUS X. EMAIL: professoratatianalima@gmail.com

muitos veem, ainda, no futebol, uma chance de ascensão socioeconômica. A escolinha como meio de inclusão social visa o esporte como socialização, motivação e recuperação da autoestima, onde as crianças e adolescentes poderão desenvolver independência, autonomia e confiança em si mesmo, como forma de preparar para vida, cultivando hábitos saudáveis e prazerosos, permitido ainda, o desenvolvimento de habilidades de concentração e coordenação motora.

Estudiosos afirmam que cada criança tem seu desenvolvimento em seu próprio tempo e que deve ser respeitado e oferecidas condições para o aperfeiçoamento, Gallahue, Ozmun e Goodway (2005) mostram em seus estudos que o desenvolvimento motor é um conjunto de processos de mudança que têm lugar durante toda a vida, com ênfase na infância e adolescência, e o padrão desses movimentos mudam drasticamente durante os primeiros 10 anos de vida, mostrando ritmos de desenvolvimento diferentes de criança para criança, ou seja, uma forte heterogeneidade de características entre crianças. Alguns conjuntos de fatores atuam neste processo de diferenciação: fatores biológicos, que determinam aptidões específicas, limites para performance, e tendências de desenvolvimento, os fatores socioculturais, que orientam em parte, as opções de desenvolvimento individual, de grupos e a acumulação de experiência motora, quer esta seja oferecida de forma organizada ou estruturada.

O presente estudo buscou verificar a coordenação motora a partir da entrada na escolinha, e outras habilidades para o desenvolvimento motor dos alunos, como a lateralidade (esquerda /direita), velocidade, agilidade etc. Como metodologia foi realizada pesquisa explicativa de cunho qualitativo, onde a população estudada durante essa pesquisa foi composta por 10 atletas previamente selecionados pelos seguintes critérios de inclusão: a) estar matriculado e frequentando regularmente com um ano ou mais de prática; b) estar dentro da faixa etária de 11 a 13 anos, a partir desses critérios, a pesquisa foi realizada com o consentimento do professor e também responsável pela Instituição. Foram aplicados testes de habilidades motoras específicos para o futebol, os testes foram de velocidade com a corrida de 50 metros, e Shuttle rum, além desses, a Corrida sinuosa com condução de bola, um teste de agilidade, e Sargento test ou teste de impulsão vertical. Todos os testes foram realizados com duas tentativas.

Os resultados foram analisados através de tabelas com classificação desde muito baixo a excelente, levando em consideração a idade e a experiência de cada

aluno. Em quase todos os testes realizados obtiveram-se resultados com classificação baixa, apenas um atleta conseguiu em um dos testes de velocidade um tempo excelente. Desta forma, conclui-se ainda, que são necessárias maiores análises para o desempenho motor dos alunos, além de um possível acompanhamento nas turmas das escolinhas de futebol. Levando em consideração que todos os atletas tenham recebido treinamento sistematizado e específico do esporte, esperava-se que os fatores relacionados ao acúmulo de experiência motora pudessem contribuir para resultados mais elevados. No entanto, mesmo com resultados abaixo do esperado para os testes aplicados, foi possível perceber que as características relacionadas aos aspectos sociais como socialização, integração, cooperação e inclusão, inerentes às atividades físicas coletivas, fazem parte do grupo pesquisado.

Palavras-chaves: Inclusão Social; Futebol; Desenvolvimento Motor; Habilidades.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. **Revista o Movimento**, Porto alegre, v. 10, n. 3, p.99-111. 2005.

GALLAHUE, OZMUN e GOODWAY. **Compreendendo o desenvolvimento motor: Desenvolvimento do sistema sensório motor oral e motor global em lactentes pré-termo**. 7^a edição, Editora AMGH. 2005.

XAVIER, André Xavier da Silva. **História do futebol no Brasil**: uma análise a partir do materialismo histórico-dialético. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Londrina, 2011.



Pesquisas e Práxis Pedagógica História

OS CORTIÇOS E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO DURANTE SEU PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NA VIRADA PARA O SÉCULO XX

Samara Santana Silva¹

O Rio de Janeiro na virada para o século XX sofre um longo processo de modernização que teve também por finalidade fazer com que a elite carioca ocupasse os espaços até então utilizados pelos negros e imigrantes nos grandes centros urbanos, além de espaço de trabalho, que era ocupado pela classe baixa, eles também tinham os espaços de moradia, que eram chamados de cortiços. O processo de modernização foi gradual e teve sua inspiração na Europa. Esse artigo problematiza como o processo de modernização do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX afetou os cortiços e a cidade, mostrando assim como essa nova visão de cidade moderna atingiu as classes altas e baixas.

Para o desenvolvimento do artigo foram utilizados os seguintes autores: Santana (2013) na discussão acerca da estrutura da cidade do Rio e as reformas no século XIX, Tourinho (2007) que aborda a influência da Europa na modernização do Rio de Janeiro e por fim Nóbrega (2007) que discute onde se situava a população pobre e trabalhadora do Rio durante esse processo de modernização contextualizando assim suas moradias, o cortiço.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada nas obras indicadas vimos que a necessidade de uma moradia barata que ficasse próximo ao local de trabalho, o qual se concentrava no centro da cidade, fez com que habitações de aluguel fossem surgindo. O preço acessível à classe trabalhadora fez com que essas moradias se popularizassem. Ao tempo em que houve uma grande vontade por parte da elite de ocupar os espaços dos centros urbanos, assim como ocorreu na Europa, mas esses espaços, aqui no Brasil, não eram apropriados, pois não tinham uma estrutura física adequada à posição social que eles ocupavam. À época os cortiços, e seus moradores, foram os grandes acusados, pela elite carioca, de enfeiar a cidade além de espalhar doenças.

Com o surgimento da vontade da nata carioca de ocupar os centros, em prol de interesses próprios, fez crescer o desejo de uma cidade, que buscava se aproximar dos parâmetros europeus, com avenidas largas, estas agora entendidas também

¹ Discente(a) do curso de Licenciatura em História – VI Período, Universidade do Estado da Bahia UNEB/ DEDC- DEDC/X Campus X

como sendo para circulação de um dos símbolos de poder e modernidade, os automóveis. Para isso era preciso derrubar aquilo que não se adequava ao modelo desejado. Estabeleceu-se então o “Bota abaixo” da reforma urbanística de Pereira Passos. Sendo assim, as primeiras “vítimas” da modernização foram os moradores desses cortiços, que tiveram suas casas demolidas durante as reformas urbanas. É possível perceber os dois lados da moeda da modernização no Rio de Janeiro, sendo um lado à elite carioca que queria melhorias na estrutura da cidade para assim poder ocupar novos espaços além do privado, e o lado das classes baixas da população do Rio de Janeiro que tinha suas residências localizadas nos cortiços marginalizados durante esse processo de modernização na virada para o século XX.

É importante considerar que esse artigo revelou alguns aspectos, mas a discussão sobre os cortiços e a cidade do Rio de Janeiro vai muito além das questões aqui analisadas, por seu turno os estudos revelam que é uma temática importante para debater e entender os espaços que a população mais pobre ocupa na cidade do Rio de Janeiro hoje e as desigualdades sociais presentes na cidade.

Palavras-chave: Modernização, Cortiços, Rio de Janeiro e Moradores.

REFERÊNCIAS

NÓBREGA, Edson Diniz. **O Programa Criança Petrobras na Maré em oito escolas públicas do maior conjunto de favelas do Brasil.** Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007.

SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908).** Salvador, UFBA, 2013.

TOURINHO, Adriana de Oliveira. **A influência das reformas urbanas parisienses no Rio de Janeiro dos anos 20.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

EXTRATIVISMO MADEIREIRO, TRABALHO E MEIO-AMBIENTE: A FORMAÇÃO DO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)

Márcio Soares Santos¹

O presente projeto de pesquisa é resultado do Programa de Iniciação Científica da UNEB, e é parte de um projeto de pesquisa mais amplo, de dedicação exclusiva da docência. Objetiva investigar a história socioeconômica e socioambiental do extrativismo madeireiro e a organização do trabalho nesta atividade no Extremo Sul da Bahia, entre 1948 e 1972. Em meio à conjuntura nacional de avanço das políticas econômicas desenvolvimentistas, e diante do contexto regional do início da atividade empresarial de extração predatória sistemática de árvores nativas da Mata Atlântica, iniciada por volta de 1948, até a conclusão das obras de construção da BR 101 em 1972. A investigação visa a estruturação da produção econômica extrativista vegetal, a organização social do trabalho, os impactos socioambientais do extrativismo madeireiro predatório sistemático, a identificação dos mecanismos de controle e exploração do trabalho, a experiência de classe dos trabalhadores madeireiros e urbanização regional. Ademais, busca oferecer uma compreensão histórica dos principais problemas que marcaram a história desta região, muitos deles presentes ainda na atualidade.

Tomamos por referencial teórico o materialismo histórico-dialético (MARX, 2013; CARDOSO, 2000; LÖWY, 2014; HOBSBAWM, 1998), no intuito de produzir conhecimentos históricos que possam subsidiar debates e ações, que possibilitem refletir sobre a história regional. A partir de insatisfações com o presente, interrogar o passado, visando elaborar possibilidades novas de desenvolvimento social, econômico e ambiental para a região.

Metodologicamente, busca por meio de levantamento bibliográfico e documental da atividade madeireira predatória sistemática na região e período citados, compreender o estado atual dos saberes disponíveis, bem como aprofundar temáticas e ampliar o conhecimento existente. A seleção das fontes para a realização da pesquisa apoia-se em cinco conjuntos documentais, por meio dos quais se apresentam as questões estatísticas, demográficas, econômicas e ecológicas. O primeiro deles é a bibliografia composta de livros e artigos publicados sobre o Extremo

¹ Professor Assistente do Colegiado de História, Campus de Teixeira de Freitas, da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: mss.hist@gmail.com.

Sul da Bahia do período (CERQUEIRA-NETO, 2011, 2013; MACHADO, 2000; KOOPMANS, 2005; RALILE, 2006; MAGALHÃES, 2015; HOOIJ, 2011;). O segundo é composto de monografias, dissertações e teses (CERQUEIRA-NETO, 2001, 2009; FERREIRA, 2010; MACHADO, 2000; OLIVEIRA-JR, 2014). O terceiro compreende material factual e estatístico, como os estudos produzidos pela Superintendência de Estudos Econômicos e Social (SEI, 2015), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1956, 1970) e por entidades não governamentais como o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS, 1966). O quarto corpo documental é composto de artigos jornalísticos publicados nos anos 1960-70, abordando temas sobre a região comuns à época: derrubada indiscriminada de matas, exploração de trabalhadores e violência. O quinto e último conjunto de documentos será obtido com o recurso à história oral (AMADO, 2006).

Serão realizadas entrevistas gravadas com pessoas que viveram na região, orientadas por roteiros semiestruturados. Até onde temos conhecimento inexiste estudo histórico do extrativismo madeireiro por meio da organização do trabalho. Nesse sentido, visamos ampliar a base das pesquisas sobre a produção extrativista madeireira na gênese da formação social do Extremo Sul baiano. A importância desta investigação não se dá apenas para cobrir lacunas do conhecimento. Trata-se também de colocar no centro da observação histórica os grupos sociais regionais.

A pesquisa já apresenta alguns resultados. Em primeiro lugar, a constatação de que, por volta de meados do século XX, acorreram para o Extremo Sul baiano massas de pessoas provenientes do Norte do Espírito Santo, Nordeste de Minas Gerais e Sul e Sudoeste da Bahia, em busca de emprego e riqueza. Em poucas décadas houve acelerado adensamento humano, intensa exploração dos trabalhadores, incessante devastação ambiental, desestruturação do modo de vida de comunidades tradicionais (indígenas, posseiros), violência social e política. Segundo o Extremo Sul da Bahia apartar-se do Sul da Bahia, na parte setentrional, em razão do limite da expansão da fronteira cacaueira; na porção meridional permanece a configuração dada historicamente com o estabelecimento, desde a República, das fronteiras entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.

O Extremo Sul da Bahia foi reconhecido oficialmente como sub-região nos anos 1960 (BLATT, 2013). A região forjou-se economicamente primeiro em função da exploração madeireira em área de Mata Atlântica, e pela subsequente atividade pecuária extensiva. O impulso mercantil regional inicial dado pela atividade madeireira

predatória, numa área de mata bastante preservada ainda por volta de meados do século XX e mal administrada pelo Estado, gerou novos espaços de ocupação e urbanização. Na virada da primeira para a segunda metade do século XX o extrativismo madeireiro predatório torna-se sistemático com a chegada das primeiras grandes empresas madeireiras, nos anos 1940, até por volta de 1972, quando da inauguração da rodovia federal BR 101, momento em que abre outra etapa de desenvolvimento regional. A formação socioeconômica do Extremo Sul da Bahia, marcada, entre outras atividades econômicas, pelo extrativismo madeireiro predatório sistemático, forjou um modelo de desenvolvimento regional socialmente excludente, ambientalmente devastador e economicamente desigual.

Palavras-chaves: Extrativismo madeireiro sistemático; Extremo Sul da Bahia; trabalho; meio-ambiente.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA-NETO, Sebastião. **Contribuição ao estudo geográfico do município de Nanuque-MG.** Uberlândia-MG: UFU, 2001 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

_____. **Do isolamento regional à Globalização:** contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia. São Cristovão-SE: UFSE, 2009 (Tese de Doutorado em Geografia).

_____. O Extremo Sul da Bahia que não pertence a Bahia. In. **Caminhos da Geografia.** Universidade Federal de Uberlândia, 2011. (Revista eletrônica). Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/16566-61935-1-PB.pdf>

_____. Construção geográfica do Extremo Sul da Bahia. In. **Revista de Geografia (UFPE).** Recife, 2013 (Revista Eletrônica). Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/567/489>

MAGALHÃES, C; FAVERETO, A.; BUZATO, H. Território do Extremo Sul da Ba. In. **XVI ENANPUR**, 2015, Belo Horizonte. Anais do XVI ENANPUR. Belo Horizonte, 2015. 17 p.

CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais). **Estudos sociorreligiosos.** Parte I: estudo socioeconômico. Rio de Janeiro, 1966, n. 4. 326 p. Mimeografado.

IBGE. **Brasil – Censo demográfico.** Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1956. V. 1.

_____. **Censo demográfico 1970 – Bahia.** Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1973. V. I, t. XIII (Série Regional).

SEI. Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia. Edições SEI: Salvador, 2015. V. 1.

AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

CARDOSO, Ciro F. S. O trabalho na Colônia. In. LINHARES, M. Y. (Org.). **História geral do Brasil.** 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

HOBSBAWM, Eric. O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea? In. _____. **Sobre História.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HOOIJ, Frei Elias. **Os “desbravadores” do Extremo Sul da Bahia:** história da presença franciscana nessa região. Belo Horizonte: Província Santa Cruz, 2011.

KOOPMANS, Pe. José. **Além do eucalipto:** o papel do Extremo Sul. 2 ed. Teixeira de Freitas-Ba: DDH/CEPEDES, 2005.

LÖWY, Michael. **O que é ecossocialismo?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MARX, Karl. **O capital.** São Paulo: Boitempo, 2013. Livro 1.

RALILE, Benedito. **Relatos históricos de Caravelas (Desde o século XVI).** Fundação Professor Benedito Ralile. Caravelas-Ba, 2006.

MACHADO, Gustavo. **Tendências e contradições na formação regional do Extremo Sul da Bahia entre 1950 e 2000.** Salvador: UFBA, 2000 (Dissertação de Mestrado).

FERREIRA, Susana. **A vida privada de negros pioneiros no povoamento de Teixeira de Freitas na década de 1960.** Teixeira de Freitas: UNEB, 2010 (Monografia de Graduação).

MACHADO, Gustavo. **Tendências e contradições na formação regional do Extremo Sul da Bahia entre 1950 e 2000.** Salvador: UFBA, 2000 (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA-JR, Aílton. **Ocupação e desenvolvimento do espaço urbano teixeirense (1950- 1970).** Teixeira de Freitas-Ba: UNEB, 2014 (Monografia de Graduação).

O PERFIL DOS SUJEITOS ESCRAVIZADOS E INGÊNUOS NA VILA DE CARAVELAS, BA - NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO (1870-1888)

Fernanda Silva Souza¹

O presente trabalho é resultado das atividades desenvolvidas durante a iniciação científica no período de agosto de 2016 a julho de 2017. O contato com as fontes primárias localizadas na Cúria Diocesana de Teixeira de Freitas e o cruzamento dos dados levantados com a bibliografia sobre o contexto abolicionista nos fez caminhar para a complexidade das relações escravistas após a Lei de 1871, denominada Lei do Ventre Livre, percebendo o perfil da população escravizada e dos ingênuos, filhos e filhas de escravas, libertos com a Lei de 1871.

Localizamos na historiografia baiana estudos que analisaram a província do extremo sul da Bahia, antiga capitania de Porto Seguro. Os trabalhos de Iacy Mata (2007); Wlamyra Albuquerque (2009); Ricardo Silva (2007) não fixaram suas análises nas vilas do extremo sul da Bahia, mas trazem no bojo da discussão, fontes que indicam caminhos para a escrita do contexto final da escravidão, e do pós-abolição. Sobre a região em questão há uma lacuna na historiografia que compreende o período imperial, localizamos a dissertação de Alane Carmo (2010) sobre a Colônia Leopoldina no contexto final da escravidão. Quando tratamos em específico dos estudos que analisam as fontes paroquiais da vila de Caravelas, localizadas na Cúria Diocesana de Teixeira de Freitas, encontramos apenas a dissertação de Uerisleda Moreira (2014) que se debruçou nos assentos de batismo e analisou os laços familiares entre os anos de 1840 -1860.

Após a revisão bibliográfica, seguimos com a análise do Recenseamento Geral de 1872 que apresentou dados demográficos da população da “Parochia de Santo Antônio de Caravellas”, nos fixamos na tabulação dos dados referentes aos sujeitos escravizados. A partir da coleta destes dados traçamos um perfil desses sujeitos escravizados, apontando o sexo, a cor, a idade, o estado matrimonial e a ocupação. Também analisamos os registros de batismo de 1870 – 1888.

Uma das primeiras problemáticas levantadas com a pesquisa foi o silenciamento em torno da população escravizada no extremo sul da Bahia. Um

¹ Acadêmica do curso de História IX. Universidade da Bahia- UNEB- Campus X. Bolsista de iniciação científica. Orientadora Professora Mestre Priscila Santos da Glória.

elemento indicador deste silêncio foram os assentos rasurados encontrados logo após a promulgação da Lei de 1871. O cruzamento dos dados demográficos do primeiro Recenseamento Geral do Brasil com os assentos de batismo revelou uma incidência grande de uniões legitimadas pela Igreja Católica no período de 1870- 1888. Evidências que reafirmam a existências de famílias cativas em um contexto final da escravidão. Quanto às classificações de cor encontramos diferenças quando comparamos os dados do recenseamento com os assentos, onde a uma classificação em torno de designações de “pardo” e “preto”, e nos registros paroquiais além do pardo, encontramos crioulo e cabra que delimitam a herança escravista dos ingênuos, classificações que se tornam mais frequentes após a Lei de Ventre Livre. Quanto aos padrinhos no período de 1870-1888 prevalece à condição social igual e/ou superior à dos batizados, a maioria dos padrinhos eram sujeitos livres, sendo que as madrinhas há um número maior de mulheres escravizadas batizando crianças ingênuas.

Palavras-chave: Escravidão, ingênuo, batismo, ventre-livre.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação** – Abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARMO, Alane Fraga do Carmo. **Colonização e Escravidão na Bahia**: a colônia Leopoldina (1850-1888). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História. Salvador: UFBA, 2010.

MATA, Iacy Maia. “**Libertos de treze de maio**s” e ex-senhores da Bahia: conflitos no pós-abolição. In: **Afro-Ásia**, n.35, 2007, p. 163-198.

MOREIRA, Uerisleda Alencar. **Laços afetivos e familiares**: relações parentais legitimadas nos ritos católicos em Caravelas, BA, entre 1840-1860. Dissertação Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2014.

SILVA, Ricardo Tadeu Caires. **Caminhos e descaminhos da abolição**: escravos, senhores e direitos nas últimas décadas da escravidão (Bahia, 1850-1888). Tese (Doutorado em História Social). Curitiba: UFPR/SCHLA, 2007

ROCK AND ROLL ANOS 80: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CONTRADIÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS NA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA

Jasmim Lima dos Santos¹
Jonathan de Oliveira Molar²

Este projeto visa trabalhar a música não como um instrumento de prazer e distração, mas como uma importante fonte histórica que leva o indivíduo a refletir o contexto inserido por trás de suas letras. E esse será seu papel aqui, tendo como objetivo analisar e compreender a realidade do contexto social e político da sociedade do Brasil na década de 80 através das músicas e dos intérpretes do Rock and Roll nesse período, utilizando bandas que representaram todo esse contexto como Cazuza, Engenheiros do Hawaii, Titãs e Legião Urbana, que com suas músicas conseguiram representar a visão da própria sociedade diante ao que ocorria no país, suas letras servem como base para o entendimento dessa sociedade que esteve focada, principalmente, em uma geração jovem cujas formas de expressões eram reconhecidas pelos exageros, a linguagem poética, as fortes críticas, palavrões e os solos de guitarra, aonde o estilo extravagante do Rock and Roll foi utilizado como um meio para serem ouvidos.

O Rock nacional como fonte dessa pesquisa visa através desse gênero musical que representou a luta da sociedade brasileira na década de 80 estudar o contexto nacional de redemocratização brasileira, pois a música dos anos 80 fala dos conflitos não somente dessa juventude, mas também traz a relação dos problemas sociais e políticos que ocorriam no país, os conflitos de classes, luta pelo poder, reestruturação política, e a participação popular em lutas e manifestos para se tornarem os protagonistas de sua própria história. Buscando assim, entender a contradição dessa representatividade musical, uma vez que os intérpretes eram burgueses falando e cantando sobre lutas e conflitos populares. A música como fonte historiográfica tem um importante papel, pois nela se encontra inserida as mais diversas realidades expressas por meio de seus compositores. Podendo ela ser encarada como uma rica fonte de compreensão do indivíduo e da sociedade a qual ela está inserida.

¹ Graduanda do VI período do curso em licenciatura plena em História na Universidade Estadual da Bahia – UNEB campus X.

² Docente na Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus x.

Desse modo, podemos entender o processo de redemocratização brasileira na década de 80 em base das músicas e intérpretes do Rock in Roll que representaram através de suas letras as lutas, desigualdade social e as críticas políticas do país durante esse período. Entendendo a partir desse fato as contradições existentes na representatividade dos intérpretes da música diante a realidade social do país expressa em suas letras.

Com base nas leituras e análises das músicas foi possível compreender o processo e o contexto da redemocratização do Brasil durante a década de 80. Problematizando a realidade dos intérpretes do rock nacional e as contradições na representatividade musical neste período, contrapondo a vida dos intérpretes com suas letras com a realidade tanto política quanto social do povo brasileiro. A música não é apenas para ser ouvida, mas também para ser estudada, pensada e analisada. Através dela é possível analisar o contexto de redemocratização do Brasil durante a década de 80, conhecer a vida dos intérpretes e problematizar a representatividade de tais bandas que foram conhecidas por expressar e representar a luta do povo neste período. Entendendo a contradição da representação de tais bandas diante a realidade tanto pessoal quanto social e político do Brasil.

Palavras chaves: Música; Rock and Roll; Política; Desigualdade social.

REFERÊNCIAS:

CAZUZA, **Burguesia**. Intérprete: Agenor de Miranda Araújo Neto. Álbum: Burguesia. 1989.

CAZUZA, **Ideologia**. Intérprete: Agenor de Miranda Araújo Neto. Álbum: Ideologia. 1988.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Annales*(NOV-DEZ, 1989, Nº6, pp.1505 – 1520). In: *Estudos Avançados*, 11(5), 1991.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. **Da paulicéia à centopeia desvairada: as vanguardas e as MPB/** Sylvia Helena Cyntrão e Xico Chaves. – Rio de Janeiro: Elo, 1999.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2010.

FAUTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da educação, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de Um Paradigma Indiciário**. In: Carlos Ginzburg. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia De Letras, 1989.

HAWAII, Engenheiros. **Crônica**. Intérprete: Humberto Gessinger. Álbum: Longe demais das capitais. 1986.

HOBSBOW, Eric.J. **Mundos do Trabalho**/ Eric J. Hobsbaw – Tradução Waldea Barcellos e Sandra Bredan. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música – história cultural da música popular**/ Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**/ Renato Ortiz – São Paul: Brasiliense,2004.

PINHEIRO, Milton (org). **Ditadura: O que resta da transição**. São Paulo; Boitempo, 2014.

REIS, José Roberto Franco. **O coração do brasil bate nas ruas: a luta pela redemocratização do país**. In: PONTE, Carlos Fidélis; FALLEIROS, Ialê (orgs). Na corada bamba de sobrinha: a saúde no fia da história. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPSJV, 2010, pp.221-236.

ROCHEDO, Aline. **A catarse histórica de uma geração engasgada: Juventude urbana e o rock nacional dos anos 1980**. Aline do Carmo Rochedo, trabalho apresentado no I congresso internacional de estudos do rock.2013.

SANTAGADA, Salvatore. **A situação social do Brasil nos anos 80**. V.17, n.4, 1990.

SILVA, Roberta. **O rock nacional dos anos 80 dá o seu recado**. Roberta Ferreira dos Santos Silva e Elizete Mello da Silva, trabalho de pesquisa do Mestrado em Comunicação Midiática na UNESP. 2007.

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária**/ Edward P. Thompson – Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

TRINDADE, Luane. **Rock: Cultura política e movimentos sociais**. Luane Nunes Trindade e Carlos Roberto da Rosa Rangel, Trabalho de Iniciação Científica UNIFRA. 2013

URBANA, Legião. **Geração coca cola**. Intérprete: Renato Russo. Álbum: Geração coca cola. 1985.

CULTURA, SOCIEDADE E RACISMO EM SALA DE AULA

Paulo Viana Felix¹
Ediane Lopes Santana²

Este resumo é resultado de um estudo proposto pela disciplina Tópicos Especiais de Estudos em África III do curso de História do Campus X – UNEB. Esta produção teve como finalidade, analisar o aparelho educacional na transmissão de ideologias que levam a construção de pensamentos racistas na formação coletiva dos indivíduos. Objetivamente, busca problematizar a concepção de cultura buscando pensar a relação de dominação entre grupos de elite e grupos populares, analisando a estrutura educacional na transmissão de ideologias.

Quando nos referimos ao termo cultura é comum que nosso pensamento busque duas classes de definição cultural, uma primeira que se associa a um conhecimento da elite da sociedade, e um segundo que se imagine pertencente a uma cultura de massa das classes menos favorecidas. Assim, polarizando a cultura entre erudita e popular, não é muito difícil de entendermos essa divisão do mundo atual. Mas quando se diferencia o mundo de uma elite dominante bem desenvolvida e um grupo social inferior tanto no contexto intelectual quanto no poder monetário, conservamos uma ideologia dominante que está a serviço de uma elite conservadora que durante muito tempo construiu seus meios de dominação tanto ideológicos quanto repressivos.

E, pensando nessa relação de dominação temos que considerar o ser humano em sociedade, buscando entender minimamente o que seria cultura. Assim como José Luiz dos Santos (2006) afirma que a discussão sobre cultura está diretamente ligada a existência humana em todas as suas possibilidades, então devemos sempre imaginar cultura como as formas de relações sociais criadas pelo ser humano, sendo impossível imaginar o termo sem levar em conta a presença humana. Entendendo o aparelho escolar como um dos meios de afirmação da ideologia de um grupo social, definido por Althusser (1985) de aparelho ideológico do estado, tendo função muito importante para a manutenção das concepções do grupo detentor do poder.

¹ Discente do curso de licenciatura em História – XI Período, Universidade do estado da Bahia – UNEB.

² Professora Assistente/DE da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - CAMPUS X) em História. Mestra em História Social do Brasil pela Universidade Federal da Bahia (2009). Possui graduação em História (licenciatura) também pela Universidade Federal da Bahia (2006).

Quando pensamos no Brasil, vemos uma afirmação do convívio pacífico entre os grupos étnicos, o que não condiz com a construção social vivida no cotidiano brasileiro. Esse racismo é comum nos livros didáticos, nos programas televisivos, nas propagandas, a cada instante somos bombardeados por mensagens que buscam manter o status quo, construindo dessa maneira uma interpretação da realidade a partir de um modelo devidamente preparado e interiorizado na sociedade.

A metodologia para a produção desse trabalho foi basicamente embasada em pesquisa bibliográfica, para assim ser realizada uma análise da realidadeposta a partir das leituras. Para que isso seja possível foi tomado como aporte teórico autores como Louis Althusser (1985) e sua obra **Aparelhos ideológicos de estado** para pensar a ideologiaposta na educação e transmissão de ideais na formação social do indivíduo; José Luiz dos Santos (2006), para entendermos um pouco a definição de cultura como evolução intelectual e prática social, e por fim para que se concretize essa relação educação e ideologia, as obras de MUNANGA (2005), SILVA (2005), SANTOMÉ (1995) e MORIM (2000).

A metodologia aplicada possibilitou identificar a realidade tanto social quanto estrutural na construção do indivíduo, levando a uma busca incansável do ideal imposto pela sociedade, na ilusão de adequar-se aos padrões preestabelecidos por um grupo social, rejeitando qualquer construção cultural que não se adeque aos ideais, mas as culturas ignoradas por esse ideal imposto está imbricada na realidade de uma sociedade. A partir das leituras foi concluído que exatamente por vivermos numa sociedade regida pela visão ocidental, e mais precisamente eurocêntrica, os outros povos que formaram a nação levando a uma miscigenação presente em todos os indivíduos, não são vistos na atual dinâmica educacional brasileira, que se fecha numa concepção elitista construída a partir da percepção social de um único grupo. Isso acaba por cristalizar e convencionar ideologias que tem como resultado atos racistas que se limitam a uma visão simplista quando jugam pejorativamente os indivíduos a partir da cor de sua epiderme, e ignoram os inúmeros laços Interétnicos que construiu a sociedade e deram origem a incontáveis culturas híbridas.

Palavras-chave: Cultura, Educação, Ideologia, Racismo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOMÉ, J.T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T.T. (Org.). **Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Ana Célia da Silva. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TRABALHO DAS MULHERES NEGRAS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉOS NO SÉCULO XIX

Kristiane Andrade da Silva¹
Ediane Lopes Santana²

Os diferentes trabalhos exercidos pelas mulheres negras, escravas ou libertas, foram empregados em vários aspectos em nossa sociedade, desempenhando diversas ligações comerciais. O trabalho de ganho foi uma dessas transações mais importantes durante os séculos XVIII e XIX. SOARES (1994) nos mostra a presença ativa e a vida das mulheres negras nas cidades, como seu trabalho foi utilizado em atividades domésticas e comerciais, especificamente nas capitais de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e interior de Minas Gerais, onde se concentravam as lavras, e o fluxo de pessoas era bem maior, e nos apresenta várias questões sobre os trabalhos que essas mulheres negras exerciam para sobreviver.

Sobre as mulheres negras trabalhadoras no Sul da Bahia, especificamente na Vila de São Jorge dos Ilhéus, no século XIX, estudos feitos apontam que elas em si eram a maioria, e que a mão-de-obra negra escrava/forra das mulheres foi importante para a economia ilheense em meados do século XIX, em virtude da produção de farinha de mandioca, uma vez que essas mulheres estavam ocupadas no plantio desta raiz ou no processamento da mesma. Para, além disso, a segunda ocupação em que mais escravas estavam inseridas era dos serviços domésticos. No âmbito de trabalho doméstico, incluía várias tarefas como as de mucamas, lavadeiras, costureiras, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras e amas-de-leite, segundo ANDRADE (2011).

Partindo do pressuposto, dos exemplos de trabalhos feitos pelas mulheres, nas grandes cidades da época ou no interior, como na Vila de São Jorge dos Ilhéus, busco mostrar, o *avesso de uma memória* daquelas que foram personagens tão marcantes na nossa sociedade. É evidente que a maioria dessas mulheres ficou no anonimato, mas houve quem conseguisse marcar seu lugar na sociedade, trilhando a trajetória da alforria e da ascensão social, superando obstáculos, personificando modelos de resistência e independência no mundo patriarcal e escravista. (SOARES, 1994).

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História – IX Período, DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, andradekris@hotmail.com

² Professora Mestre do Colegiado de História – DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, professoraedianelopes@yahoo.com

Este trabalho busca compreender os diversos tipos de trabalho exercidos pelas mulheres negras na Vila de São Jorge dos Ilhéus no século XIX. Para análise utilizarei a pesquisa de campo, no qual um dos métodos será de cunho teórico, com base em pesquisas bibliográficas a partir de materiais publicadas em livros, artigos, dissertações, teses e etc. Também, era feita uma pesquisa documental, onde por meio dessa será realizada uma investigação, com o objetivo de descrever e comparar os costumes, comportamentos, diferenças e outras características, através da busca metodológica com uso de diversas possíveis fontes escritas, como cartas de alforria, registros paroquiais, fazendo cruzamentos com censos realizados no século XIX na cidade de Ilhéus.

Esse trabalho justifica-se pelo fato das mulheres negras de São Jorge de Ilhéus no século XIX estarem inseridas em diversos contextos, tanto na zona rural quanto na urbana. Muitas eram ainda escravas, porém, com os trabalhos exercidos por elas, e as manumissões, muitas já tinham em mãos sua alforria, ou seja, liberta. Um dado importante para a nossa reflexão é a constatação de que as escravas alcançavam a alforria com mais frequência que os homens. (ANDRADE, 2014). Na Vila de São Jorge, algumas pesquisas assinalam que elas também eram maioria na população, como aponta os dados do censo de 1872, onde as escravas aparecem em superioridade e dentre elas existia um pequeno percentual de africanas. (ANDRADE, 2014). Portanto, almejo a partir de um novo olhar sobre diferentes fontes junto com os acima citados, demonstrar, com essa pesquisa, a visibilidade do trabalho da mulher negra no campo e na cidade no período do século XIX, e como esses trabalhos não ficaram somente dentro da perspectiva agrícola ou apenas mucama dentro das grandes casas.

Este projeto teve início através de estudos debatidos em sala de aula, sobre a participação da mulher negra e os diversos trabalhos exercidos por elas, em diferentes situações da sociedade brasileira, na disciplina de Brasil século XIX, no IV período, e desde então, cresceu uma inquietação, tornando-se assim meu projeto de pesquisa de TCC, portanto, ainda está em processo.

Assim, a partir desses estudos mais gerais, tenho interesse em compreender esse fenômeno do trabalho para São Jorge dos Ilhéus, se há correspondências com esse trabalho mais geral, ou se tem algo que a diferencia desses outros trabalhos. Pois verificando os trabalhos mais gerais exercidos pelas mulheres negras através da pesquisa de SOARES (1994), houve indagação que esses trabalhos, poderiam ser

afazeres específicos devido à questão do cacau. A partir desse contexto, procurarei evidenciar uma mulher negra ativa, e não aquela totalmente submissa, mostrando assim a organização durante os trabalhos exercidos e sua força, contribuindo para os estudos sobre a História da mulher e da História da mulher negra.

Palavras-chave: Mulheres negras; Ilhéus; Trabalho; Cotidiano.

FONTES MANUSCRISTAS

Seção Judiciária. Livros de notas da vila de São Jorge dos Ilhéus, 1806-1848. Cartas de liberdade. Seção Judiciária, banco de dados, CEDOC/UESC.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 2011, SÃO PAULO, 2011 ANAIS ELETRÔNICOS DO XXII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 2014. *Anais Apresentado*. SÃO PAULO: ANPUH, 2014.

ANDRADE, M. L. **Nos labirintos da liberdade. Das alforrias na lavoura cacaueira (Ilhéus – BA, 1810-1850) à discussão historiográfica acerca das manumissões no Brasil no Brasil do século XIX.** 2014. 215 fls., Dissertação de Pós-graduação em História da Economia –, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOARES, C. M. **Mulher negra na Bahia no século XIX.** 1994. 126 fls., Dissertação de Mestrado em História –, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 1994.

INDÍCIOS DO PASSADO NO PRESENTE: A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932 E O PROCESSO DE IMPEACHMENT EM 2016

Jasmim Lima dos Santos¹

Laís Assunção Moreira²

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes³

O presente artigo é parte do requisito de avaliação do componente curricular História do Brasil séc. XX que propôs a elaboração de um artigo referente aos assuntos explorados ao longo do semestre 2015.1. Tal artigo tem como objetivo analisar acontecimentos e o contexto sociopolítico da Revolução Constitucionalista de 1932 e o processo de *Impeachment* em 2016, identificando semelhanças entre ambos os acontecimentos.

Sabendo que, o processo político da Revolução constitucionalista não teve seu fim unicamente em 1932, pois, podemos perceber sua repercussão e suas ideias refletirem ainda nos dias atuais da política brasileira. Em 2016 o Brasil passa mais uma vez um processo político que abala a estabilidade do governo do país, levando uma grande parte da população às ruas se dividindo em grupos pró e contra o governo estabelecido. Por se tratar de um processo recente e ainda em desenvolvimento faz-se necessário o seu estudo, compreensão e conhecimento, entendendo que os fatos políticos ocorridos nos dias atuais não são isolados e únicos na história brasileira, mas fruto de um longo processo.

Portanto, ao se estudar a história do Brasil, vemos claramente relações entre o passado e o contexto social que hoje vivenciamos, através das semelhanças de pensamentos, discursos e acontecimentos. O que nos levou a buscar e compreender as semelhanças políticas por trás dos recentes acontecimentos com épocas passadas, a fim de que assim, possamos ter um melhor conhecimento sobre a nossa atual realidade e a história que está em constante desenvolvimento sendo esta caracterizada por permanências e rupturas.

Este artigo aborda o desenvolvimento e o contexto que se deu a revolução constitucionalista de 1932 e o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016. São apresentadas as características de cada movimento, como a

¹ Graduanda do VI período do curso em licenciatura plena em História na Universidade Estadual da Bahia – UNEB campus X.

² Graduanda do IV período do curso em licenciatura plena em História na Universidade Estadual da Bahia – UNEB campus X.

³ Docente na Universidade do Estados da Bahia – UNEB campus X.

participação popular, os grupos que protagonizaram, a visão dos aliados e da oposição dos movimentos. Também analisamos os interesses dos envolvidos em cada movimento e identificamos às semelhanças entre ambos os acontecimentos.

Em 2016 o Brasil passa mais uma vez por uma crise política que envolve o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e o país se mobiliza entre manifestações contra e a favor da presidente. Pode-se dizer que o país foi dividido entre discursos inflamados a partir da imagem divulgada pela direita que o *impeachment* era em defesa da democracia, e da esquerda que afirmava estar sofrendo um golpe devido a insatisfação da direita com a derrota nas eleições presidenciais de 2014. Esta análise foi feita com base em jornais, artigos, livros, documentários sobre o assunto.

Para expor sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 utilizamos autores como Vanessa Nunes (2013) que discorre sobre as articulações da revolução; João Paulo Rodrigues (2006) que discute a influência da mídia; e Mary del Priore e Renato Venâncio (2010) que traz o contexto que antecede o movimento de 1932. O processo de *impeachment* foi abordado através de discursos dos deputados, da presidente e dos envolvidos diretamente no processo. Para abordar o que é o golpe de estado utilizamos os estudos de Bianchi (2016) e Naudè (1679). Embora a Revolução Constitucionalista de 1932 tenha ocorrido há 84 anos, podemos ver indícios de semelhanças com o atual cenário da política brasileira, sobretudo no processo de *Impeachment* iniciado em 2015. Vemos novamente o conflito entre golpe e revolução no cenário político brasileiro, onde de acordo Gabriel Naudè (1679) a revolução está ligada àquelas ações extremas que os líderes são forçados a tomar em situações difíceis e desesperadas, contrariando à lei comum e colocando de lado o interesse particular em benefício do bem público. A diferença entre golpe e revolução estaria então nos sujeitos desses processos. Enquanto o Golpe de Estado tem por sujeito a burocracia estatal, a revolução tem como protagonista as “massas populares”.

Com base em todos os apontamentos é possível perceber que não teríamos certeza de que estamos passando por um processo revolucionário em nosso país, uma vez que tanto a Revolução de 1932 quanto o processo de *Impeachment* da presidente afastada em 2016 não foram atos liderados pelas “massas populares”, mas sim por uma elite inconformada que procura retomar o poder através de discursos com o intuito de persuadir a população a defender o país através de manobras duvidosas onde afirmam estar atendendo a vontade popular.

Palavras-Chave: Revolução Constitucionalista; *Impeachment*; Aliança; Golpe.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Álvaro. **O que é um golpe de estado?** Disponível em: <http://blogjunho.com.br/o-que- e-um- golpe-de- estado/>. Acesso em: 5 de jun, 2016.

CARTA CAPITAL, **É golpe sim.** Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/politica/e-golpe-sim>. Acessado em 9 de junho de 2016.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil.** São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2010.

ÉPOCA, **Dilma é afastada e Temer assume o governo.** Disponível em <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/05/dilma-e-afastada-e-temer-assume-o-governo.html>. Acessado em 9 de Junho de 2016.

NAUDÉ, Gabriel. **Considérations politiques sur les coups d'Estat.** Paris: s.e., 1679 in: BIANCHI, Álvaro. **O que é um golpe de Estado?** IFCH/Unicamp, 2016.

NUNES, Vanessa. **Revolução Constitucionalista de 1932: articulações de um movimento.** Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/outubro2011/historia_artigos/10_historia_artigo_nunes_vanessa.pdf. Acesso em: 5 de jun. 2016.

PORTAL G1, **Dilma chama Temer de 'parceiro' e diz que aliança PT-PMDB terá 'longa vida'.** Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/dilma-chama-temer-de-parceiro-e-diz-que-alianca-pmdb-pt-tera-longa-vida.html>. Acessado em 9 de junho de 2016.

PORTAL G1, **Apesar de ala dissidente, PMDB aprova apoio a Dilma nas eleições.** Disponível em <http://g1.globo.com/distrito-federal/eleicoes/2014/noticia/2014/06/apesar-de-ala-dissidente-pmdb-aprova-apoio-dilma-nas-eleicoes.html>. Acessado em 9 de Junho de 2016.

PORTAL G1, **Em convenção, líder diz que PMDB quer candidato à Presidência em 2018.** Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/em-convencao-lider-diz-que-pmdb-quer-candidato-presidencia-em-2018.html>. Acessado em 9 de Junho de 2016.

RODRIGUES, João Paulo. **Disputas Políticas e Formas de Mobilização Popular no Movimento de 1932 em São Paulo.** In: Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de jul. 2006.

32, a Guerra Civil. Direção: Eduardo Escorel, Produção: Cláudio Kahns. Brasil: IMOVISION, 1993. 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U2aFvcDVc1k>. Acesso em: 19 de mai. 2016.

ESPAÇO FÍSICO E GESTÃO DE CONFLITOS: QUESTÕES IDENTIFICADAS EM UM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Liana Gonçalves Pontes Sodré¹

João Lucas de Oliveira Monti²

Edna Alves de Souza³

O processo de formação continuada foi fundamentado na pesquisa crítico colaborativa (SANTOS, SANTOS e SILVA 2009) que assume como pressuposto a possibilidade de trabalhar uma formação na perspectiva da reflexão sobre a própria ação. Consequentemente, o ritmo, os temas e os procedimentos foram definidos a partir de cada atividade desenvolvida e indicada pelas professoras, não cabendo definições de conteúdos ou planejamentos detalhados previamente. O processo de formação ocorre na articulação entre os campos político, histórico e também filosófico.

Segundo Souza (2006), a formação tem caráter político, porque se encontra vinculada ao sistema de controle e de regulação social de acordo com as relações de poder e saber preestabelecidas; tem caráter histórico, por refletir os interesses e as perspectivas das atuais políticas de universitarização caracterizadas pela qualidade de formação; e filosófico, por articular o conceito de ser humano e de suas relações com a compreensão de mundo e com o projeto social.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa permitiu interpretações da realidade (Bauer & Gaskell, 2004). O estudo foi realizado em um processo de formação continuada de professoras a partir dos conflitos e dos questionamentos que foram surgindo no embate profissional. Todo o trabalho foi descrito em registros cursivos e de eventos e analisado pelas participantes de modo a desvelar as questões apontadas e as (re)formulações realizadas.

Quanto às características do processo de formação continuada, podemos esclarecer que foi uma formação voltada para temas indicados pelas próprias professoras; seguiu um ritmo de atendimento individualizado, com leituras e discussões teóricas que contaram com as análises dos registros das observações, que permitiram que as professoras passassem a relacionar, de forma mais clara, a aplicação prática das questões teóricas estudadas. Desse modo, foi possível promover mudanças compatíveis com as necessidades de cada professora. Além

¹ Professora Plena da UNEB, lsodre@uneb.br

² Bolsista PICIN do Curso de Licenciatura em História da UNEB, don.dada.monti@gmail.com

³ Bolsista PICIN do Curso de Pedagogia da UNEB, enasouza2016@gmail.com

disso, as observações e os registros das atividades desenvolvidas pelas professoras durante o processo de formação continuada poderão propiciar condições para a identificação de assuntos ou questões a serem abordados nos cursos de formação para professores.

Nos resultados ficaram evidentes problemas construtivos e de manutenção, bem como dificuldades de gestão. Quanto aos problemas construtivos, destacamos a locação da estrutura da escola no terreno, haja vista que a construção está voltada para o poente. Consequentemente, detectamos falta de ventilação em algumas salas e presença de mofo nas paredes do berçário. São questões que podem acarretar desconforto térmico e favorecer o surgimento de problemas de saúde, como alergias, problemas respiratórios etc. São aspectos que comprometem a qualidade da atuação das profissionais, bem como o bem-estar das crianças e, neste sentido, recorremos a Vieira, Santos, Ramos (2016) quando assinalam que a infraestrutura desempenha um papel fundamental para apoiar e favorecer o processo educacional.

As questões de gestão implicaram em: descontinuidade do projeto pedagógico; criatividade para solucionar dificuldades e estresse (gestor, professoras, auxiliares e crianças). São desafios constantes para os gestores, pois têm de lidar com imprevistos que poderiam ser evitados e que comprometem a qualidade da educação.

A pesquisa indica que precisamos de mais estudos e pesquisas com análises e proposições sobre o espaço físico escolar para as crianças e os jovens de escolas públicas, com vistas a atingir os parâmetros de qualidade em seus mais amplos aspectos. As questões apontadas implicam nas dificuldades que acarretam para a atuação como gestores, pois têm de lidar frequentemente com imprevistos que poderiam ser evitados. Como consequência, o processo educacional fica distante do almejado, tanto para as professoras, quanto para as crianças.

A pesquisa contribuiu não só para o processo de formação continuada das professoras, bem como para uma revisão dos conteúdos e procedimentos das disciplinas de Psicologia, presentes na grade curricular dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas. O trabalho envolveu os três pilares das instituições de ensino superior: ensino, por ser um processo de formação continuada; pesquisa, pelo cuidado na descrição e análise dos dados e pelos conhecimentos produzidos; e extensão, tendo em vista que foi um processo de formação em uma escola pública de Educação Infantil do município.

Palavras-Chave: formação continuada; espaço físico; gestão; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SANTOS, Núbia Schaper; SANTOS, Ilka Schapper; SILVA, Léa Stahlschmidt Pinto. A pesquisa crítico-colaborativa e a formação das educadoras na creche: entre a construção e a reflexão. **Revista da Faeeba, Educação e Contemporaneidade**, v. 18, n. 31, p. 155-162, jan./jun. 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A didática como iniciação**: fabricação de identidades, políticas e práticas de formação de professores. Recife: ENDIPE, 2006.p.15-27.

VIEIRA, Emilia Peixoto; SANTOS, Carla dos Reis; RAMOS, Louise Lamony Gomes. Infraestrutura escolar na educação infantil: algumas reflexões. In: **A Educação Infantil em Debate**. Curitiba: CRV, 2016.p.174

RITOS DE PASSAGEM A REPÚBLICA COMO SÍMBOLO DE MODERNIDADE (1889)

Izaiane Ferreira Costa¹
Paulo Viana Félix²
Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes³

Este resumo é fruto de um artigo proposto pela disciplina de Brasil século XX do curso de História do Campus X – UNEB e foi produzido pelos discentes após a apresentação de seminários temáticos. Analisamos como se deu o processo de transição do regime monárquico para o regime republicano, desmistificando a ideia de que o povo assistiu de forma bestializada a implantação desse regime.

O nosso objetivo foi entender como a criação de símbolos nacionais tornou-se fator preponderante na legitimação do regime republicano no Brasil, estabelecendo uma ligação entre a construção desses símbolos nacionais e a integração social. Afinal a elaboração de símbolos é parte essencial para a história de um país, e não foi diferente no Brasil. Entender como se deu essa construção foi algo que nos intrigou, levando-nos ao aprofundamento da temática na tentativa de responder nossas indagações.

No livro *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e A República que não foi* Carvalho problematiza ideia de que a população assistiu esse processo estando à margem, ou seja, não se envolveu diretamente. Carvalho (1997) fala que o povo não estava tão ligado aos acontecimentos formais, como por exemplo, eleições. Onde muitas vezes, atuava como se fosse mero espectadores, por isso o autor utiliza o termo “bestializado”. Por outro lado este mesmo povo sabia agir e agia quando tinha sua vida afetada por decisões dos políticos que estavam no poder, como por exemplo na Revolta da Vacina. Importante lembrar que grande parte da população brasileira era pobre e negra – em sua maioria ex-escravos -, e no período apenas a elite tinha seus anseios representados através do jogo político estabelecido.

Em seu outro livro intitulado *A formação das almas*, o autor aponta a construção da ideia de nação como fator importante para a legitimação de um governo. Carvalho

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História – IX Período, DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, izaiane_ferreira@hotmail.com

² Graduando do curso de Licenciatura em História – IX Período, DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, paulo_vf1@hotmail.com

³ Profª Assistente do Colegiado de História/UNEB - CAMPUS X Mestra em História Regional e Local - UNEB - Campus V. E-mail: liufernandesc@yahoo.com.br <http://lattes.cnpq.br/2568881550364599>

(1990) ao abordar a construção e legitimação de regimes políticos na atualidade, aponta a ideologia como uma espécie de “justificação racional” – termo utilizado pelo autor – da implantação do poder. Os republicanos tinham como missão levar a essa massa a necessidade do reconhecimento nacional. Elaborando um imaginário que evidenciasse a importância daqueles que durante o processo de transição foram marginalizados. Com isso, a grande massa – a população pobre e negra – que até o momento estava à margem do processo se tornou parte fundamental na construção de uma nação.

Focando nos elementos que mostram a participação popular - sem esquecer os ideais republicanos - buscamos falar dos símbolos que foram importantes para a construção da ideia de nação. Porém, não abordamos os símbolos que não surtiram efeito para a república. Dessa forma, entendemos que a escolha do panteão cívico – bandeira, hino e herói – foi pensada para uma suposta aceitação popular. Pois durante as pesquisas realizadas acerca do tema foi possível perceber a agitação popular em torno do novo regime que tentava se impor naquele contexto. Assim, dizer que a população assistiu bestializada à proclamação da República, mascara o fato de que havia um distanciamento imposto ao povo que não se via representado nas decisões tomadas no meio político.

As obras de Carvalho contribuem para que se possa compreender como o povo brasileiro encara o novo caráter do povo brasileiro, encarando o novo regime político que estava emergindo. Através do uso desta metodologia – análise bibliográfica – foi então possível entender a importância dos símbolos para a legitimação desse regime que não estava ligado apenas a implantação do governo, mas também à necessidade de buscar moldar a conduta da massa que se sentia parte deslocada no processo. Aqueles que em um primeiro momento foram tidos como parte descartada na “Proclamação da República”, tornaram-se – posteriormente - a parte essencial no reconhecimento do governo. Neste sentido o hino e a bandeira tiveram papel essencial na construção da identidade nacional. Tendo um peso ainda maior para a “elite”, que se preocupava muito com a ideia de *status* e tinha a ideia de progresso associada à Europa. A criação do herói foi um golpe de mestre utilizado pelos republicanos, afinal, o povo precisava de um líder, e Tiradentes representou muito bem esse papel.

Portanto, podemos perceber que as três correntes ideológicas – o Liberalismo, o Jacobinismo e o Positivismo - que disputaram a construção do imaginário social da

nação e os símbolos criados durante esse período ideológico republicano estão enraizadas na cultura nacional. É notória a utilização dessa simbologia quando as pessoas se reconhecem como nação, e partindo desta ideia chegamos à conclusão de que esses símbolos perpassaram a implantação do regime republicano e acompanha-nos até os dias atuais.

Palavras-chave: República; Transição; Regime; Simbologia.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras: 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo. Companhia das Letras: 1987.

AS NEGRAS DE GANHO EM SALVADOR E NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX

Priscila Santos da Glória
Joyce Glicério

Na presente comunicação abordaremos a temática das mulheres quitandeiras no século XIX, voltado principalmente para as capitais de Salvador e Rio de Janeiro, compreendendo um pouco melhor sobre esse contexto, observando como funcionava os comércios, principalmente como esse processo foi importante para que essas mulheres negras conquistassem espaço e lutassem para sua subsistência, algumas para sustentar seus filhos, outras para conquistar sua carta de alforria ou de seus filhos pois, além de lutar contra os abusos da fiscalização também precisavam de seu espaço dentro do comércio e, com isso mostrando suas artimanhas comerciais trazidas da África. Mostrando também como a sociedade do século XIX era patriarcal e desigual, quando no quesito de gênero, uma vez que muitas delas assumiam seus filhos e filhas sozinhas, sem nenhuma assistência paterna e, que ainda assim ficaram marcadas e estigmatizadas pela sociedade atual.

Na metodologia desse trabalho, fizemos uma pesquisa bibliográfica minuciosa com autores que dialogam com a temática, como por exemplo: Maria Odila Leite da Silva Dias com seu texto “Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX,” Cecília Moreira Soares, com o artigo: As Ganhadeiras: Mulher e resistência negra em Salvador século XIX, Giselle Pinto com o artigo: Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais entre outros, além das leituras e levantamentos bibliográficos, fizemos fichamentos, após as leituras, para uma melhor compreensão da temática.

As negras de ganho, ou quitandeiras, como eram conhecidas, eram mulheres que trabalhavam nos grandes mercados a céu aberto em regiões urbanas como Salvador e Rio de Janeiro, espaços abordados aqui. Esses locais eram marcados pela “desorganização”, algazarra e excesso de barulho, considerados os locais mais pitorescos nos centros urbanos do século XIX. Nestes locais, as negras de ganho também estavam sempre em companhia de seus rebentos, pois não tinham com quem deixá-los, havendo assim um abandono paterno onde as mulheres assumiam os dois papéis, lutando sempre para o sustento próprio e da família e uma possível acumulação de pecúlio para a compra da sua liberdade e/ou de seus filhos e filhas,

se assim fosse permitido pela fiscalização, entendendo a dificuldade de estar em dia com os excessivos valores de impostos cobrados.

Abordaremos questões relacionadas a essa realidade feminina, entendendo como essas mulheres eram desprezadas tratadas de formas minoritárias, enxergando hoje, resquícios dessa sociedade preconceituosa e patriarcal, mas que ao mesmo tempo demonstram força e resistência na luta diária pela sobrevivência. Mulheres estas que foram (e ainda são) grandes articuladoras, comerciantes, trabalhadoras e mães. Dessa forma, a mulher negra foi ganhando também espaço dentro do comércio, principalmente por suas habilidades comerciais que muitas vezes já trazia da África.

O trabalho no comércio não era novidade para as negras que vinham da África, ainda em seu continente elas já dominavam certas manhas de vendas. As negras escravas eram escolhidas a dedo por seus senhores, estas deveriam ser bem apessoadas, ter boa aparência e simpatia. Soares aponta que os senhores donos de escravos colocando de três a cinco escravos no comércio poderia levar uma vida ociosa e ainda obter grandes lucros, justamente porque a maior parte do lucro iria para seus bolsos, ficando assim, a negra com a menor parte em dinheiro do contrato. Assim, Cecília Moreira Soares (1996, p. 61), nos diz que o desempenho daquelas mulheres dependia de suas habilidades e em suas relações com os fregueses, para assim atrair e conquistar os clientes por meio de seus produtos e preços, normalmente esses tais clientes eram outros escravos que compravam para seus donos, e pessoas livres de baixa renda. Segundo Cecília Soares (1994). As negras libertas tinham mais autonomia sobre o seu ofício, não sofriam intervenções diretas na sua dinâmica de trabalho e o lucro era somente dela, podendo investir em suas próprias demandas e assim alcançando alguma melhoria em suas vidas, mas não estavam livres de opressões e injustiças.

De acordo com Giselle Pinto (2006), a luta da mulher negra nas tentativas de construírem seus espaços dentro de um contexto urbano, tendo que conciliar trabalho e maternidade, relações fortuitas que na maioria das vezes não se consolidava, e não se ajustava a vida dessas mulheres. Mulheres estas que aos poucos foram ilustrando o cotidiano das cidades com suas mercadorias expostas em tabuleiros, em esteiras, mercados miúdos ou mesmo equilibrado em suas cabeças, o que causava grande espanto aos viajantes europeus que por aqui passavam. Outra surpresa para estes viajantes era a presença de seus filhos, que estavam sempre por perto, em meio a frutas do tabuleiro ou amarrados em suas costas.

A maternidade sempre presente entre um trabalho e outro, nos conta como as negras de ganho no século XIX estavam distantes dos padrões da burguesia nesse período, onde as mulheres eram encarregadas ao mundo do lar e viviam sob a “proteção” da família, diferente disso, o cotidiano das negras estava totalmente associado à rua, onde tiravam seu sustento, onde alimentavam seus filhos e onde mantinham relações e sociabilidades e principalmente, onde mantinham a esperança de uma vida melhor. Portanto, mostrando também como essas mulheres sofreram, por serem estigmatizadas pela sociedade, principalmente, pelo não reconhecimento da importância para o comércio local daquela população.

Em suma, a participação das mulheres em “sua quase totalidade” em atividades econômicas, propiciavam-lhes autonomia financeira, em contrapartida companheiros que não fortaleciam os laços de companheirismo e participação financeira na criação de seus filhos. A relação conjugal, geralmente não legitimada pelo casamento civil, expressava-se como “contrato consensual” de ajuda mútua entre os parceiros, como observou Sidney Challoub no tocante às classes populares cariocas da Belle Époque e Maria Inês Cortês Oliveira em seu trabalho sobre libertos baianos no século XX. Essa simetria, propiciada pela autonomia financeira das mulheres, volta e meia questionava, no grupo familiar, a autoridade masculina, profundamente marcada pelos estereótipos da ideologia patriarcal dominante no século XIX. Era, portanto, sobre bases frágeis que se assentava a relação conjugal, sendo esta, continuamente ameaçada pela disputa da liderança do grupo familiar, pela já citada vulnerabilidade dos homens no interior da relação.

REFERÊNCIAS

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**, 2º ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. **Salvador das Mulheres: Condição Feminina e Cotidiano Popular na Belle Époque Imperfeita** - Salvador, 1994.

GOMES, Flávio dos Santos. SOARES, Carlos Eugênio Líbano. “**Dizemas Quitandeiras...**” **Ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista**. Rio de Janeiro, século XIX - Rio de Janeiro, 2002.

Pinto, Giselle. **Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais** - Caxambu, MG, 2006.

SOARES, Cecília Moreira. **As Ganhadeiras: Mulher e resistência negra em Salvador século XIX.** IN: Mulher negra na Bahia século XIX- Cap.2 Salvador-Bahia,1994.

SOARES, Cecília Moreira. **Mulher Negra na Bahia no Século XIX** - Salvador, 1994.

“PRECONCEITO NOSSO DE CADA DIA”: COMO COMBATER O RACISMO EM SALA DE AULA?

Larissa Esperança Correia¹
Ediane Lopes de Santana²

O objetivo deste trabalho é informar, para tentar desarrigar ou diminuir, os elevados índices de preconceito racial que ocorre no interior de nossas escolas. A fim de reiterar a importância do papel da escola para esclarecer e coibir falas e ações racistas. Pois, é sabido que há uma confusão nesse ambiente para diferenciar o que é bullying do que é racismo.

A pesquisa expõe as diferenças existentes entre estes dois temas. Assim, é preciso que haja ações mais fervorosas tanto no seio familiar quanto no convívio estudantil; além das leis que "amparam" a população negra. Bem como ministrar, de forma mais emblemática, esse assunto. Conscientes da história desse país é notório que a ideia sobre raças, do século XIX, ainda perdura de forma camouflada, mas perdura; a marginalização a que foi submetida à população negra fez com que a mesma, em muitos momentos, fosse vista apenas como a escória da sociedade brasileira, lhes negando direitos de cidadãos. A maioria da população brasileira (negros) sofre historicamente com esse confronto cultural. Convivem com uma injusta limitação de expressão por ser principal alvo de preconceito e demonização.

Além de evidenciar práticas racistas no ambiente escolar, esta pesquisa busca, também, levantar tal questão para que exista uma discussão sobre questões raciais de forma mais minuciosa, visando uma autoavaliação de todos os componentes desse espaço.

Dentre as metodologias empregadas estão o levantamento e cruzamento de notícias relacionado com questões racistas dentro do ambiente escolar nos últimos meses (março a julho de 2017). Além de empregar também o método bibliográfico possibilita a compreensão, de forma mais esmiuçada, sobre as raízes e ramificações desse problema. O problema do preconceito racial nas instituições de ensino é que muitas vezes, o mesmo não é tratado como tal, mas sim, como bullying; por outro

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História – IX Período, DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, lariesperanca19@gmail.com.

² Professora Mestre do Colegiado de História – DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, professoraedianelopes@yahoo.com

lado, o passo para essa luta diária em salas escolares é sabermos a diferença entre racismo e bullying. Ambos geralmente são confundidos, pelas escolas, o que acarreta a não inibição da ação racista. “Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feita de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Podendo ocorrer em qualquer contexto social.” (CAMARGO, 2017).

Conscientes do que é o bullying podemos prosseguir e afirmar que crianças e adolescentes negros estão sujeitos a ambos, dentro do contexto escolar. O racismo no Brasil é institucional e estrutural. Com a legislação que atribui a esse ato penalidade de cárcere inafiançável, o mesmo ganha um caráter mais “sutil”, mais líquido capaz de danos permanentes e indissolúveis do que se fosse de forma escancarada a quem é agredido. A maioria da população brasileira (negros) sofre historicamente com esse confronto cultural. Convivem com uma injusta limitação de expressão por ser principal alvo de preconceito e demonização. Isso acontece de forma incisiva nas instituições estudantis, é nesse ambiente de formação que o indivíduo enquanto ser crítico social tem um entendimento mais amplo de como a sociedade o vê. Assim, suas experiências neste espaço caso não seja positiva ficara marcada no campo da memória de forma traumática causando complexos de inferioridade. Com isso percebemos que o cotidiano escolar é marcado por manifestações discriminatórias que vão desde o currículo ao educador (a) que pode demonstrar ou silenciar “revoltas” sobre comportamentos racistas em sala de aula. Além do que, isso pode agravar as interações, que deveriam ser trabalhadas para evidenciar, compreender e respeitar as diferenças em todos os sentidos acaba fomentando ideologias segregadoras.

É indispensável que aqueles que atuam no espaço escolar e que são responsáveis pela educação dos estudantes, se conscientizem da gravidade da situação para que os estudantes negros não vejam na sala de aula mais um momento de luta diária para afirmar ou esconder suas raízes e identidade. Que Tire da mentalidade social essa associação grotesca e resumida erroneamente de que as heranças do continente africano no Brasil são apenas a escravidão, capoeira e candomblé. Desmistificando essa África mitológica que nos é apresentada que apenas consiste em tribos e primitividade segundo o olhar do colonizador Europeu. Não poderemos enfrentar essa falha dentro da educação, enquanto o Dia da Consciência Negra se resumir a um único dia nas escolas, tampouco enquanto os seus costumes e religiosidade forem coagidos. Todavia é necessário que os

profissionais atuantes na unidade escolar reconheçam que existe racismo na sala de aula, e desnudar a ideia de que é um ambiente onde paira a igualdade e harmonia entre as diferenças. Pois, só conseguimos combater aquilo que é visto e não ignorado.

Por fim, a realização desse estudo sobre o racismo na sala de aula estará nos possibilitando uma compreensão de forma mais profunda esse problema social para evidenciar essas práticas no ambiente escolar, e também trabalhar meios para erradicá-los. Assim, cabe destacar que a discussão sobre questões raciais é fundamental para aqueles que atuam nesse espaço, e que são responsáveis pela educação dos estudantes, pois somente através da ação-reflexão sobre esse problema as atitudes necessárias serão tomadas para que a população negra não veja a escola como mais um reprodutor dos estereótipos isoladores que os afigem.

Palavras-chave: Preconceito racial; Espaço escolar; Bullying; Educador.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Orson. “**Bullying**”; Brasil Escola. Disponível em<<http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 25 de Junho de 2017.

GELEDES-Instituto da mulher negra. **Racismo institucional: Uma abordagem conceitual**. Apoio do Fundo para a Igualdade de Gênero da ONU Mulheres. Editoração e Design: Trama Design. 2009. São Paulo.

GERALDO, Aparecida das Graças. **A lei 10639 e as relações interpessoais na sala de aula**. Educação, Relações raciais e direitos humanos. 2012. São Paulo.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2^a edição revisada. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ALTERIDADE E OS CONFLITOS GEOPOLÍTICOS: DA 2ª GUERRA MUNDIAL AOS DIAS DE HOJE

Diógenes Santana Santos¹

A presente pesquisa tem como objetivo trabalhar a noção de alteridade enquanto conceito teórico e princípio ativo do cotidiano e ações que fomentem o diálogo, o respeito e o convívio com as diferenças a partir do uso fílmico como recurso didático no processo de ensino/aprendizagem de História, inserindo tais discussões no campo educacional com a construção e confecção de um material paradidático para o Ensino Médio. Para que seja possível refletir sobre a problematização e importância em torno da noção de alteridade, foram nucleados para a construção do material paradidático os filmes: *O Menino do Pijama Listrado* (2008), *O Pianista* (2002) e *A Menina que Roubava Livros* (2014), pois a partir de um evento conflituoso – a Segunda Guerra Mundial – traçou-se um paralelo com os acontecimentos belicosos e de intolerância entre países e povos atualmente no mapa geopolítico global, além de promover a construção de diálogos para que sejam estimulados jovens e adolescentes a se tornarem adultos capazes de valorizar a diversidade e impedir que pessoas sejam estigmatizadas por suas características.

As pesquisas no campo da alteridade são relativamente recentes, isto é, em sua maioria datam 2000 até os dias de hoje. Além disso, a pluralidade de possibilidades e temáticas que envolvem a alteridade, também fazem dela uma noção em voga na contemporaneidade. As ações de intolerância, os conflitos bélicos, as ações discriminatórias em algumas salas de aula etc. Evidenciam a necessidade de estudos na área da alteridade, desse modo, pesquisas de iniciação científica são fundamentais para que tais discussões sejam aprofundadas na academia e cheguem as escolas, salas de aula e envolvam a relação de ensino/aprendizagem.

Desta maneira, num mundo marcado por tantos conflitos relacionados ao crescente individualismo, a intolerância e ao não reconhecimento das diferenças, e dentro de um novo papel que deve ter o professor e a escola, faz-se necessário discutir alteridade e o respeito ao outro. Este é o desafio a ser enfrentado tanto na vida pessoal quanto na prática pedagógica. Para isso, a educação intercultural, no contexto das lutas sociais contra o processo crescente de exclusão social e de

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ DEDC- Campus X, projeto de pesquisa de Iniciação Científica (FAPESB), orientador Prof. Dr. Jonathan de Oliveira Molar

conflitos entre os povos inerentes à globalização econômica propõe o desenvolvimento de estratégias que promovem a construção de identidades particulares/coletivas e o reconhecimento das diferenças, ao mesmo tempo em que sustentem a inter-relação solidária entre diferentes grupos. Essa perspectiva configura uma proposta de “educação para alteridade”, aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla.

Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem na sua vertente social tenha uma relação de interação e dependência com o outro. Por esse motivo o “eu” na sua forma individual só pode existir através de um contato com o “outro”. Jonathan Molar (2011) em seu artigo aponta que a noção de alteridade recebeu distintas denominações quanto a sua etimologia, destacando que na Psicologia o termo alteridade refere-se ao “o conceito que o indivíduo tem segundo o qual os outros seres são distintos dele”. Enquanto na filosofia alteridade, que vem do latim *alteritas*, é a condição de ser outro, conforme afirma Abbagnano (1998, p. 34-35). Por esse motivo Molar se aproxima mais da índole filosófica, por essa trazer uma origem da noção de alteridade enquanto reconhecer-se no outro, mesmo que a princípio existem diferenças físicas, psíquicas e culturais.

De acordo com Reinaldo Fleuri (2003), a alteridade configura-se como um campo complexo e híbrido em perspectivas e debates, pois “tratar do desafio de se respeitar as diferenças e integrá-las em uma unidade eu não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos” (2003, p. 497). Assim, partir do viés da alteridade, significa afirmar que uma cultura não tem como objetivo a extinção de outra, isto porque a alteridade implica que um indivíduo seja capaz “de se colocar no lugar do outro”, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes. No entanto, quando se percebe que quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem, uma vez que as duas visões do mundo se chocarão entre si e não haverá espaço para o entendimento.

No decorrer da pesquisa foram debatidas temáticas de pesquisas durante as reuniões de orientação com indicações de referências e leituras bibliográficas que tratam do tema em questão. Como forma de trazer a problematização em torno da reflexão sobre a importância da noção de alteridade para o Ensino Médio, os filmes indicados, que constituem a Segunda Guerra Mundial, foram analisados como meios de recursos que podem ser trabalhados em sala de aula. Por fim, os filmes foram

nucleados na construção do material paradidático como meio de aporte de trabalho para o professor, além do desenvolvimento de atividades que estimulem a capacidade de reflexão e respeito pela diversidade, colocando-se no lugar do “outro”.

Mediantes as análises, foram especificados e registrados os resultados obtidos com o desenvolvimento do projeto, fortalecendo a noção de alteridade para o campo social e o uso de filmes que abordam o contexto da Segunda Guerra Mundial como ponto de partida para o desenvolvimento e reflexão de tais discussões no campo educacional. A construção do livro paradidático possibilitou abordar narrativas dos filmes com os fatores históricos da Segunda Guerra, a fim de compreender os reflexos desse conflito nos acontecimentos belicosos e de intolerância entre países e povos atualmente no mapa geopolítico, proporcionando que sejam destacados vários aspectos importantes que reconstituem o contexto histórico do período, bem como outros temas pertinentes que impactam na vida cotidiana dos estudantes e que estão atreladas a um olhar e uma prática voltadas para a alteridade.

Atualmente, vivemos em um contexto global no qual o individualismo, a arrogância e a prepotência são significativos para entender a geopolítica internacional e as zonas de poder. Em nossos dias existe uma crise de alteridade, ou seja, a maior dificuldade que sentimos é a possibilidade de nos colocar no lugar do outro. São raros os estudos que tratam da elaboração das identidades e das relações culturais, além da ausência de recursos e meios de trabalhar tal perspectiva nas escolas. Sendo assim, embora o significado da palavra “alteridade” ainda não é fácil de ser compreendida, entendemos que pode ser definida como um desafio de respeito e conhecimento das diferenças, ou seja, saber conviver com as diferenças de cada grupo ou indivíduo e respeitá-las. A perspectiva intercultural da educação reconhece o caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos de identidades de culturas diferentes, por isso é necessário desenvolver concepções e estratégias educativas que contribua para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma pluralidade social e cultural.

Palavras Chaves: História, Alteridade, Cinema, Geopolítica.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Matias. (org.). Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural. **Educ. Soc.**, Campinas, SP, vol. 27, n. 95, p. 471-493, maio/ago. 2006.

CARVALHO, José Carlos de Paula. **Etnocentrismo**: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Interface – Comunicação, saúde e educação*, vol.1. Ago de 1997, p. 181-186.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial**: Causas, Estrutura e Consequências. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. Disponível em: <https://raquelcardeiravarella.files.wordpress.com/2014/11/oc-segunda-guerra-mundial-2.pdf>. Acessado em: 28 de abril de 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, Maio/Jun/Ago 2003, pp. 16-33.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In: FILHO, Daniel Aarão Reis. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). **O século XX**: revoluções, fascismos e guerras. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, p. 165-193.

JODELET, Denise (1998). A alteridade como processo e produto psicossocial. In: ARRUDA, Angela (Org.), **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999, p. 47-67.

KARNAL, Leandro. (Org.) **História na Sala de Aula**: conceito, práticas e propostas. São Paulo: contexto, 2003.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Alteridade: uma noção em construção**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 3, n. 5, ago./dez. 2011. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/493_215.pdf. Acessado em: 10 de abril de 2017.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5. ed., 2^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Jairo de Carvalho do. Cinema e Ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. In: **Fênix – Revista de História e Estudo Culturais**, Uberlândia, v.5, ano 5, abr./maio/jun. 2008. P. 1-23.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA DE MONITORIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA CAMPUS X: RELATO E REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA

Diógenes Santana Santos¹

O presente trabalho tem como objetivo relatar/refletir acerca da experiência de monitoria no programa de História/UNEB Campus X, na disciplina História do Brasil na Bahia (século XVI-XVIII), bem como ressaltar a importância do Programa de Monitoria na formação acadêmica do estudante.

Para isso recorreu-se àquilo que Frison e Moraes (2010) compreendem por monitoria. Neste processo de encontro de discentes em diferentes tempos de atuação e leituras o monitor torna-se um agente a mais com quem os estudantes podem tirar dúvidas e com isso melhorar o seu aprendizado. Nunes (2007) evidencia que a monitoria propicia um ambiente de interação, e essa interação do estudante com o monitor favorece um ganho de ambas as partes no aprendizado de determinada disciplina.

Cabe também ressaltar a importância que o professor desempenha no Programa de Monitoria, onde o mesmo estabelece a relação entre os conhecimentos específicos e a prática pedagógica, sendo ele um mediador. O professor precisa ter também comprometimento com o Programa e com o monitor, supervisionando as atividades de monitoria realizada pelo monitor, como o cumprimento de horários estabelecidos, preparação de material para as aulas e, quando solicitado, atendimentos aos estudantes.

O trabalho de monitoria está sendo desenvolvido na turma de História III, semestre 2017.2, no turno vespertino, compreendendo a disciplina de História do Brasil na Bahia (século XVI-XVIII) analisando a história da Bahia no período colonial, estabelecendo relações entre o universo micro e o macro no processo de colonização do Brasil desde o século XVI ao XVIII, com enfoque para a administração, economia e sociedade colonial, sobretudo ressaltando a importância da região baiana nesse processo histórico da colonização.

Como metodologia de trabalho, foi priorizado o estudo, individual e em grupos, dos conteúdos trabalhados pela disciplina. Foram realizadas atividades em sala de

¹Acadêmico do curso de Licenciatura em História – IX Período, Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ DEDC-Campus X, monitor do componente curricular História do Brasil na Bahia (séc. XVI – XVIII), Prof. Me. Liliane Maria F. Cordeiro Gomes.

aula, bem como a discussão de textos, organização e apresentação de seminário atendendo àquilo que preconiza a ementa da disciplina. Com o auxílio da professora, Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes, criou-se também uma página no Dropbox com indicações de leituras e textos complementares acessíveis à todos os estudantes que lecionam a disciplina, material este que poderá vir a ser acessado em outros tempos por diferentes estudantes.

A prática de monitoria me trouxe experiência e crescimento pessoal no que tange ao conhecimento e autonomia, destaco também a importância do trabalho em equipe, pois as funções exercidas na condição de monitor acabaram por exigir de mim responsabilidade e disciplina, uma vez aprendi desenvolver atividades que acabam complementando o trabalho do professor e que demandam, portanto, compromisso e dedicação.

Palavras-chave: Programa de Monitoria, Monitoria, Aprendizado, Interação.

REFERÊNCIAS

FRISON, L. M. B.; MORAES, M. A. C. As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. **Poiesis Pedagógica**, Goiás, v. 8, n. 2, p. 126-146, ago./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/poiesis/article/view/14064>>. Acesso em: 11 de nov. 2017.

NATARIO, Elisete Gomes. **Programa de monitores para atuação no ensino superior**: proposta de intervenção. 2001. 142 f. Tese (Doutorado) – Curso de Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2001, p. 355-364. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/07.pdf>> Acesso em: 12 de nov. 2017.

NUNES, J. B. C. Monitoria Acadêmica: espaço de formação. In: SANTOS, M. M.; LINS, N. M. **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidade e trajetórias. Natal: Edufrn, 2007. p. 45-57.

PEREIRA, J. D. Monitoria: uma estratégia de aprendizagem e iniciação à docência. In: SANTOS, M. M.; LINS, N. M. **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidade e trajetórias. Natal: Edufrn, 2007. p. 69-80.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Letras - Língua Inglesa e Literaturas

NOUNS AND PICTURES: O USO DE RECURSOS LÚDICOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Lucimeire dos Passos Rodrigues¹
Poliana de Almeida Guimarães²
Vagno Vales Lacerda³

O presente trabalho apresenta a importância da utilização de atividades lúdicas em sala de aula. De acordo com as concepções de Santos (2001), os métodos dinâmicos atraem a atenção das crianças. Dessa maneira, através da ludicidade, o inglês pode estimular e desenvolver uma ótima capacidade de concentração nos estudantes. Conforme Winnicott (1995), o lúdico é considerado prazeroso, devido ao resultado de atividades de caráter motivacional. Assim, a ludicidade torna-se uma via interessante como estratégia de ensino, criando um ambiente descontraído na aquisição da língua alvo.

Esta pesquisa destinou-se à aplicação de 8 (oito) horas-aula ministradas em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola particular, no município de Teixeira de Freitas, BA. O tópico grammatical escolhido para prática pela via da ludicidade foi *nouns*, além da utilização figuras correlatas. Em consonância com o ensino do inglês nos primeiros ciclos da educação básica, os estudos de Cláudia Rocha *et al* (2010), sugerem que quanto mais cedo as crianças se iniciam ao processo de aprendizagem de uma língua, maiores são as chances de êxito.

A realização do projeto objetivou favorecer um ensino dinamizado, através de aulas discursivas e interacionais, a fim de incentivá-los a gostarem da língua em estudo, além de promover momentos de aprendizado com as quatro habilidades (*reading, listening, writing e speaking*) por meio de atividades lúdicas. Essas considerações sobre a relação do ensino e da aprendizagem da língua inglesa (LI) para crianças são algumas das concepções que se tornaram metas a serem desenvolvidas no período de aplicação do projeto.

¹ Graduanda do curso de Letras Inglês da UNEB – Campus X. E-mail (lucimeirerodrigues09@gmail.com)

² Graduanda do curso de Letras Inglês da UNEB – Campus X. E-mail (polly_guimaraes15@hotmail.com)

³ Especialista em Língua Inglesa pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá, RJ. Professor de Língua Inglesa da educação básica, professor substituto no colegiado de Letras Inglês e coordenador voluntário do PIBID-Inglês na Universidade do Estado da Bahia, Campus X. E-mail: vagnovales@hotmail.com.

Os relatos aqui descritos funcionam como descrições experenciais do que foi aplicado no ensino e aprendizagem da LI através da ludicidade. Antes de iniciarmos as aulas, aplicamos um questionário a fim de analisar o grau de conhecimento dos educandos na língua alvo e também verificar o desejo na realização do projeto, bem como selecionar recursos que poderiam facilitar o ensino e aprendizagem. A partir da observação dos dados foi possível elaborar toda ação pedagógica conforme o grau de necessidade da turma, a qual apresentou uma boa desenvoltura no gosto em aprender o inglês. Por conseguinte, tivemos a preocupação de possibilitar um ensino eficaz por meio de uma intervenção voltada para o despertar de interesse dos estudantes no aprendizado da LI. Considerando as relações de causa e efeito no incentivo dos participantes, buscamos compreender as dificuldades e a familiaridade com a LI.

De acordo com Nogueira (2007), é preciso fazer planejamentos motivadores buscando a atenção do educando para o que está sendo apresentado, de modo que haja a promoção das relações sociais. Nos primeiros estágios de aprendizado do tópico grammatical *nouns*, as crianças fizeram uma mistura de códigos com os itens voltados à questão do vocabulário. Para a apresentação da estrutura da língua, no que se refere ao uso de *nouns*, foi selecionado *cartoons*, jogos e atividades ilustradas representando as categorias e seus respectivos nomes em inglês, tais como *animals*, *things*, *places* e *people*.

As dinâmicas aplicadas durante a vigência do projeto tiveram como objetivo principal relacionar teoria e prática, servindo como *input* para o processo de aprendizagem. Durante a prática, pôde ser notada uma considerável valorização da LI pela turma, além de um maior interesse dos educandos em participarem. Na maioria das aulas, os educandos apresentaram retorno favorável ao que estava sendo apresentado, pois consideramos as tentativas da turma na realização das atividades, as dúvidas manifestadas, a interação em grupo e a autonomia. Assim, entendemos que a motivação não pode ser construída fora do conhecimento de mundo e do interesse dos estudantes. Sobre isso, Kishimoto (1994) argumenta que quando o assunto é apresentado por meio de métodos diversificados pode estimular os estudantes a desenvolverem uma ótima capacidade de concentração. Na última aula, aplicamos o segundo questionário o qual era composto por 03 (três) perguntas, em que os alunos puderam avaliar o projeto e demonstrar o grau de satisfação. Sendo este recurso fundamental para analisar os resultados alcançados durante a vigência

do trabalho, constatou-se que todos os estudantes da turma aprovaram a metodologia utilizada, no que condiz ao que facilitou a compreensão da temática durante as aulas. Assim, o que foi planejado pôde ser alcançado, uma vez sendo perceptível a participação e, principalmente, o aprendizado.

Os resultados obtidos reforçam/reafirmam que as atividades lúdicas realmente contribuem para o aprendizado de crianças. Assim, as aplicações pedagógicas requerem dos professores a necessidade de inclusão de abordagens lúdicas no contexto da sala de aula, a fim de trabalhar por meio de condições favoráveis para que os estudantes se envolvam com o conteúdo da disciplina de forma agradável. Desta forma, o professor poderá facilitar não só a associação, mas também a memorização das crianças, pois os conteúdos tornam-se mais fáceis aos seus olhares. O desenvolvimento das aulas aumentou uma estimulação positiva no processo de curiosidade e criatividade da turma. Assim, para um melhor desempenho, o professor de inglês não deve cobrar e nem focar muito nos aspectos gramaticais da LI. Dado que este profissional deve voltar-se para abordagens que visam o estímulo da criança no processo de aprendizagem de uma segunda língua.

Palavras-chave: Ensino; Aprendizagem; Língua Inglesa; Ludicidade.

REFERÊNCIAS

KISHIMOTO , T. M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

NOGUEIRA, Z. P. **Atividades Lúdicas no Ensino/Aprendizagem de Língua inglesa.** Disponível em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/967-4.pdf>>. Acesso em: 10 Jul. 2017.

ROCHA, C. H. *et al.* (Orgs) **Língua estrangeira para crianças:** ensino-aprendizagem e formação docente. Campinas: Pontes Editores, 2010.

SANTOS, M. P. (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

UM OLHAR PARA A CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO *NO QUARTO DEZENOVE* – DORIS LESSING

Belchior Reis de Souza¹
Wanderson Brandão Sousa²
Cleideni Alves do Nascimento³

Este trabalho tem por objetivo analisar o conto *No Quarto Dezenove* da autora britânica Doris Lessing com um olhar para a condição da mulher moderna frente às convenções sociais. A análise do conto foi desenvolvida sob a perspectiva da construção narrativa (CULLER, 1999), buscando compreender as escolhas autorais de Lessing a fim de construir uma representação social da mulher na sociedade moderna.

O conto retrata a vida da personagem Susan Rowling, uma mulher moderna que tem que lidar com o fato de que precisa abandonar o bem-sucedido emprego para cuidar da casa e dos filhos, perdendo de certa forma sua liberdade e autonomia. Entretanto a mulher moderna está aos poucos mudando sua imagem frente à sociedade, a mulher ganhou poder ao trabalhar e estudar (BESSE, 1999). No caso da personagem, ao se dedicar somente à família, Susan se sente sucumbida por uma infinidade de sentimentos conflituosos não encontrando realização pessoal apenas nos papéis que exerce. Ela passa então a buscar um sentimento de realização que não encontra na vida de “dona de casa”.

Diante deste contexto representado, pode-se analisar que a posição alcançada pela mulher moderna após anos de luta em busca de igualdade de gênero faz com que aos poucos deixem de existir *Amélias* dando lugar a literalmente *mulheres de verdade*. No Brasil, segundo Pinto (2010) fatores como a ditadura militar atrasaram o movimento feminista. Entretanto, as exiladas que tiveram contato com esses movimentos na Europa e Estados Unidos ajudaram a transformar o cenário nacional. É possível perceber através de Costa (2008, p.04) e Tilly (1994) que a figura feminina tem seu papel se transformando com o passar do tempo e isso configura avanço para esse grupo social. Em relação à personagem Susan, ela não suporta o peso da convenção social e o alto preço de viver de aparências, se afundando em uma

¹ Graduando do IX Semestre do Curso de Letras Língua Inglesa e Literatura da UNEB – Campus X.

² Graduando do IX Semestre do Curso de Letras Língua Inglesa e Literatura da UNEB – Campus X.

³ Professora Orientadora da Disciplina Estudos Contemporâneos da Literatura em Língua Inglesa II.

depressão que lhe custou a vida. Susan mais uma vez vai ao quarto 19 e suicida ao final do texto.

Após leitura e análise, essa história suscita reflexões pertinentes sobre quão nocivo pode ser o estabelecimento de padrões sociais sobre um indivíduo e também sobre a importância das mudanças sociais conquistadas pela luta feminista que possibilitou a essa nova mulher deixar a posição de representada e passar a se representar na sociedade.

Palavras-chave: Estrutura narrativa. *O Quarto Dezenove*. Representação da mulher.

REFERÊNCIAS

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**. São Paulo, Edusp, 1999.

BORGES, Caroline C. **Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade**. In Psicologia em Estudo, Maringá, V. 18, n.1, p.71 – 81, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n1/v18n1a07.pdf>

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:57ZdAVJ6cLwJ:pactoglobalcreapr.fi/les.wordpress.com/2012/02/5empoderamentoanaalice.pdf+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br&client=Firefox>.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: Uma Introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções culturais Ltda., 1999.

PINTO, Céli Regina. **Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia Política, Curitiba volume18, no.36, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt#top1 Acesso em 03/06/16.

TILLY, Louise A. **Gênero, História das mulheres e História Social**. In Caderno Pagu, V. 3, p. 29 – 62. Traduzido por Ricardo Augusto Vieira, Unicamp, 1994. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008

FICCÃO E AUTOBIOGRAFIA: ANÁLISE COMPARATIVA NA PERSPECTIVA DA VOZ AUTORAL NA OBRA DE DORIS LESSING

Frederico Loiola Viana¹
Cleideni Alves do Nascimento²

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise comparativa entre o romance *A Canção da Relva* (1949) e a autobiografia *Debaixo da Minha Pele* (1997), da autora britânica Doris Lessing, na perspectiva da voz autoral, com o intuito de estabelecer as origens dessa voz e como ela se tornou uma voz socialmente engajada na construção do romance supracitado.

Sabe-se que a autora viveu em um contexto sócio-histórico representado em algumas de suas obras; em meio a conflitos étnico-raciais no Sul do continente africano, mais especificamente na Rodésia do Sul (atual Zimbabué), onde a colonização em comparação aos outros lugares do continente Africano teve uma diferença; a população branca detinha todo o poder sobre as terras e refutava as questões étnicas e culturais relacionadas aos negros. Conforme citado anteriormente, a autora viveu na Rodésia do Sul, região Sul Africana, colonizada pelo império Britânico em meio à supremacia branca e o preconceito racial, fato que é bastante presente em seus livros. Seus personagens são uma crítica à desenfreada exclusão social causada pela população branca dentro do território africano. Segundo Lessing (1997), a população branca na Rodésia do Sul era de 10 mil habitantes sendo a comunidade negra 500 mil. Seus livros estão permeados de memórias de sua infância e adolescência nas fazendas onde morou, principalmente, na dos seus pais. O contato com o negro, o trabalho escravo, a forma como pensavam a vida, a maneira com que vivia a sociedade negra são mostradas de acordo com a visão de cada setor social.

Os livros de cunho autobiográfico são marcas registradas de Lessing. Alguns personagens refletem a personalidade da autora, sendo mulheres fortes, independentes e engajadas, que a todo o instante fazem uma análise de si mesmas, não se conformando com a situação vigente. Dessa maneira, a autora cria uma voz engajada, pois revela as mazelas sociais daquele contexto histórico. A escrita de

¹ Graduando do X período do Curso de Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas, na Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação – Campus X.

² Orientadora e professora do Colegiado de Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas, na Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação – Campus X.

Lessing fez com que ela se tornasse propagadora de discursos na sociedade. Esses discursos estão carregados de sentidos que podem dar voz a alguns grupos marginalizados. Sua literatura mostra problemas relacionados ao preconceito racial, à condição da mulher na sociedade, dentre outras questões. Nesse sentido, Foucault (1992) dirá que o papel do autor é interferir no processo subjetivo do texto, sendo a função do autor a propagação de discursos na sociedade. Assim, a autora se insere no que Foucault (1992) classifica como função do autor, pois ela tem propagado pela sociedade discursos que fazem críticas à consciência social hipócrita da sociedade Sul Africana.

Além de fazer críticas à conjuntura da mulher dentro daquele contexto. Para Lessing (1997), a mulher poderia ser independente. No entanto, as suas ideias não eram aceitas por todos, fazendo com que sua literatura se tornasse marginal. Assim, ao comparar as duas narrativas, foi possível perceber marcas autobiográficas na obra de ficção. Essas marcas estão em evidência nos detalhes com os quais a autora descreve o país, a fazenda, o modo de vida de seus pais, as relações de poder presente no contexto situacional e suas experiências na infância, juventude até a ida para Londres em 1949. Lejeune (2008) dirá que para se obter uma autobiografia é necessário que se tenha uma relação entre o autor, o narrador e o personagem. Sendo assim, a autobiografia de Lessing se encaixa dentro dos padrões propostos pelo autor, pois a todo instante os três agentes se fazem presentes. Já para Alvarez (2005) o autor transporta para suas obras, suas experiências, seus traços identitários. Lessing, então, não está presente em *A Canção da Relva*, mas sim traços de sua subjetividade.

Assim, fica evidente que a obra, ainda que seja uma história de ficção, é também de cunho autobiográfico, pois suas lembranças e marcas identitárias se fazem presentes no contexto da narrativa. Portanto, há um pacto autobiográfico (LEJEUNE, 2008), a voz autoral de Lessing se entrelaça com a do narrador, bem como dos personagens. Nesse sentido, o que o narrador e o personagem falam tem algumas semelhanças com as experiências vivenciadas pela autora quando viveu na Rodésia do Sul. Dessa forma, a análise comparativa, mostrou que Lessing e suas lembranças compõem a criação dos personagens no romance analisado. Para que a autora criasse seus personagens, foi necessário que ela passasse pelo processo de descobrimento da sua voz autoral. Primeiro, se identificando com os livros que lera, depois passando a ouvir o que outros autores tinham a dizer por meio de suas obras.

Através desse processo, ela pôde descobrir sua própria voz autoral e consequentemente criar seus personagens e construir suas histórias.

Palavras-Chaves: Ficção. Autobiografia. Doris Lessing. Voz autoral.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Alfred. **A voz do Escritor.** Tradução de Luíz Antonio Aguiar, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Humanitas/ UFMG, 2008.

LESSING, Doris. **A Canção da Relva.** Distribuidora Record de Serviços de Impressa, Rio de Janeiro, 1950.

LESSING, Doris. **Por Debaixo de Minha Pele:** primeiro volume da minha autobiografia. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO DE INGLÊS INSTRUMENTAL NO PROJETO SALA DE INGLÊS

Belchior Reis de Souza¹

Este texto objetiva conhecer o perfil dos estudantes que participam do Projeto de Extensão Sala de Inglês oferecido pela UNEB – Campus X, além disso, visa investigar e analisar as intenções dos envolvidos para a partir daí traçar um contraste entre as metas previamente estabelecidas. Sob o questionamento se o formato atual do Sala de Inglês contempla as expectativas do seu público, a pesquisa pretende responder se os objetivos do curso dialogam com as metas de seus participantes.

Entre as metas descritas no Projeto de Extensão pode-se destacar o oferecimento de curso de língua inglesa regular, a formação continuada para professores de língua inglesa da Educação Básica e curso de conversação. Boa parte dos participantes da extensão são estudantes do próprio curso na universidade, e o perfil da maioria dos ingressantes é representado por pessoas que não apresentam níveis de conhecimento considerados intermediários ou avançados em língua inglesa.

É preciso destacar também que há a suspeita de que existe um grupo participantes que almejam um curso de Inglês Instrumental por estarem em processo de seleção para cursos de mestrado e doutorado. Outra discussão a ser levantada seria a relação entre a teoria e a prática no processo de formação de professores de língua inglesa, em outras palavras, a importância da prática da oralidade por parte do monitor/professor envolvido e que contribuições ela tem para seu processo de formação. Um dos fatores que contribuem para a falta da prática da oralidade em relação ao inglês é que para os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) focam nas habilidades de leitura e escrita em língua estrangeira, fator que acarreta estudantes formados no ensino médio sem desenvolver adequadamente suas competências comunicativas.

Moita Lopes (1996, p. 179-180) diz que a formação dos professores não lhe permite fazer escolhas sobre como e porque ensinar a língua, eles são ensinados a fazer, sem refletir na prática. Assim é preciso colocar que a prática estabelecida dentro do projeto deve ser pensada e repensada a partir das experiências vividas em sala de

¹ Discente do IX semestre do curso de licenciatura em Letras – Língua Inglesa e Literatura na Universidade do Estado da Bahia – Campus X. Monitor do Projeto de Extensão Sala de Inglês.

aula pelo monitor. Já Gatti (2003, p. 475) propõe uma discussão a respeito do processo de formação dos futuros professores com base na necessidade da prática, para reforçar esses argumentos é preciso trazer trabalhos de Paiva (2003) entre outros.

Levando em consideração as teorias propostas a pesquisa será desenvolvida a partir de questionário semiestruturado em que os participantes da edição atual do projeto e também egressos responderão se a prática desenvolvida nas aulas contempla os objetivos de cada um antes do ingresso no curso. A análise dos dados será feita a partir de uma metodologia qualitativa, tendo em vista que representa a opinião de pessoas diferentes em pontos de vista diferentes. Os resultados esperados são uma avaliação crítico/reflexiva da perspectiva dos estudantes e como consequências da pesquisa será proposto uma inserção nos objetivos do Projeto de Extensão cursos de Língua Inglesa Instrumental para contemplar estudantes que buscam aprender inglês para seleção de mestrado e doutorado, ou pessoas que desejam ter conhecimentos da leitura e escrita da língua.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa. Formação de professores. Inglês instrumental. Oralidade em língua inglesa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei 9394/96, de 20/12/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, ano134, n. 248, p. 27833-41, dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GATTI, Bernardete Angelina. Formar professores: velhos problemas e as demandas contemporâneas. **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade**. Salvador, v. 12, n. 20, p. 473-477, jul./dez., 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C. M. T; CUNHA, M. J. **Caminhos e colheitas**: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: UnB, 2003. p. 53-84.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Letras - Língua Portuguesa e Literaturas

DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE EDUCAÇÃO EM JORNais DE TEIXEIRA DE FREITAS¹

Tailana Celina Braz Botelho²
Orientadora: Adriana Santos Batista

Esta pesquisa descende das atividades de iniciação científica desenvolvidas no projeto “Discurso jornalístico sobre educação nos jornais de Teixeira de Freitas”, coordenado pela Professora Doutora Adriana Santos Batista. Pretende-se analisar, linguística e discursivamente, como ocorrem os arranjos de vozes em textos jornalísticos sobre educação no município de Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. De modo mais específico, a proposta foi observar um texto publicado pelo jornal *Liberdade News* sobre uma manifestação estudantil ocorrida na cidade. O interesse por abordar tal tema se deu pela tentativa de verificar como a mídia teixeirense articula textualmente diferentes vozes ao tratar de educação.

Os objetivos deste estudo foram averiguar aspectos linguísticos e extralinguísticos nos textos; a heterogeneidade enunciativa e as formas de inserção do discurso relatado; como as diferentes vozes presentes no texto são articuladas a fim de sustentar determinadas posições do jornal.

Para a constituição do *corpus* foi selecionado um texto do jornal *Liberdade News*, (jornal *on-line* teixeirense), que fala sobre uma mobilização estudantil que ocorreu em Teixeira de Freitas, intitulado “Alunos e professores do CEPORG fazem manifestação contra o fim do turno vespertino”, publicado em 09 de dezembro de 2016. Para tratar e organizar o material selecionado foi proposto uma abordagem, tanto qualitativa, quanto quantitativa. Com foco nos aspectos discursivos evidenciados no texto. Para realizar as análises utilizou-se estudos voltados para a enunciação, especificamente heterogeneidades enunciativas, elencadas em heterogeneidade constitutiva; mostrada; mostrada marcada e discurso relatado (AUTHIER REVUZ, 1990, 1999).

Por meio das análises realizadas, observou-se que os arranjos de vozes presentes no texto revelam a tentativa do jornal de parecer imparcial, pois o mesmo expõe a fala de uma das professoras do Centro Educacional Professor Rômulo Galvão

¹Pesquisa desenvolvida sob orientação da Professora Doutora Adriana Santos Batista.

² Graduanda do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia – DEDC/Campus-X. Aluna voluntária de iniciação científica pelo CNPq. E-mail: <lanacel2012@hotmail.com>.

(CEPROG), que estava na mobilização estudantil junto aos alunos, assim como coloca o dizer do diretor do Núcleo Regional de Educação (NRE 07), em uma relação de busca pela neutralidade, utilizando-se do discurso relatado para compor a matéria. Foi possível verificar que ao colocar em evidência as falas da professora, o jornal usa verbos dicendi caracterizados como imparciais, por exemplo: “ela explica”; “ela acrescenta”; “ela frisa”. Já ao visibilizar a fala do diretor do NRE 07, o texto apresenta verbos dicendi considerados parciais, por exemplo: “ele garante”. Ou seja, o jornal coloca em evidência o seu posicionamento ao enfatizar que os dizeres do diretor serão garantidos.

Nesse sentido, Authier-Revuz (1990) explica que nenhuma palavra é neutra; a palavra é inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada” (p. 27). Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, onde através de análises pode-se tentar recuperar os indícios da pontuação do inconsciente (p. 28). Nessa perspectiva, com relação ao tema abordado, o jornal *Liberdade News* apresenta o seu posicionamento ao usar determinadas palavras que podem ser caracterizadas linguisticamente como modalizadoras, marcando no texto a apreciação do enunciador que escreve a matéria.

Por fim, observou-se que, mesmo tentando mostrar neutralidade, o posicionamento do jornal *Liberdade News* ao falar de educação mostra-se a favor do poder governamental, usando palavras que em contraste com outras revelam parcialidade.

Palavras-chave: Heterogeneidade enunciativa; Jornalismo; Educação; Teixeira de Freitas.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul/dez.1990.

_____. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. In: **Letras de hoje/Curso de Pós-Graduação em Letras**. Porto Alegre. V. 34, nº 2, PUCRS, jun. 1999.

BATISTA, Adriana Santos. **Arranjos de vozes em textos jornalísticos: quem discute educação na cobertura sobre avaliações externas?** 2015. 211 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FLORES, Valdir do Nascimento. Da transparência à opacidade: Jacqueline Authier-Revuz. **Introdução à Linguística da Enunciação.** Valdir do Nascimento Flores e Marlene TEIXEIRA - 2. ed., 1^a reimpressão – São Paulo. Contexto 2012.

ARRANJOS DE VOZES EM TEXTO JORNALÍSTICO SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Mirian de Oliveira Dias¹
Prof.^a Dra. Adriana Santos Batista

Nesta pesquisa serão discutidos os arranjos de vozes em textos jornalísticos sobre a reforma do Ensino Médio. Trata-se de um subprojeto de iniciação científica advindo do projeto geral intitulado *Discurso jornalístico sobre educação*, sob coordenação da Prof.^a Dra. Adriana Santos Batista. Este subprojeto tem como foco analisar, pelo viés de teorias linguísticas da enunciação, textos jornalísticos que discutam a reforma do Ensino Médio, tendo como base para as análises os estudos sobre heterogeneidades enunciativas e discurso relatado (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Propõe-se analisar os arranjos de vozes estabelecidos em textos jornalísticos sobre a reforma do Ensino Médio. De modo mais específico, a proposta é observar em um texto publicado pelo jornal *El País (Brasil)* os seguintes aspectos: a heterogeneidade enunciativa; formas de inserção do discurso relatado; os modos por meio dos quais as diferentes vozes presentes no texto são articuladas a fim de sustentar determinadas posições do meio da comunicação do jornal.

Para a constituição do *corpus*, foi selecionada uma matéria intitulada: “Reforma do Ensino Médio: um mapa dos desafios para aplicar as mudanças”, que trata do protagonismo dos estudantes em face dos desafios para a mudança do Ensino Médio, publicada após um seminário promovido pelo jornal *El País (Brasil)*, em 19 de maio de 2017. A opção pela versão *on-line* se deu devido ao fato de este suporte ser de grande acessibilidade, também se configura um meio de interação e instantaneidade. O conceito de heterogeneidade enunciativa de Authier Revuz aborda o discurso como heterogêneo, pois este já é em si atravessado por outros discursos. É estabelecida uma distinção entre heterogeneidade mostrada: divide-se em formas não marcadas, quando quem enuncia faz um discurso indireto livre, usa a ironia, faz alusões etc. E as formas marcadas acontece quando no próprio ato de dizer e (ou) enunciado, as marcas se dão pelo discurso direto e indireto, pelo uso de aspas para mostrar que

¹ Graduanda do curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Educação do Campus X – Teixeira de Freitas, da Universidade do Estado da Bahia, bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Orientadora: Prof. Dr. Adriana Santos Batista. E-mail: mirian96dias@gmail.com

aquele dizer não pertence ou não foi elaborado pelo locutor, etc.; e heterogeneidade constitutiva. A autora usa como apoio teórico o dialogismo de Bakhtin, diálogo entre interlocutores e diálogo entre discurso, ou seja, a *resposta antecipada* precedida pelo *já-dito* que se dá em um enunciado tanto na forma do interdiscurso, quanto na forma do discurso-resposta, que é algo estabelecido na interação com o outro e a ideia de discurso atravessado por outros discursos. Já o conceito de modalização autonímica refere-se ao ato de comentar o próprio enunciado, ou seja, é a reflexão sobre o próprio dizer.

Percebe-se que as vozes no texto selecionado para análise são marcadas pelo discurso direto, havendo a predominância da heterogeneidade mostrada de forma marcada, por outro lado há um diálogo constante entre os interlocutores e entre os discursos, deixando transparecer a heterogeneidade constitutiva. Os enunciados presentes na matéria do jornal são provenientes de indivíduos que ocupam cargos importantes no governo, no qual se consideram especialistas para tratar de assuntos referentes à educação. Em relação ao conteúdo, há predominância de indagações a respeito da reforma do Ensino Médio, ou seja, se esse “novo Ensino Médio” representa todas as classes sociais, no entanto, não há uma resposta por parte dos especialistas. Mas embora eles problematizem sobre a Medida Provisória “posta” às pressas sem escutar o que tinham a dizer os estudantes, subtende-se que esta medida provisória é para eles, que “defendem o ensino”, a solução adequada para a educação. Isso fica evidente na fala do Secretário de Educação do Distrito Federal, que defende em sua fala a necessidade de um aluno mais “ativo” e “empreendedor” e mais a frente um dos especialistas vai reafirmar o mesmo, mas ressaltando que é preciso ampliar as discussões, como já mencionado.

Portanto, foi possível identificar a heterogeneidade enunciativa, quando tais discursos sempre remetiam a outros discursos já proferidos. Alguns indivíduos defendem a reforma com base em posições de outros e o mesmo acontece com as posições contraditórias à reforma do Ensino Médio. Além disso, há diferentes vozes no texto, inseridas por meio do discurso direto e indireto, que se dialogam. A presença de vozes advindas de diferentes instâncias é confirmada quando são apresentados dados do Ministério da Educação, por exemplo.

Palavras-chave: Educação; Heterogeneidade Enunciativa; Reforma do Ensino Médio; Discurso Relatado.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.

BATISTA, Adriana Santos. **Arranjos de vozes em textos jornalísticos**: quem discute educação na cobertura sobre avaliações externas? 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MONITORIAS DE ENSINO EM UM COMPONENTE CURRICULAR

Bianca dos Santos Almeida¹

Tailana Celina Braz Botelho²

Adriana Santos Batista³

A monitoria de ensino é uma atividade voltada aos alunos de graduação e tem por objetivo dar oportunidades aos discentes de atuar cooperando com o ensino-aprendizagem, além de também promover o processo educacional da universidade. As principais metas da monitoria estão em ajudar a fomentar a aprendizagem; despertar nos alunos o interesse pelo ensino e fornecer experiências significativas para o seu desenvolvimento acadêmico. O aluno monitor, supervisionado por um professor orientador, realiza atividades relacionadas com o ensino, objetivando auxiliar o corpo discente para atividades ligadas à sala de aula. Com base nas considerações de Libâneo (1994), que retrata a importância da participação ativa do aluno no processo de ensino-aprendizagem, e de Masseto (2009) acerca da relação professor-aluno para efetivação da aprendizagem, propusemo-nos a discutir como essa relação interativa pode influenciar no desenvolvimento do monitor de ensino. Tomamos como situações a serem observadas, duas monitorias desenvolvidas em semestres diferentes para um mesmo componente curricular: *Aspectos históricos e culturais em língua materna*.

Objetivou-se analisar as especificidades encontradas nas atividades de monitorias desenvolvidas por duas alunas, uma que atuou no primeiro semestre de 2017 e outra que ainda atua (segundo semestre do mesmo ano) como monitora no projeto de monitoria. A referida monitoria tem vínculo à disciplina *Aspectos históricos e culturais em língua materna*, componente curricular obrigatório do curso de Letras Inglês, com carga horária de 60 horas, sendo ministrada pela professora doutora Adriana Santos Batista, na Universidade do Estado da Bahia - DEDC-X. A priori, a aluna Tailana Celina Braz Botelho, discente do curso de Letras Língua Portuguesa, atuou como monitora de ensino deste projeto na turma de Letras Inglês II, no turno

¹ Graduanda do III semestre do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, pela UNEB - Campus X. E-mail: biancaalmeida@hotmail.com.br

² Graduanda do I semestre do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela UNEB - Campus X. E-mail: lanacel2012@hotmail.com

³ Professora do Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, pela UNEB - Campus X.

noturno, período de 2017.1. Posteriormente, a aluna Bianca dos Santos Almeida também se vinculou ao projeto na turma de Letras Inglês I, no turno matutino, período de 2017.2. Sendo assim, esta análise tem caráter qualitativo, buscando evidenciar através da observação e impressão das monitoras, as especificidades encontradas em cada uma das monitorias. Em ambos os projetos de monitoria, foi planejado trabalhar com autores que discutem aspectos acerca do processo da formação da língua portuguesa. A metodologia usada no processo de ensino do componente é voltada para explicações sobre o conteúdo, por parte da professora; documentários que auxiliaram nas explicações sobre os assuntos estudados; desenvolvimento de atividades, por parte dos alunos; discussões que envolvem discentes, professora e monitoras.

Em ambas as monitorias foram utilizadas as mesmas estratégias de ensino, entretanto a atuação das monitoras se mostrou diferente em cada um dos semestres. Observou-se que o envolvimento dos alunos matriculados no componente tem grande importância para o desenvolvimento das aulas e respectivas monitoras. Com a falta de participação dos discentes no período de 2017.1, a monitora percebeu que isso influenciou o resultado de sua atuação em sala de aula. Em 2017.2, a monitora nota que a participação dos alunos fortalece o vínculo entre professor-monitor-aluno. Para Libâneo (1990), a partir do momento em que o ensino-aprendizagem não depende apenas do professor, o aluno tem suma importância nesse processo. A participação ativa dele em sala de aula, faz com que o processo de aprendizagem se estabeleça, sendo que o professor saberá também quais as dificuldades e dúvidas que os estudantes enfrentam a cada aula. Ainda sob essa perspectiva, Masseto (2009) diz que a interação entre professor e aluno é a chave para a aprendizagem. A troca de conhecimento e experiências, sendo mediada pelo professor, abre espaço para que a aprendizagem seja efetivada, pois se abre espaço para refletir sobre a realidade pessoal e social aliada ao estudo científico.

Portanto, a cooperação dos alunos em participar das atividades solicitadas, reflete diretamente no desempenho das monitorias, pois a partir do momento em que as aulas fluem, as monitoras passam a ser efetivamente a ponte de auxílio entre professor e aluno. Em ambas as turmas a participação dos alunos foi e é tida como de grande valia. Entretanto, verificou-se que os resultados presentes nas turmas foram específicos, pois na turma de 2017.1 a falta de interação da turma contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem da monitora. Enquanto na turma atual de

2017.2, a relação monitor-professor-aluno vem estabelecendo contribuições para o êxito do processo de ensino-aprendizagem. Vale destacar a importância de haver projetos como estes na universidade, que influenciam os alunos a participarem ativamente, resultando na qualificação dos mesmos. Além disso, é importante mencionar o papel do professor orientador na monitoria de ensino, pois é este que também dar oportunidade ao aluno em participar de atividades como estas.

Palavras-chave: Monitoria; Interação; Aluno; Professor.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. Relações aluno-professor na sala de aula. *In: Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 249, 1990.

MASSETO, Marcos Tarciso. Aula: ambiente de aprendizagem e de trabalho do profissional docente. *In: Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, p. 85-96, 2003.

DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE MOBILIZAÇÕES ESTUDANTIS

Carolina Genesio dos Santos¹
Adriana Santos Batista²

Esta pesquisa se integra ao projeto de iniciação científica cujo objetivo geral é analisar os arranjos de vozes estabelecidos em textos jornalísticos sobre educação, coordenado pela Professora Doutora Adriana Santos Batista. A proposta da pesquisa é analisar textos publicados nos últimos três anos em jornais de grande circulação, cujo foco tenham sido as mobilizações estudantis, tanto de alunos da educação básica quanto de universitários. De modo mais específico, será analisada uma matéria do jornal Folha de São Paulo intitulada “Temer critica ocupações e sugere que alunos nem sabem o que é uma PEC”, de 08 de novembro de 2016. No texto selecionado pretende-se examinar, linguística e discursivamente, como se dão os arranjos de vozes, tais análises serão feitas com base em Authier-Revuz (1990), que se insere nos estudos linguísticos da enunciação.

A pesquisa tem por objetivo estudar os locutores e vozes presentes no texto nas condições de autores, entrevistados e fontes jornalísticas. Problematizando a heterogeneidade enunciativa no *corpus*, principalmente as formas de inserção do discurso relatado. Observar de que modo o texto efetua arranjos com as vozes mobilizadas de modo a sustentar determinadas posições e, por último, examinar as relações interdiscursivas e dialógicas estabelecidas entre o texto e os demais elementos presentes no suporte em que foi publicado.

A metodologia para tratamento e organização do *corpus* prevê uma abordagem qualitativa, com foco nos aspectos discursivos evidenciados no texto. Para a constituição do *corpus* foi selecionado uma matéria do jornal Folha de São Paulo, intitulada “Temer critica ocupações e sugere que alunos nem sabem o que é uma PEC” de 08 de novembro de 2016. Para fazer as análises utilizou-se estudos com base na teoria de Authier-Revuz (1990) sobre heterogeneidades enunciativas, de modo que se possam compreender heterogeneidade mostrada, heterogeneidade constitutiva e discurso relatado no texto selecionado. Foi escolhido como fonte de dados a serem analisados o jornal Folha de São Paulo. A escolha se justifica pelo fato

¹ Graduanda do curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Campus X – Teixeira de Freitas, da Universidade do Estado da Bahia, bolsista de iniciação científica pelo PICIN. :

² Profa. Dra. Adriana Santos Batista. E-mail: carolinagenesio36@gmail.com

deste ser o terceiro maior jornal em números de circulação de impressos, mas o primeiro quando consideramos a versão digital, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). O texto selecionado para análise refere-se a uma crítica que o presidente Michel Temer faz sobre as ocupações, sua escolha se deve à grande repercussão que o tema teve no país.

É possível identificar no texto heterogeneidade mostrada e marcada. Dentre os recursos utilizados, destacam-se o discurso indireto, ironia e as aspas. Há o emprego de discurso indireto já no título da matéria e também em seu interior, sempre com ênfase na crítica tecida pelo presidente ao movimento de ocupações estudantis. O jornal também dá voz a Temer ao ressaltar o fato de este ter ironizado o conhecimento dos estudantes, com a sugestão de que eles não saberiam o que é uma proposta de emenda constitucional. O texto é constituído por falas de Michel Temer, caracterizado por meio do discurso relatado. Foi possível verificar a variedade de verbos *dicendi* empregados pelo jornal ao se referir aos enunciados proferidos por Temer, tais como: “o presidente ironizou”; “Temer critica”; “ele sugere”. Ou seja, o jornal coloca em evidência o seu posicionamento ao enfatizar que os dizeres do presidente são uma crítica às ocupações.

Portanto, observaram-se as especificidades dos locutores presentes no texto, assim como a heterogeneidade enunciativa, discurso relatado e verbos *dicendi* empregados, o que levou a uma maior compreensão do texto.

Palavras-chave: Heterogeneidade Enunciativa; Análise do Discurso; Texto Jornalístico; Mobilizações Estudantis.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.

_____. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. In: **Letras de hoje/Curso de Pós-Graduação em Letras**. Porto Alegre. V. 34, nº 2, PUCRS, jun. 1999.

BATISTA, Adriana Santos. **Arranjos de vozes em textos jornalísticos: quem discute educação na cobertura sobre avaliações externas?** 2015. 211 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO Disponível em <<https://www.ivcbrasil.org.br/>> Acesso em 26 out. 2017.

AS MARCAS DE ORALIDADE EM O AUTO DA COMPADECIDA: UM ESTUDO COMPARATIVO¹

Saulo Carvalhal²
Valdeni de Jesus Santos

Entre o povo brasileiro, são perceptíveis as variedades linguísticas, que podem se apresentar de modo mais evidente nas marcas de oralidade. As falas das pessoas podem diferenciar entre si por diferentes fatores, como social, geográfico, situacional etc. O uso da língua é peculiar aos homens, mulheres e crianças de acordo as necessidades de se expressarem diariamente conforme suas pronúncias, mesmo que sejam variadas.

Neste trabalho, utilizam-se o livro *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e o filme *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, como *corpus* para se analisarem fenômenos de variação. O estudo norteia-se pela tentativa de responder à seguinte pergunta: quais fenômenos de variação linguística são perceptíveis no livro e no filme homônimo? O objetivo geral deste trabalho é analisar as diferenças entre as falas dos personagens na obra escrita *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e no filme inspirado no livro, dirigido por Guel Arraes, e verificar como as marcas de oralidade se materializam. Os objetivos específicos são classificar os fenômenos de variação presentes na obra escrita e no filme e comparar os fenômenos de variação apresentados.

A metodologia do trabalho se deu a partir da pesquisa bibliográfica e explicativa. Com base em estudos de Ataliba Castilho (2012); Fiorin (1990), entre outros. Os procedimentos foram no primeiro momento (i) delimitação do tema a ser pesquisado (ii) transcrição de trechos do filme (iii) análise de conteúdo. Este trabalho é constituído por duas seções, uma apresenta as teorias de alguns autores discutindo sobre as variações linguísticas; a outra mostra os trechos do livro com as citações escritas dos personagens e a transcrição das falas que foram expressas pelos mesmos através do filme, cujos materiais, são utilizados como fontes de análises. Ao comparar os trechos do livro com a transcrição do filme, notaram-se, por exemplo, as seguintes transformações: Martinho > Martin; está > tá; para > pra; mulher > mulé;

¹Trabalho produzido sob orientação da Profª. Drª. Adriana Santos Batista.

²Graduandos em Letras Português, VII Semestre, no Campus X da Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

para os > prus; do > du; acaba > caba. Essas realizações são representativas das marcas de oralidade presentes no português popular brasileiro. Segundo Ataliba Castilho (2012) uma variação é entendida quando a língua se manifesta de forma clara e compreensível. Nesse caso, ao usar a fala o locutor precisa expressá-la de maneira em que o seu interlocutor possa comprehendê-la. De acordo Fiorin (1990) a fala não se influencia por disposições sociais. Ela é a forma repentina da linguagem que o indivíduo possui e pode aparecer a qualquer momento. Desta maneira, a oralidade é peculiar ao seu falante e serve para sua comunicação e expressão. Tarallo (1985) pondera que a língua falada cumpre sua finalidade – o diálogo em qualquer situação e/ou condição de seus falantes. Apesar de sua dinamicidade, sabe-se que é possível notar as diferentes variações através das falas. Para William Labov (2008, p.), as diferenças da língua podem ser concebidas por meio de descrição das mesmas. Maria Paiva (2004) pontua que, em algumas situações é preciso transcrever as falas das pessoas, pois somente através do que estiver escrito pode-se estudar o oral. Assim, comprehende-se que, as falas servem como objetos de estudos, caso sejam feitas suas transcrições.

Em contraste com as falas transcritas e analisadas do filme, os personagens da obra escrita têm suas falas pautadas por uma variedade popular marcada no nível lexical, e não no fonético e fonológico. Ao passo que no filme, efetuam-se transformações de modo a deixar as falas mais próximas do português popular. Assim sendo, a mesma proporciona a quem interessar, um pequeno escopo sobre variação linguística com destaque, as marcas de oralidade na fala e na escrita.

Palavras-chave: Diversidade linguística; Falantes; Marcas de oralidade; Variação.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. Diversidade do Português Brasileiro. In: **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, J L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LABOV, William. A motivação social de uma mudança sonora. In: **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: O tratamento da Variação. São Paulo: Contexto, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Comadecida**. 34^a ed. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

TRÂNSITO E EMPODERAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CAMPUS X: ENTRE ÍNDICES E PALAVRAS, ATOS E OMISSÕES

Edson Santos da Conceição¹
Gean Paulo Gonçalves Santana²

A descolonização do saber e do poder é sempre uma pauta tensa, sobretudo, se considerarmos o histórico educacional brasileiro fomentado por uma elite que, em sua trajetória sempre usufruiu de privilégios socioculturais e econômicos. Dentro dessa realidade, o sistema de cotas raciais desde a sua implantação na Universidade do Estado da Bahia, em 2003 tem provocado discussões tanto na sociedade quanto no cenário acadêmico. Cônscios do hiato existente entre igualdade de oportunidade e igualdade de condições, este projeto intenciona verificar o trânsito e o empoderamento de estudantes cotistas no Campus X, optantes dos cursos de História, Pedagogia, Letras e Biologia.

Acreditamos que possibilitar visibilidade aos estudantes cotistas, suas atuações e diálogos com os processos políticos-pedagógicos desenvolvidos no Campus X é fomentar a necessidade de um currículo que se preocupe com a permanência e a sua devida contribuição por uma educação antirracista. O histórico dos afrodescendentes é permeado por segregações espaciais e sociais e, ao longo do processo de formação social, o traçado fronteiriço étnico-cultural no interior do Brasil/nação, configurou “um sistema disfarçadamente hierarquizado pela cor e onde a cor passou a instruir níveis de acesso, principalmente à escola e à compreensão do valor da terra, passou mesmo a ser valor ‘embutido’ no ‘negócio’” (LEITE, 2000, p.335). Para Ilka Boaventura Leite (2000), os processos históricos de expropriação e segregação reforçaram a desigualdade, de modo a se identificar, na atualidade, quais foram os ganhadores e os perdedores e quem, arbitrariamente, não raro, com violência física e simbólica, exerceu e controlou regras que definem os direitos de acesso aos bens materiais e simbólicos.

Atentos a esta nervura histórica, acreditamos que perceber o trânsito e empoderamento de alunos cotistas, a partir das políticas afirmativas, materializada na possibilidade de ingresso na Universidade do Estado da Bahia, Campus X, pelo

¹ Graduando cotista do curso de Licenciatura Educação Física, bolsista PROAF/UNEB. DEDC/UNEB/Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia, edsonn693@gmail.com

² Prof. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia. DEDC/UNEB/ Campus X, Teixeira de Freitas, Bahia. Doutor em Letras PUCRS, fratergean@yahoo.com.br.

sistema de cota é um repensar de muitas vias de mão única que impossibilitaram o acesso e permanência das minorias socioeconômicas.

E, Cônscios do hiato existente entre igualdade de oportunidade e igualdade de condições, este projeto de pesquisa vinculado a PROAF/UNEB/CAMPUS X intenciona verificar o trânsito e o empoderamento de estudantes cotistas no Campus X, optantes dos cursos de História, Pedagogia, Letras e Biologia. Especificamente, (i) pesquisar e tabular dados referentes ao ingresso de estudantes cotistas, ano de ingresso, quantidade, faixa etária, sexo, opção de curso; (ii) identificar e registrar as ações promovidas pelos Colegiados de História, Letras, Pedagogia e Biologia que indicam uma educação antirracista, para além do componente História e Cultura Afro-brasileira e Indígena; (iii) verificar no Projeto de Curso como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 foram incorporadas a dinâmica do Curso, cujo fio condutor é a licenciatura; (iv) construir banco de dados sobre trânsito e empoderamento de estudante cotista e, (v) elaborar roteiro de documentário sobre estudantes cotistas do Campus X.

O percurso discursivo-metodológico desse projeto intenciona conferir visibilidade ao trânsito e empoderamento dos estudantes cotistas do campus X referente ao período de 2002 a 2017. Para tanto, inicialmente será realizada uma revisão da literatura sobre o sistema de cotas raciais, sua implantação e implementações e, o devido conhecimento das leis que aportam as discussões e fundamentam a Política afirmativa de cotas. Após operacionalização dos conceitos e variáveis para seleção da amostra: o processo da pesquisa, a elaboração dos instrumentos de coleta dos dados para posterior análise e interpretação.

Os dados da pesquisa para além da identificação e constatação da realidade acadêmica construída no Campus X, a partir das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, deseja tornar-se um desdobramento para um banco de dado para o registro/documentário em áudio e vídeo, previsto para o segundo semestre de 2018, das narrativas dos cotistas quanto à permanência, trânsitos sociais e acadêmicos e os processos de empoderamento, suas vertentes e feições, construídos no percurso enquanto estudante cotista.

Por fim, mas não por derradeiro, esta pesquisa ao indagar sobre o sistema de cotas e sua aplicação intenciona conferir visibilidades aos estudantes cotistas, seus acessos e modos de permanência e resistência no espaço acadêmico, a fim de verificar a construtividade e referencialidade mediante as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Não obstante o fortalecimento de grupos étnicos que almejam

reconhecimento a partir de uma singularidade constituída no tempo e que delineia de forma diferente o ser e o agir, por meio de manifestações socioculturais e religiosas e, sendo a pesquisa uma produção intelectual, outro argumento ganha notoriedade: a tarefa de trabalhar com a alteridade no contexto da representação do povo pataxó, da negritude, dos silenciamentos, das subalternidades e dos processos de demarcação territorial.

Palavras-Chave: Trânsito Social; Empoderamento; Cotista; Políticas Afirmativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação Anti- Racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, SECAD, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo, conhecimento e cultura.** Brasília: ministério da educação, secretaria de educação básica, 2007.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil:** Questões conceituais e normativas. Textos e Debates, Núcleo de estudos sobre identidade e relações interétnicas. Florianópolis: UFSC, nº7, 2000.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Vozes e versos quilombolas:** Uma poética identitária e resistência em Helvécia. Porto Alegre: PUCRS, 2014. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice:** O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, A. P. **Itinerário das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro:** dos ecos de Durban à Lei das Cotas. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v. 12, n. 2, p. 289-317, jul./dez. 2012.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Matemática

O CONJUNTO DE VALORES DO MÓDULO DE DIFERENCIAIS E O NÚMERO DE TJURINA

Solon Gomes de Sousa¹
 Valmecir Antonio dos Santos Bayer²

Apresentamos estudos sobre o conjunto de valores de diferenciais que é um invariante analítico para singularidades de curvas planas reduzidas. Este invariante é mais fino que o número de Tjurina, uma vez que é possível encontrar singularidades de curva diferentes com os mesmos números de Tjurina, mas com conjuntos distintos de valores de diferenciais. Além disso, pelo menos no caso de dois ramos, damos uma maneira de obter o número Tjurina a partir do conjunto de valores de diferenciais, os números Tjurina dos ramos componentes e o número de interseção dos dois ramos.

O invariante que permitiu um entendimento completo da classificação topológica foi o *semi-grupo de valores*. Nele estão codificados os invariantes topológicos relevantes, como por exemplo, o *número de Milnor*.

No contexto da classificação analítica é bem provável que o *conjunto de valores de diferenciais* vai desempenhar este papel, a saber, vai codificar, a partir do semigrupo de valores, os invariantes analíticos relevantes da singularidade. Neste sentido, nosso objetivo é estudar o *conjunto de valores de diferenciais de Kähler* e o *número de Tjurina*. Em um trabalho não publicado em periódicos especializados, no entanto comunicado em algumas reuniões científicas, *V. Bayer, A. Hefez e M. E. Hernandez* ([BHH]) fazem um estudo sistemático do conjunto de valores de diferenciais de Kähler para o caso de singularidades com vários ramos. Além disso obtém, no caso de dois ramos, uma fórmula fechada para o número de Tjurina da singularidade

1.1 Conteúdo

Seja $f = f_1 \cdot f_2 \cdots f_d \in \mathbb{C}[[X, Y]] \setminus \{0\}$, onde cada $f_i \in \mathbb{C}[[X, Y]]$ é irreduzível, com f_i e f_j não associados para todo $i \neq j$. Cada (f_i) é chamado ramo de (f) . O Semigrupo $S = S(f)$ associado a (f) é o conjunto $S = S(f) = \{(\alpha_1, \dots, \alpha_d) \in \mathbb{N}^d; I(f_i, h) = \alpha_i, \text{ e } h \in \mathbb{C}[[X, Y]], i = 1, \dots, d\}$. Podemos reescrever o semigrupo associado a (f) da seguinte forma $S(f) = \{\nu(h); h \in \mathbb{C}[[X, Y]] \setminus \bigcup_{i=1}^d \langle f_i \rangle\}$, onde para cada $h \in \mathbb{C}[[X, Y]]$, $I(f_i, h) = \nu_i(h)$, para todo $i = 1, \dots, d$. Denotaremos $\nu(h) = (\nu_1(h), \dots, \nu_d(h))$.

Dois importantes invariantes de um germe de curva plana algebroide são o número μ de Milnor e o número τ de Tjurina, definidos respectivamente por

¹UNEB/DED/CX - Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação - Campus X. Email: ssousa@uneb.br

²UFES - Universidade federal do Espírito Santo.

$$\mu = \dim_{\mathbb{C}} \text{frac} \mathbb{C}[[X, Y]] \langle f_X, f_Y \rangle \text{ e } \tau = \dim_{\mathbb{C}} \frac{\mathbb{C}[[X, Y]]}{\langle f_X, f_Y \rangle} = \dim_{\mathbb{C}} \frac{\mathcal{O}}{J(f)}.$$

É bem conhecido que para cada um dos ramos (f_i) , os invariantes μ_i , τ_i e Λ_i satisfazem a relação (veja por exemplo [Be1]) $\mu_i - \tau_i = \#(\Lambda_i \setminus \Gamma_i)$. Por outro lado, o número de Milnor μ de (f) se relaciona com os números de Milnor μ_i de cada um dos ramos por $\mu = \sum_{i=1}^d \mu_i + 2 \sum_{1 \leq i < j \leq d} I(f_i, f_j)$. Assim, podemos questionar, como (1) Como o número τ de Tjurina do germe (f) , se relaciona com os números τ_i de Tjurina de cada um dos ramos? (2) Será que podemos expressar a diferença $\mu - \tau$ em termos dos invariantes Γ e Λ para um germe reduzido? Para uma curva (f) , observando particularmente estudos de Pirkhan, Berger e Garcia (pg 26), combinando tais resultados, temos que:

$$\mu - \tau = \sum_{i=1}^d (\mu_i - \tau_i) + \sum_{1 \leq i < j \leq d} I(f_i, f_j) + l \left(\frac{\bigoplus_{i=1}^d \frac{\Omega_i}{\tau_i}}{\frac{\Omega}{\tau}} \right).$$

Um subconjunto I do anel total de frações $Q(R)$ de um anel R é um **ideal fracio** é um R -módulo de $Q(R)$, tal que $aI \subseteq R$ para algum $a \in R \setminus \{0\}$. Observe $J(f)$, \mathcal{C} , \mathcal{O} , $\frac{\Omega}{\tau}$, $\bigoplus_{i=1}^d \mathcal{O}_i$, $\bigoplus_{i=1}^d \frac{\Omega_i}{\tau_i}$, $\bigoplus_{i=1}^d \tilde{\mathcal{O}}_i$, são ideais fracionários de \mathcal{O} . Por exemplo, temos o conceito de ideal relativo de um semigrupo (tal conceito pode ser encontrado na página 3609 de [BAF1] para dois ramos e página 219 de [BAF2] para um subconjunto $S \subset \mathbb{N}^d$) é um **ideal relativo** de Γ , se $S + \Gamma \subseteq S$ e existe $\gamma \in S \subseteq \Gamma$. Observe que se A é um ideal fracionário de \mathcal{O} , então $S = \nu(A) = \{\nu(\alpha) \mid \alpha \in A \text{ e } \text{fator de zero em } A\}$ é um ideal relativo de Γ .

$$\gamma = \left(\mathcal{C} \pm \sum_{i=1}^d I(f_i, f_i) \right) \cup \left(\mathcal{O} \pm \sum_{i=1}^d I(f_i, f_i) \right) \cup \left(\mathcal{O} \pm \sum_{i=1}^{d-1} I(f_i, f_i) \right)$$

Dado um ideal relativo $S = \nu(A)$ de Γ , as propriedades: **Propriedade 1:** Sejam $\alpha = (\alpha_1, \dots, \alpha_d)$, $\beta = (\beta_1, \dots, \beta_d) \in S$, então $(\min(\alpha_1, \beta_1), \dots, \min(\alpha_d, \beta_d)) \in S$; **Propriedade 2:** Sejam $\alpha = (\alpha_1, \dots, \alpha_d)$, $\beta = (\beta_1, \dots, \beta_d) \in S$. Se existe $\alpha_k = \beta_k$ para algum $k = 1, \dots, d$, então existe $(\gamma_1, \dots, \gamma_d) \in S$ com $\gamma_k > \alpha_k = \beta_k$ e $\gamma_j \geq \min(\alpha_j, \beta_j)$, com a igualdade ocorrendo se $\alpha_j \neq \beta_j$ e $j \neq k$. São generalizações das propriedades (a) e (b) apresentadas por Garcia (em [G]).

Introduzimos agora a noção de **fibras de um elemento** $\alpha \in S$ com respeito a um subconjunto $J = \{i_1, \dots, i_m\} \subset I_d = \{1, \dots, d\}$ (Estudado primeiramente por Garcia ([G]) para dois ramos e generalizado por Delgado em ([D1])).

Dados $\alpha = (\alpha_1, \dots, \alpha_d) \in \mathbb{N}^d$ e $J \subset I_d$, definimos:

$$\begin{aligned}\widehat{F}_J(\alpha) &:= \widehat{F}_{\{i_1, \dots, i_m\}}(\alpha) := \{\beta \in \mathbb{N}^d; \beta_i = \alpha_i; \forall i \in J \text{ e } \beta_j > \alpha_j, \forall j \notin J\} \\ \widehat{F}(\alpha) &:= \bigcup_{i=1}^d \widehat{F}_{\{i\}}(\alpha) \\ F_J(\alpha) &:= F_{\{i_1, \dots, i_m\}}(\alpha) := \widehat{F}_J(\alpha) \cap S \\ F(\alpha) &:= \widehat{F}(\alpha) \cap S.\end{aligned}$$

Seja $J = \{i_1, \dots, i_m\} \subset I_d$, se considerarmos a projeção

$$\begin{aligned}\text{Pr}_J: \mathbb{N}^d &\longrightarrow \mathbb{N}^{\#J} \\ (\alpha_1, \dots, \alpha_d) &\longmapsto (\alpha_{i1}, \dots, \alpha_{im})\end{aligned}$$

então dado um conjunto $R \subset \mathbb{N}^d$ denotaremos $R_J = \text{Pr}_J(R)$, a projeção natural correspondente ao conjunto de índices J .

Seja $M \in S$. Dizemos que M é um ponto **Maximal** se $F(M) = \emptyset$. Se M é maximal e $F_J(M) = \emptyset$ para todo $J \subset I_d$, então dizemos que M é um ponto **Maximal Absoluto**. Se M é um ponto maximal e $F_J(M) \neq \emptyset$ para todo $J \subset I_d$ com $\#J \geq 2$, então dizemos que M é um ponto **Maximal Relativo**.

O lema abaixo nos fornece outra caracterização dos pontos maximais relativos:

Lema 1.1 *Seja $S \subset \mathbb{N}^d$ um ideal relativo e $\alpha \in \mathbb{N}^d$ com as seguintes propriedades: (i) existe $i \in \{1, \dots, d\}$ com $F_{\{i\}}(\alpha) = \emptyset$; (ii) $F_{\{i,j\}}(\alpha) \neq \emptyset$ para todo $j \in \{1, \dots, d\} \setminus \{i\}$. Então α é um ponto maximal relativo de S .*

Teorema 1.2 *Sejam MR o conjunto de todos os pontos maximais relativos de S e $\omega \in \mathbb{N}^d$ tal que $\text{Pr}_J(\omega) \in S_J$ para todo $J \subset I_d$ com $\#J = d - 1$. Então $\omega \in S$ se, e somente se, $\omega \notin \widehat{F}(m)$, qualquer que seja $m \in MR$.*

A proposição seguinte para o caso de ideais relativos, é ponto central para o que necessitamos (veja Delgado (Proposição 1.11 em [D2]) cujo cerne é o uso das propriedades (A) e (B), enfocados pelo próprio Delgado (em [D2]), mas no contexto apenas dos semigrupos de valores, e apresentada por Barucci (em [BAF2] Lema 2.13) e por D'Anna (em [DA] Corolário 2.6)). A demonstração da proposição abaixo é uma adaptação da demonstração apresentada por Garcia ([G] página 35).

Proposição 1.3 *Sejam $\alpha, e_i = (0, \dots, 1, 0, \dots, 0) \in \mathbb{N}^d$, A um ideal fracionário de \mathcal{O} e, $A(\alpha) = \{a \in \mathcal{O}, \nu(a) \geq \alpha\}$ que também é um ideal fracionário de \mathcal{O} . Temos*

$$l\left(\frac{A(\alpha)}{A(\alpha+e_i)}\right) \leq 1$$

valendo a igualdade se, e somente se, $A(\alpha) = A(\alpha + e_i)$, ou equivalentemente,

$$\bar{F}_i^{\nu(A)}(\alpha) = \{\beta \in \nu(A); \beta_i = \alpha_i \text{ e } \beta_j \geq \alpha_j, j \neq i\} \neq \emptyset.$$

Proposição 1.4 *Sejam $A \subseteq B$ dois ideais fracionários de \mathcal{O} , então $l\left(\frac{B}{A}\right) = l\left(\frac{B}{B(\gamma)}\right) - l\left(\frac{A}{A(\gamma)}\right)$.*

Proposição 1.5 *Com as notações acima, temos $l\left(\frac{A_1 \oplus A_2}{A}\right) = \#M$.*

Como consequência temos

Teorema 1.6 *Seja (f) um germe de curva plana dada por $f = f_1 \cdot f_2$ com f_1 e f_2 irreduzíveis e f_1, f_2 não associados. Γ o semigrupo de valores do germe (f) , Λ o conjunto de valores de diferenciais, os conjuntos invariantes anteriormente definidos, $m_\Gamma = \#M_\Gamma$, $m_\Lambda = \#M_\Lambda$ onde M_Γ e M_Λ são os conjuntos de pontos máximos de Γ e Λ respectivamente, então,*

- (a) $l\left(\frac{\mathcal{O}_1 \oplus \mathcal{O}_2}{\mathcal{O}}\right) = M_\Gamma = I(f_1, f_2);$
- (b) $l\left(\frac{\frac{\Omega_1 \oplus \Omega_2}{\tau_1 \oplus \tau_2}}{\frac{\Omega}{\tau}}\right) = M_\Lambda;$
- (c) $\tau = \tau_1 + \tau_2 + m_\Gamma + m_\Lambda.$
- (d) $\mu - \tau = (\mu_1 - \tau_1) + (\mu_2 - \tau_2) + (m_\Gamma - m_\Lambda) - 1.$

Palavras-chave: *Tjurina; Milnor. Ordens de Diferenciais.*

REFERÊNCIAS

BARUCCI, V. - D'ANNA, M. - FRÖBERG, R., The Semigroup of Values of a One- Dimensional Local Ring with Two Minimal Primes, Communications in Algebra, 28(8), 3607-3633,(2000).

BARUCCI, V.; D'ANNA, M. - FRÖBERG, R., Analytically

Unramified One- Dimensional Semilocal and their Value Semigroups, Journal of Pure and Applied Algebra, 147, 215-254, (2000).

BAYER, V.A.S; Semigroup of two Irreducible Algebroid Plane Curves, Manuscripta Math. 49 no.3, 207-241, (1985).

BAYER, V.A.S - HEFEZ, A.- HERNANDES, M. E., Um novo invariante analítico para curvas planas, Notas não publicadas, 11/2010.

BERGER, R. W., Report on the torsion of the differential module of an algebraic curve. Algebraic Geometry and its Applications (West Lafayette, IN, 1990), 285-303, Sprimger, New York, (1994).

D'ANNA, M., The Canonical Modules of a One-Dimensional Reduced Local Ring, comm. Algebra 25, 2939-2965, (1997).

DELGADO, F., The Semigroups of Values of a Curve Singularity with Several Bran- ches. Manuscripta mat. 559, 347-374, (1987).

DELGADO, F., Gorenstein Curves and Symmetry of the Semigroup of Values, Manuscripta Math. 61, 285-296, (1988).

GARCIA, A., Semigrupos Associados a Pontos Singulares de Curvas Algébricas (tese de doutorado) IMPA. Rio de Janeiro, (1980).

PIKHAM, H. C., Deformations of Algebraic Varieties with G_m -action. Astérisque 20, Société mathématique de France, (1974).

SOUSA, S.G., Invariante Analíticos de Singularidades de Curvas Algébricas Planas: O Conjunto de Valores do módulo de Diferenciais (Dissertação de Mestrado) UFES. Espírito Santo, (2017).

MODELAGEM MATEMÁTICA EM SALA DE AULA: UMA NOVA VISÃO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR

Igor Heije Morais Tomori¹
Tardelli de Souza Guilherme²
Francis Miller Barbosa Moreira³

É notável que o modo como se ensina geralmente está ligada ao modo que cada aluno aprende. Isso mostra que repensar e utilizar métodos na qual atraia a todos os alunos é uma problemática e um desafio para a maioria dos professores, dando ênfase aos professores de Matemática, por isso precisa-se de um método que interesse aos alunos e ao mesmo tempo os docentes, e que tenha possibilidades reais de aplicação. A Modelagem se configura como uma possibilidade, uma vez que ela tenta trazer para a sala de aula, temas que os alunos se interessem e que, dependendo do professor e de sua metodologia, eles próprios podem escolher no que e sobre o que trabalhar a Matemática, por meio da Modelagem.

Como afirma Barbosa (2002): "Modelagem Matemática tem sido apresentada como um dos ambientes de aprendizagem para o ensino de matemática". Num primeiro contato, a Modelagem Matemática, seria trazer questões do cotidiano das pessoas e problemáticas reais para as salas de aula, fazendo com o que os alunos, junto com seu professor/orientador, possam procurar um modo de resolvê-los. Ao fim do projeto, juntos, conseguem resultados e/ou modelos, para que outras pessoas se baseiem neles para conseguir resolver problemáticas parecidas. Contudo, chegar ao modelo em si, nem sempre é possível ou até mesmo nem sempre é o que os idealizadores do projeto querem. Isto é, a Modelagem, consiste em trazer problemas reais para as salas de aulas para desafiar os alunos, estimulá-los e apresenta-los uma Matemática aplicada em situações reais/práticas, e assim, mais humanizada.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Modelagem Matemática, suas aplicações e necessidades nos dias atuais, mostrando suas vantagens e desvantagens, como também, analisar pesquisas que mostram visões diferentes sobre como trabalhar com a Modelagem Matemática.

¹ Discente do curso de licenciatura em Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Departamento de Educação (CAMPUS X). E-mail: heiже.tomori2014@outlook.com.

² Discente do curso de licenciatura em Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Departamento de Educação (CAMPUS X). E-mail: tardellidsg@gmail.com.

³ Docente do Colegiado do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Departamento de Educação (CAMPUS X). E-mail: fmillermoreira@gmail.com.

Usou-se de uma revisão bibliográfica para o desenvolvimento do trabalho, trazendo como principal referencial teórico, Barbosa (2002). Por meio dessa revisão bibliográfica, foram analisadas duas pesquisas voltadas para a área da Modelagem Matemática, descrevendo seus principais objetivos, suas metodologias e suas considerações finais sobre os conteúdos pesquisados, sendo os títulos: **MODELAGEM MATEMÁTICA APLICADA NO ENSINO DA GEOMETRIA: A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZADO** de Antonio Roberto Bastos, Elaine Maria dos Santos, Rosângela Aparecida Ribas Fernandes e Marcelo Fabrício Chociai Komar e **MATEMÁTICA FINANCEIRA E EQUAÇÕES DIFERENCIAIS: CONEXÕES VIA MODELAGEM MATEMÁTICA** de Simone Gabriely da Silva Lima e Alexandre Boleira Lopo. Tais pesquisas relatam experiências de como a Modelagem Matemática pode ser trabalhada. Temos como exemplo, na pesquisa de Bastos et al (2016), a metodologia utilizada foi uma revisão de Literatura, para a ampliação de conceitos teóricos sobre a Modelagem na Geometria, como também das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), mostrando tópicos, como a Geometria Euclidiana, o GeoGebra como ferramenta para a formação, a Modelagem Matemática e a Geometria. Já no artigo de Lima e Lopo (2015), é mostrado como as equações diferenciais por meio da Modelagem podem ser aplicadas em problemas de natureza financeira, o que está diretamente ligada ao ensino da Matemática Financeira no curso de Licenciatura de Matemática, usando uma metodologia bibliográfica e exploratória, de natureza qualitativa e quantitativa, utilizando de cinco alunos da turma de graduação em Licenciatura em Matemática, durante um Minicurso de quatro horas.

Concluímos que a Modelagem Matemática possui diversos benefícios, os quais apenas fortalece os motivos para que ela seja usada em sala de aula, segundo Barbosa (2001), sendo os principais, a Motivação: o qual leva os alunos, junto com seus professores/orientadores, a participar ativamente da escolha do tema, da elaboração do projeto e da sistemática usada; A Facilitação da Aprendizagem; A Preparação para utilizar a Matemática em diferentes áreas: demonstrando que a Matemática pode ser usada em diversos setores, tanto como em Logísticas, como na Agricultura; E o Desenvolvimento de habilidades gerais de exploração e compreensão do papel sócio-cultural da Matemática, que para Barbosa (2004) este último tópico é o mais importante na Modelagem, já que segundo o autor, o objetivo da Modelagem é criar sujeitos que possam atuar diretamente na sociedade. Em contratempo, se a

Modelagem Matemática for aplicada de maneira equivocada, ela poderá ser vista como um ponto negativo, assim, o professor que for utilizar essa metodologia em sala de aula deverá estar bem-preparado e seguro, para posteriormente aplicá-la em sala.

Diante disso, visou-se demonstrar como a Modelagem Matemática pode ser usada como método de ensino, utilizando-se de referenciais bibliográficos e autores com vastos conhecimentos sobre a Modelagem Matemática. Assim, concluiu-se que em todos os casos analisados, a Modelagem contribuiu para a aprendizagem de mais de 70% dos envolvidos. Contudo, nota-se também que esse recurso deve ser usado por quem está seguro quanto aos seus pressupostos e não por quem não possui um estudo aprofundado sobre o assunto, para que não se tenha um equívoco e uma má aplicação da Modelagem em salas de aula.

Palavras-Chave: Modelagem Matemática; Ensino; Matemática; Educação;

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, J. C. **Modelagem na educação e os professores: a questão da formação.** Boletim nova estratégia. São Paulo: Contexto, 2002.

BARBOSA, J. C. **Modelagem na Educação Matemática: contribuições para o debate teórico.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 2001, Caxambu. Anais... Rio Janeiro: ANPED, 2001. 1 CD-ROM.

BASTOS, A. R., DOS SANTOS, E. M., FERNANDES, R. A. R., KOMAR, M. F. C. **Modelagem Matemática Aplicada No Ensino Da Geometria: A Importância Das Tecnologias Da Informação No Processo De Ensino-Aprendizado.** Ponta Grossa: SINCT, 2016.

LIMA, S. G. D., LOPO, A. B. **Matemática Financeira E Equações Diferenciais: Conexões Via Modelagem Matemática.** Salvador: EBEM, 2015.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA

Yuri Ferreira de Sousa¹
Igor Heije Morais Tomori²
Tânia Maria Boschi³

A universidade pública é um importante espaço de produção, acumulação e disseminação de conhecimentos. Ela se fundamenta em três bases interrelacionadas: ensino, pesquisa e extensão. A "Extensão Universitária" é a ação da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento com o público externo do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvida na instituição. É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social.

Para entendermos melhor sobre a extensão atualmente, devemos considerar: O conceito assumido em 1987 pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, entendendo-a como "processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade". O preceito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, conforme Artigo 207 da Constituição de 1988. A definição do Plano Nacional de Extensão Universitária que incorpora as definições anteriormente referidas.

Este resumo tem como objetivo relatar as experiências obtidas pelos discentes do curso de matemática com apresentações dos materiais encontrados no laboratório de matemática, como também mostrar a importância das atividades ocorre no mesmo.

A metodologia utilizada foi através da ludicidade que os materiais do laboratório podem proporcionar, como: Torre de Hanói, Ábaco, Xadrez, Dominó de tabuada, Balança de Arquimedes, Figuras geométricas, Sólidos geométricos, Desafios, Multiplano, Material dourado, Escala Cuisenaire, Tangram, Jogo da Velha e entre outros. A monitoria de extensão na qual tivemos a oportunidade de participar ocorrida

¹Discente do curso de Licenciatura de Matemática – Matemática III – Departamento de Educação/Campus X – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – E-mail: yuri1998@live.com

² Discente do curso de Licenciatura de Matemática – Matemática III – Departamento de Educação/Campus X – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – E-mail: heije.tomori2014@outlook.com

³ Docente do curso de Licenciatura de Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Educação/Campus X – E-mail: tmboschi@hotmail.com

no Laboratório de Matemática durante seis meses que foram os meses de: abril, maio, junho, julho, agosto e setembro, exercendo atividades para apoiar alunos com grupos de estudos e atendimentos aos alunos por alguns professores, assim como apresentações dos materiais do Laboratório de Matemática para escolas que solicitavam visitas.

Nesse período de monitoria mudamos e reformulamos a organização do laboratório, relatório de objetos, tendo controle de entradas e saídas, teve a apresentação do laboratório para os alunos das redes: municipal, estadual, privada, trazendo alunos do ensino fundamental I e II, do ensino médio e do EJA, na qual foi relatado que durante os minicursos apresentados, alguns materiais chamavam mais a atenção de certos grupos de alunos, como exemplo a Torre de Hanói, sendo mais interessado pelos alunos do fundamental I e II, mas em contratempo, os alunos do ensino médio mesmo não demonstrando interesse pelo jogo, conseguiam exercer o objetivo dele com mais facilidade.

Durante o mês de outubro aconteceu o INTEREM que era um projeto com objetivo de apresentar as atividades desenvolvidas no Laboratório de Matemática para os alunos do Ensino Médio, de todos os tipos de redes educacionais. Em tal projeto foi apresentados os materiais do laboratório, e como com a ajuda deles podemos aprender a matemática de forma mais lúdica. Foi também percebido pelos monitores que a incidência de alunos frequentando o laboratório começou a aumentar durante o tempo, desta forma, é de grande importância já pensar em projetos futuros e como os objetos que o laboratório possui podem ajudar os alunos na construção do ensino em diversos momentos na matemática.

Com isso, concluímos que o laboratório de matemática desempenha um papel de grande importância para a realização de projetos extensivos, grupos de estudo e atendimentos por ser um ambiente que oferece recursos que abrange as necessidades para tais.

Palavras-chave: Laboratório de Matemática; Matemática; Extensão; Ludicidade;

REFERÊNCIAS

Universidade Federal do Espírito Santo, **Pró-Reitoria de Extensão – UFES**, 2013. Disponível em: < <http://www.proex.ufes.br/o-que-%C3%A9-extens%C3%A3o-universit%C3%A1ria> > Acesso em 26 de outubro de 2017.

CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Tatiana Ferreira Lima¹
Guilhermina Elisa Bessa da Costa²

A formação de professores exige cada vez mais que sejam contemplados em seus âmbitos de debate, pesquisas relacionadas com a inclusão, pois com tantas mudanças que ocorrem cotidianamente em nossa sociedade é necessário investir em discussões que fomentem a inclusão em todas as etapas que compõem a formação de um estudante, desde a educação infantil até o ensino superior.

Diante dessa realidade os cursos de formação de educadores necessitam promover uma formação adequada para a compreensão mais ampla no que tange a defesa em prol da inclusão e do respeito às diferenças. O movimento pela inclusão está atrelado à construção de uma sociedade democrática em que todos tenham seus direitos garantidos e possam exercer sua cidadania em plenitude. Crochik (2012, p. 42), anuncia que a proposta de educação inclusiva implica também no reconhecimento das diferenças e as adequadas condições para que essas não sejam um obstáculo à formação. A educação inclusiva, desta forma, não deve desconhecer as diferenças, mas proporcionar recursos para o cumprimento dos objetivos escolares visando possibilitar a acessibilidade acima da valorização dos obstáculos.

Diante dessa realidade é imprescindível o estudo das políticas públicas de inclusão e da formação do educador em sua atuação profissional. As políticas públicas que fundamentam a inclusão no Brasil, não bastam para que esta seja efetivada, pois há importantes documentos internacionais que afirmam e fundamentam a prática da educação inclusiva, como por exemplo, os resultados da Conferência Mundial de Educação para Todos em Jomtien, Tailândia (1990) e da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: acesso e qualidade, na Espanha, em 1994, quando foi elaborada a Declaração de Salamanca, destacamos também a Convenção da Guatemala (1999).

¹ Mestre em Cultura e Turismo (UESC). Graduação em Educação Física (UESC), Especialização em Saúde Coletiva (UESB), Professora do Curso de Educação Física, do Departamento de Educação – Campus X, da Universidade do Estado da Bahia/ UNEB -. E-mail: professoratatianalima@gmail.com

² Mestre em Gestão de Tecnologias Aplicadas à Educação- GESTEC/UNEB. Graduação em Pedagogia (UNEB). Especialização em Psicopedagogia (UESC), Docência do Ensino Superior (FASB). Professora da Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação- Campus X. E-mail:guilbessa@yahoo.com.br

No Brasil em 1999, o Decreto nº 3298, regulamentou a Lei n. 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. A mais recente Lei nº 13.146 promulgada em 2015, denominada: Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). No entanto, embora tenham ocorrido avanços nos dispositivos legais, ainda percebemos um distanciamento entre o que está preconizado nas Leis com a realidade das práticas de inclusão no cotidiano das salas de aula.

Um dos obstáculos para efetivar a inclusão no contexto escolar, refere-se à formação dos educadores, pois é imprescindível uma escuta sensível, além da necessidade de formação inicial e continuada para promover a inclusão. Dentre os objetivos desse estudo, destacamos os principais, a saber: contribuir para uma análise das políticas públicas que estão relacionadas ao processo de inclusão no contexto educacional e analisar as interconexões entre as políticas públicas e a formação de professores.

Para a realização do estudo utilizamos a pesquisa com abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica teórico-documental, através de estudos da inclusão e em documentos normativos - legislação e documentos publicados em nível nacional e internacional. O levantamento documental é considerado um instrumento importante, que pode ser consultado várias vezes e serve de base a diferentes estudos. No entanto o estudo não se esgota, dada a amplitude da temática em estudo.

Os resultados desse estudo revelam a necessidade de investir na formação dos professores para a educação inclusiva dentro da proposta de educação continuada, pois ainda há um distanciamento entre a teoria e prática no que tange a formação docente. Segundo Sassaki (2009), a inclusão social é um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, juntas, equacionar problemas, decidir sobre soluções, discutir e efetivar a equiparação de oportunidades para todos, para acolher toda a diversidade humana, envolvendo além da adaptação do espaço, a modificação da atitude humana, ao contrário do que muitos pensam, incluir no sentido de apenas ser colocado para dentro, para não ser marginalizado ou discriminado.

Os estudos apontam que ainda é necessário investir na aplicabilidade das políticas públicas no âmbito da formação e superar as descontinuidades e a falta de articulação entre as esferas, federal, estadual e municipal, com vistas a favorecer a redução da distância entre o que preconizam os documentos oficiais em suas

determinações para uma Educação Inclusiva e o que o cotidiano das escolas revelam, e assim construir novas formas de sociabilidade, como propõem as diretrizes e o discurso social e pedagógico estabelecido. Vale ressaltar a importância de conhecer e viabilizar, no contexto da formação de professores, os seis aspectos das dimensões para a acessibilidade, segundo Sasaki (2009): metodológica, comunicacional, instrumental, atitudinal, programática e arquitetônica.

Palavras-Chave: Inclusão; Políticas Públicas; Formação Docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Plano Nacional de Educação.** Congresso Nacional. Brasília.DF, 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne>. Acesso em: 19 nov. 2016

CROCHIK, José Leon. Educação Inclusiva e preconceito: desafios para a prática pedagógica. In: MIRANDA, Theresinha Guimarães; Galvão FILHO, Teófilo Alves (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva:** formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012

SASSAKI, R. K. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.** Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA NO ENSINO DA MATEMÁTICA POR MEIO DA ANÁLISE DE ERROS

Mônica Romana de Oliveira Santos¹;
Aline Lélis de Medeiros Taurino²;
Guilhermina Elisa Bessa da Costa³;

A avaliação da aprendizagem ainda é, na maioria das vezes, utilizada pelo professor de matemática como uma maneira de conferir somente o acerto dos estudantes. O erro cometido pelos mesmos é considerado apenas como uma falta de compreensão dos conteúdos estudados. Nesse sentido, a avaliação assume uma função classificatória e excluente. Aliada à complexidade que é própria da Matemática pelo seu formalismo e necessidade de abstração, promovem uma aversão e um desestímulo dos estudantes com a aprendizagem desse componente curricular, que passam a enxergá-la como algo intimidante e inalcançável. Esse sentimento em relação à matemática pode se estender a outras áreas do conhecimento e até a vida pessoal do estudante, pois, na maioria das vezes ele é rotulado pelo grupo e, às vezes, até mesmo por professores e familiares gerando timidez e insegurança. No entanto, o erro pode revelar muito mais que a falta de compreensão de um determinado conteúdo.

Ao observar o erro cometido pelo aprendiz, o educador pode analisar quais as principais dificuldades que este precisa superar na aprendizagem e como o mesmo se apropria do conhecimento, seu avanço, como funciona sua estrutura cognitiva diante da tarefa proposta. Cury (1994) ressalta que os erros cometidos pelos alunos são considerados estágios necessários à exploração de problemas e podem ser utilizados, pelo professor ou pelos próprios alunos, para novas descobertas e para discussão dos conceitos envolvidos em um determinado problema matemático.

O presente trabalho apresenta uma prática pedagógica aplicada numa escola da rede pública estadual do município de Teixeira de Freitas, na qual a análise dos erros cometidos pelos estudantes do 8º ano do ensino fundamental, numa atividade de matemática demonstrou uma grande dificuldade destes na resolução de problemas. A análise minuciosa dos erros permitiu ao educador, identificar as

¹ Educadora e discente do curso de Pós-graduação em Educação Matemática – DEDC-X.

² Educadora e discente do curso de Pós-graduação em Educação Matemática – DEDC-X

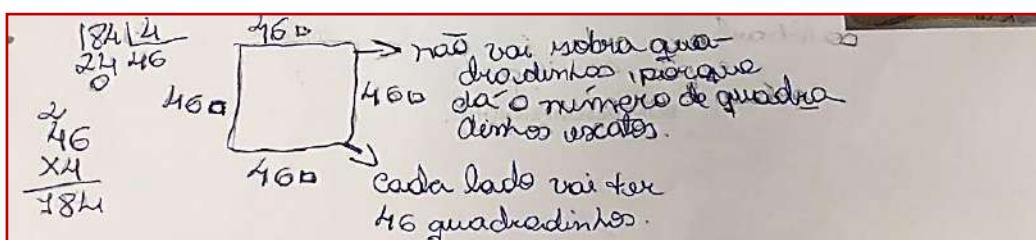
³ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB DEDC-X.

dificuldades dos estudantes e utilizar novas estratégias para promover a inclusão dos aprendizes no processo de aprendizagem desse componente curricular.

O objetivo deste trabalho é utilizar o método da análise de erros na resolução de problemas relacionados ao ensino das Potências e identificar quais dificuldades os estudantes precisam superar na aprendizagem desse conceito matemático, seus avanços e como funciona sua estrutura cognitiva diante da tarefa proposta, e tem também como finalidade, inserir estudantes com dificuldades no processo de aprendizagem da matemática.

O trabalho foi desenvolvido numa turma com 28 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede estadual de Ensino no Município de Teixeira de Freitas, Bahia. Utilizamos a metodologia qualitativa com abordagem investigativa, e está de acordo com a metodologia adotada por Brum e Cury (2013) que é baseada na classificação dos erros de Movshovitz-Hadar, Zaslavsky e Inbar (1987), conforme descrição a seguir: I) Uso errado dos dados; II) Má Interpretação da linguagem; III) Teorema Distorcido; IV) Erros Técnicos; V) Cópia de dados. Foi aplicada uma atividade na turma e avaliado os conteúdos das soluções apresentadas pelos estudantes, passando pelas etapas de pré-análise, exploração do material, classificação dos tipos de erro.

A seguir apresentamos uma das questões que foram utilizadas para compor o instrumento de produção dos dados, a solução apresentada por um estudante e a classificação do erro conforme descrição acima. Questão: João tem 184 “quadrinhos” de cartolina, todos iguais. Qual o maior quadrado que ele pode formar com esses “quadrinhos”? Quantos “quadrinhos” vão sobrar? (Objetivo: relacionar a área do quadrado a um número quadrado perfeito). Erro do tipo III - TEOREMA DISTORCIDO: O estudante distorce as informações usando propriedades ou operações que não se enquadram com a questão, como nesse caso, utilizou o cálculo do perímetro do quadrado quando deveria ter associado potências ao cálculo da área do quadrado.



Os resultados demonstraram que a análise fornece informações que permitem ao educador avançar no conhecimento das causas do erro dos estudantes e elaborar novas estratégias de ensino. Foi possível verificar o nível de aprendizagem dos estudantes, traçar um perfil da turma, identificar estudantes com limitações cognitivas e promover a inclusão dos mesmos por meio de estratégias de ensino apropriadas, o que representa um desafio que aos poucos vem sendo superado na prática pedagógica com vistas à inclusão dos estudantes no contexto educacional. Rever suas respostas e analisá-las permitiu ao aprendiz refletir sobre o erro cometido promovendo um melhor entendimento do conteúdo matemático trabalhado.

Concluímos que a Análise de Erros se constitui uma metodologia que permite criar um ambiente de aprendizagem capaz de promover uma reflexão do estudante sobre suas próprias ações e consequentemente avançar na aprendizagem do conteúdo. O educador poderá compreender melhor o raciocínio do aprendiz e buscar novos meios para a aprendizagem do estudante, promovendo a inclusão deste no processo de conhecimento do componente curricular.

Palavras-chaves: Avaliação; Prática Pedagógica; Análise de Erro; Ensino da Matemática.

REFERÊNCIAS

ANDRINI, Ávaro.; VASCONCELOS, Maria José. Praticando Matemática 8. São Paulo: Editora do Brasil.

BRUM, Lauren Darold.; CURY, Helena Noronha. Análise de erros em soluções de questões de álgebra: uma pesquisa com alunos do Ensino Fundamental. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 4, p. 45-62, 2013.

Cury, H. N. (2007). Análise de erros: o que podemos aprender com as respostas dos alunos. Belo Horizonte: Autêntica.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Pedagogia

O ESTADO DA ARTE SOBRE A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS A PARTIR DO DECRETO 5.626/2005 ATÉ O ANO DE 2015

Patrícia Pereira de Souza¹
Caline Macário G. Ferreira²
Eliene Conceição de O. Jorge³
Cristiane Gomes Ferreira⁴

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo fazer um mapeamento do Estado da Arte em bibliotecas eletrônicas SCIELO e IBICT que dizem respeito ao papel/atuação do intérprete educacional de surdos no ensino fundamental a partir do Decreto 5696/2005 até o ano de 2015. Essa data do decreto serve como marco inicial, pelo fato dele estabelecer normas e diretrizes sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos espaços públicos, especialmente, nas escolas e universidades. Ele foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no ano de 2016. Ele apresentou os trabalhos publicados sobre o intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)⁵ na educação de surdos no ensino fundamental, visto que esse estudo é um campo ainda pouco pesquisado, e faz-se necessário, cada vez mais educadores com conhecimentos sobre essa temática.

Partindo do princípio de que a escola regular tem efetuado um grande número de matrículas de alunos surdos, surgiu então, à curiosidade em realizar o trabalho sobre o papel/atuação do intérprete na educação do surdo. De acordo com a LDB 9.394/96 os surdos estão amparados e inclusos, porém é notório que tanto nas escolas quanto nas universidades ainda não está claro a função do intérprete e a inserção dos surdos no sistema educacional. É preciso esclarecer sua real função para fazer valer a inclusão, considerando que as discussões referentes ao processo de inclusão têm ganhado forças nos últimos anos; e que Leis e decretos mencionados anteriormente foram criados para amparar o aluno com necessidades especiais, dentre esses os surdos. Como pensar em inclusão de alunos surdos sem considerar

¹ Egressa do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia-UNEB Departamento de Educação- Campus X. Autora desse trabalho. Ele é um resumo do TCC realizado com as estudantes Caline Macário G. Ferreira e Eliene Conceição de O. Jorge. E-mail: patyps_icm@hotmail.com.

² Egressa do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia-UNEB Departamento de Educação- Campus X.

³ Egressa do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia-UNEB Departamento de Educação- Campus X

⁴ Professora orientadora do TCC e desse trabalho. Email: crisgfe.inclusao@gmail.com

⁵ Criada pela Lei n. 10.436/2002

o papel do intérprete. Vários autores colaboram com o TCC, contudo, para esse texto apenas utilizamos algumas legislações, Masutti e Santos (2008) e Romanowski e Ens (2006).

Segundo Masutti e Santos (2008), atualmente a área de tradução em Língua de Sinais está em grande discussão nas universidades, onde os intérpretes, as comunidades surdas estão lutando por um direito que lhe são garantidos por lei.

Essa investigação teve como metodologia o Estudo do Estado da arte, que visam realizar um mapeamento mais minucioso de como se dá a produção científica de determinada área do conhecimento em artigos de periódicos, publicações, teses e dissertações. Romanowski e Ens (2006, p.39) chamam atenção, que “esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas”.

Para realização desse trabalho foi necessária uma busca nas bibliotecas *online*, IBICT e SCIELO, relacionados ao tema “o papel do intérprete” utilizando o descritor “Educação de Surdos e Intérpretes”. No banco de dados do SCIELO, foram encontrados 14 (quatorze) artigos envolvendo educação de surdo e intérprete, porém apenas 02 (dois) desses trabalhos eram relacionados com o nosso descritor pesquisado, entretanto, ambos os artigos tratam do intérprete no nível Superior e nenhum do ensino fundamental. Esse resultado nos surpreendeu, pelo fato do SCIELO ser um site muito utilizado no meio acadêmico e ter tão poucos trabalhos publicados sobre a temática. O banco de dados do IBICT foi uma das bibliotecas que obtivemos mais trabalhos acadêmicos, num total de 131(cento e trinta e um), contudo, dentre esses somente 22 (vinte e dois) foram relacionados com o assunto “Educação de Surdos e Intérpretes no ensino fundamental”.

Após análise das dissertações e artigos, o que nos chamou muito a atenção foi a quantidade reduzida de trabalhos relacionados acerca do intérprete no ensino fundamental I, se considerarmos que no Brasil temos uma enorme população de surdos, que atualmente estão dentro das nossas escolas de educação básica e que infelizmente possui um grande déficit de intérprete. O intérprete é uma figura nova que surge no âmbito educacional como ponte de acessibilidade e inclusão do aluno surdo. Vale ressaltar que o espaço de tempo pesquisado foi grande, uma década, uma vez que delimitamos entre o ano de 2005 até 2015. Conforme a Lei n.12.319/2010 a função do intérprete é interpretar, entretanto, com base nas leituras de todo o material, percebemos que na prática não é isso que acontece, sua função vai além da

interpretação, ele é mediador, co-construtor um profissional que auxilia na construção do conhecimento do indivíduo surdo.

Não queremos aqui discutir que muitas vezes ele assume o papel do professor e que pelos defensores da escola bilíngue é uma falha muito grave, mas queremos salientar sua importância hoje nas escolas inclusivas, pois sem eles o surdo tem problemas seríssimos de comunicação em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 5.626. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e o art. 18 da Lei n 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de dez. 2005.

BRASIL. Lei n. 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras- e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 abr. 2002.

BRASIL. Lei n 9394/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. **Lei n. 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007- 2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 24/05/2016.

MASUTTI, Mara Lúcia; SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Intérpretes de língua de sinais: uma política em construção**. In. **Estudos Surdos III**. Ronice Müller de Quadros (Organizadora) – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008. 300 p.: 21cm – (Série Pesquisas) ISBN 978-85-89002-46-2.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disp. em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=237&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em 25/02/2016.

EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA

Sabrina de Azevedo Evangelista¹
Cristiane Gomes Ferreira²

Esse trabalho tem como o objetivo relatar a experiência do estágio supervisionado que uma estudante surda do curso de matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação *Campus X* vivenciou em uma escola inclusiva no ensino fundamental I.

O estágio supervisionado é um momento de experiência prática, na qual o estudante tem a oportunidade de vivenciar à docência, é um período muito importante, pois é possível aliar a teoria com a prática. Pimenta e Lima (2005/2006) entendem que o estágio é um campo de conhecimento no qual ocorre uma superação da prática instrumental, uma vez que ocorre uma interação entre o meio acadêmico e o campo social, o que se constitui em um momento também de pesquisa.

Esse trabalho assume relevância acadêmica, pelo fato de acreditarmos que as narrativas de experiências formadoras podem trazer novas reflexões para o ensino da matemática, já que a estudante que participou do estágio é surda, o que revela uma singularidade e experiência inovadora para os professores, as estudantes e a própria escola na qual o estágio foi realizado.

Como esse artigo é um relato de uma estudante surda e a escrita apresenta sua cultura, bem como as suas características linguísticas, sem, contudo, perder o rigor acadêmico das normas, a metodologia trabalhou com uma abordagem qualitativa, pois existe uma subjetividade pelas experiências humanas e como método utilizou a história de vida, já que de acordo com Silva et al (2007) uma das características das abordagens biográficas é que a história é contada da maneira própria do sujeito.

Os autores que embasaram o trabalho foram Pimenta e Lima (2006), Felício e Oliveira (2008), Silva et al (2007). Apresentar estágio curso matemática junto colegas Yasmim, Micaely.

O estágio foi escola Vila Vargas, ensino Fundamental I. Nós planejar o estágio antes e escrever objetivos, conteúdos (somar, dividir e multiplicar), metodologia e

¹ Estudante surda do curso de matemática – UNEB/Campus X - Email: sabrinavangelista@hotmail.com

² Professora Assistente/orientadora – UNEB/Campus X - Email: crisgfe.inclusao@gmail.com

avaliação. O estágio aconteceu toda quarta-feira manhã 07h até 11:30h e quinta feira 07h e 11:30h. O estágio ter um intérprete junto em sala de aula, Davi Nascimento. Ele fazer interpretação dos ouvintes e também interpretar o que eu explicar. Na primeira semana Yasmim começou e explicar como seria as aulas estágio e o assunto explicar. Na segunda semana Micaely falar assunto também e explicar brincadeiras. Ter o intérprete Davi Luiz que fazia a intermediação quando necessário, no começo eles acharam diferente uma professora surda, porém depois não acharam estranho porque a escola é um polo de educação de surdos.

Pimenta e Lima (2005/2006) defendem que um curso de formação para professor estará auxiliando o estudante quando possibilite o treinamento em situações experimentais de determinadas habilidades para o bom desempenho docente. Acontecer isso no estágio, ter situações novo para estudantes UNEB, alunos escola Vila Vargas e professor. O estágio fez ver como as crianças não tem melhora base de conteúdos matemáticos, operações básicas não conseguiam realizar. Porém, através dos jogos matemáticos e brincadeiras eles se sentiam feliz a aprender e sempre quando chegava a sala de aula eles perguntar se hoje ter brincadeiras e nós responder que sim, então pular de alegria.

Segundo Felício e Oliveira (2008) o estágio curricular auxilia no processo de ensino e de aprendizagem, pelo fato de inserir o estudante na realidade do cotidiano escolar e preparar o aluno para o exercício da profissão. O estágio mostrar difícil alunos matemática e importância professor sala aula. O jogo ou brincadeira os fazer esquecer que estudar e aprender, porque eles brincar. Quando colega não saber fazer e errar, o outro colega ajudar e rir muito. No final da brincadeira uma bala ou chocolate era sempre felicidade. Sempre esperar ansiosos pela quarta-feira ou quinta, dia um que acontecia o estágio. Cada dia era duas a três atividades práticas, uma que estudantes gostar, foi o bingo da soma que usar feijão para marcar, eles pular alegria e ficar ansiosos para acabar fim linha ou a cartela porque aluno ganhar ter brinde. Também ter o bingo da soma em que os alunos ter que saber qual a parte completar valor. Esse bingo, alunos ter dificuldades, difícil eles fazer, porque não entender, mas depois explicar bem e eles entender. Nós no estágio ficar duas professoras diferentes. Uma na quarta outra na quinta. Elas ter diferenças, mas elas duas ter cuidado com alunos sala de aula, elas respeitar cada aluno e ajudar.

O estágio, portanto, foi muito significativo para todas às pessoas envolvidas, para a própria estudante surda, bem como para os alunos da escola, professores, as

colegas de grupo do estágio e o intérprete. A narrativa efetuada pela estudante demonstra que ela participou do planejamento com as colegas de grupo e a experiência possibilitou vivenciar o dia a dia de uma escola. O estágio mostrou as necessidades dos estudantes na sala de aula e principalmente, como é a realidade de uma escola inclusiva, na qual tem a presença de intérpretes para garantir a mediação entre uma pessoa surda e os ouvintes com Língua Brasileira de Sinais (Libras). Outro aspecto salientado nesse trabalho, é que a história oral descrita pela estudante surda, apresenta a realidade da maioria dos surdos brasileiros que tem a língua portuguesa como segunda língua e por esse motivo exibe uma escrita com verbos no infinitivo e frases sem conectivos. Assim, esperamos também que ele possa trazer compreensão sobre a cultura surda e seu modo de escrever.

REFERÊNCIAS

FELÍCIO, Helena M. dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Rev. Educar**; Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008. Editora UFPR. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a15>. Acesso em 08/11/2017.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**. Vol. 3, número 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em 20/05/2015.

SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. **Rev. Mosaico**: estudos em psicologia, v. 1, nº 1, 25-35, 2007. Disponível em <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344>. Acesso em 02/09/2016.

MONITORIA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS REFLEXÕES

Jamaira Conceição Da Silva¹
Maria Jucilene Lima Ferreira²

A Educação do Campo é um projeto que reafirma um fenômeno da realidade brasileira atual, apresentando perspectivas político-pedagógicas sobre a educação do e para o campo. Trata-se de uma bandeira de luta protagonizada pelos trabalhadores camponeses e suas organizações. Os sujeitos do campo visam incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades, defendendo a educação como direito social e dever do Estado. Estes sujeitos são representados por comunidades tradicionais, por exemplo, quilombolas, indígenas, povos de terreiro, povos de fundo de pasto e/ou trabalhadores que realizam atividades pesqueiras, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas, dentre outras.

O projeto de Educação do Campo objetiva, sobretudo, o desenvolvimento mais pleno do ser humano, da sua humanização e a construção de um mundo digno para a classe trabalhadora viver e produzir a vida. Nesse sentido, a participação nesse debate com a monitoria de ensino, amplia a interação com colegas do curso de pedagogia e o debate sobre essa temática, articulando experiências entre as duas áreas de conhecimento (Pedagogia e Ciências Biológicas).

A monitoria, tanto de ensino, quanto de extensão na Universidade do Estado da Bahia é uma das funções acadêmicas que cumpre o papel de atividade complementar nos cursos de graduação, além de promover maior interação entre o corpo docente e o discente, proporciona oportunidades para a integração da teoria com a prática na formação do futuro profissional. Nessa perspectiva, destacamos nossa participação na monitoria de extensão desenvolvida na Associação cultural e Socioambiental, Vozes que Educam (ACSAVE) na cidade de Alcobaça Bahia, é um espaço cultural conhecido como Dona Flora, tendo como objetivo incentivar as crianças, jovens e adultos, o interesse pela educação, música e cultura, desenvolvendo projetos que favoreçam a inclusão social, promovendo, apoiando ações de cuidado e proteção ao meio ambiente.

A nossa participação nessa monitoria proporcionou uma inserção de aprendizado e trocas de experiências com a comunidade local, bem como o aprofundamento de estudos na área educação ambiental. Já o Projeto de Monitoria de Ensino para Educação do Campo realizado na Universidade do Estado da Bahia,

Departamento de Educação – Campus X tem como objetivo promover espaços de aprofundamento teórico-prático e produção de conhecimentos acerca da questão agrária no Brasil e das políticas públicas que envolvem a Educação do Campo, se constituindo, ainda, como uma atividade peculiar para o exercício da práxis educativa e social, implicando na produção de experiências que articulem teoria e prática e a ampliação do debate acerca da relação educação-campo-política pública na Educação Superior.

Nossos estudos, no componente curricular do curso de pedagogia: Educação do Campo têm se dedicado, dentre outras temáticas às Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Estas se constituem como referência para a Política de Educação do Campo, à medida que com base na legislação educacional estabelecem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às aos princípios do Projeto de Educação do Campo, referido acima.

O Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, destaca os princípios da educação do campo, tais como o respeito à diversidade, a formulação de projetos políticos pedagógicos específicos, o desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação e a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo (SECADI, 2012). Desde 1998, ano de realização da I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, que por muitos é tomada como referência inicial da Educação do Campo no Brasil, em articulações dos movimentos sociais, o debate e a construção do conceito Educação do Campo vêm se firmando (MARTINS, 2013). Desde esse período histórico até hoje, as práticas de Educação do Campo têm se movido pelas contradições do quadro atual das relações imbricadas entre campo, educação e políticas públicas. Houve avanços e recuos na disputa do espaço público e da direção político-pedagógica de práticas e programas, assim como na atuação das diferentes organizações dos trabalhadores camponeses organizados, conforme o cenário das lutas mais amplas e da correlação de forças de cada momento. “O enfrentamento das políticas neoliberais para a educação e para a agricultura continua como desafio de sobrevivência (...)” (CALDART, 2012).

O modo de fazer a luta pela escola tem desafiado os camponeses a ocupá-la também nessa perspectiva, como sujeitos, humanos, sociais, coletivos, com a vida real e por inteiro, trazendo as contradições sociais, as potencialidades e os conflitos

humanos para dentro do processo pedagógico, requerendo uma concepção de conhecimento e de estudo que trabalhe com essa vida concreta (CALDART, 2012).

Palavras-chave: Monitoria; Ensino; Educação; Campo.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli S. Educação do Campo. Dicionário da Educação do Campo. / CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 259-266.

Ministério da Educação Secretaria Executiva Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI Diretoria de Políticas de Educação do Campo, Indígena e para as Relações Étnico-Raciais Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo, 2012.

POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AVANÇOS E RETROCESSOS EM TEMPOS DE CONJUNTURA POLÍTICA APÓS IMPEACHMENT DE 2016

Cristiane Gomes Ferreira¹

Elizete Costa²

Bruna Pereira dos Santos³

Tânia Souza de Jesus⁴

Ely Carlos Teixeira⁵

Esse trabalho tem como objetivo contextualizar as políticas públicas para a educação inclusiva e os avanços e retrocessos em tempos de conjuntura política após golpe parlamentar de 2016. Ele teve sua gênese nas reuniões do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Inclusiva (GEPEI) que iniciou os trabalhos no ano de 2017.

A educação inclusiva nos dias atuais tem assumido importância nas políticas públicas sociais e exigido transformações na qualidade da educação. Esse trabalho, portanto, deseja de maneira resumida presentar as políticas de educação inclusiva no Brasil após 1990, discutir os impactos dessas mudanças e os retrocessos após o impeachment de 2016.

O estudo foi fundamentando nas publicações governamentais, legislação e autores que debatem e discutem sobre o assunto, tais como Mantoan (2010). A metodologia possui uma abordagem qualitativa, pois trabalha na subjetividade dos sujeitos e tem como método de pesquisa o estudo bibliográfico e documental. Para melhor entendimento, o texto foi subdividido em políticas de educação inclusiva no contexto histórico após 1990 e a legislação, a educação inclusiva na conjuntura política após impeachment de 2016 e as considerações finais. As leis e as políticas de Educação Inclusiva após 1990 impulsionou o acesso de todos à educação, o que garantiu direitos e orientou os sistemas de ensino ao atendimento dos alunos público-alvo da Educação Especial. Com intuito de validar esse pensamento, destaca-se a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a Convenção da Guatemala (1999). Essas políticas apontaram novas possibilidades para a

¹ Professora Assistente da UNEB/DEDIC X – Coordenadora do Grupo de estudo GEPEI. Email: crisgfe.inclusao@gmail.com

² Professora Mestre da Rede Municipal de Teixeira de Freitas – Coordenadora do GEPEI. Email: elizete_bebes@hotmail.com

³ Estudante do 7º período do curso de Pedagogia. Integrante do GEPEI. Email: brunasantos8888@hotmail.com

⁴ Estudante do 6º período do curso de Pedagogia. Integrante do GEPEI. Email: tania.souzaba@outlook.com

⁵ Psicopedagogo, profissional do CAPs. Integrante do GEPEI. Email: elicarlos17@hotmail.com

escolarização dos alunos da educação inclusiva na década de 1990. Mantoan (2010) Relata que a fase inicial da educação especial foi prioritariamente assistencial, a segunda deu ênfase aos aspectos médico e psicológico. Em seguida, chegou às instituições de educação escolar e, depois, à integração da educação especial no sistema geral de ensino. Na atualidade, finalmente, apresenta-se com a proposta de inclusão total e incondicional desses alunos nas salas de aula do ensino comum.

A Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), priorizou o processo de inclusão escolar e posteriormente ganhou força com a aprovação do Plano Nacional de Educação - PNE (2014/2024), que estabeleceu entre suas metas, uma especificamente para Educação Especial, garantindo o Atendimento Educacional Especializado – AEE e a formação continuada para professores em educação inclusiva. Recentemente a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) ratificou os diversos pontos discutidos nos documentos anteriores e reforçou o combate à discriminação, ao preconceito e firmando o direito de todos em frequentar uma escola de ensino comum.

O impeachment ocorrido no Brasil em agosto de 2016, trouxe vários impactos para as políticas públicas brasileiras e que completados mais de um ano do ocorrido, pode-se identificar algumas questões que trarão dificuldades para implementação de políticas para educação, principalmente na área da educação inclusiva Meta 4, do atual PNE. Em menos de um ano de mandato e sem legitimidade popular, o atual governo aprovou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC dos gastos), a reforma trabalhista e a reforma do ensino médio.

Um dos pontos questionados por esse trabalho é justamente a implementação da Meta 04 que é universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados. É uma meta grandiosa, se considerarmos o estado atual das escolas de educação básica e as necessidades de melhorias em sua infraestrutura, formação de professor, material didático e pesquisas na área de Tecnologias Assistivas.

De acordo com o INEP (2016) a cada ano aumenta o número de pessoas com deficiência em salas de aula. Entre 2005 a 2015 subiu de 114.834 para 750.983

estudantes nas escolas comuns. Para que a educação inclusiva se efetive, faz-se necessário aumento de investimentos nas políticas para educação, o que na atualidade a PEC dos gastos inviabiliza bastante essas mudanças, já que estabeleceu um período de 20 anos, no qual limita os gastos do governo com educação que na atualidade são de 18%.

De acordo com Alessi (2016) deixar de investir na educação nos 20 anos de vigência da emenda proposta (tempo de dois PNEs) é condenar as gerações que serão a população economicamente ativa daqui a vinte anos, a receberem uma baixa qualificação. No caso da Educação Inclusiva é impossibilitar a universalidade das crianças de 04 a 17 anos, pelo fato desse público necessitar de escolas acessíveis, salas de AEE, intérpretes e pessoal especializado.

A educação inclusiva tem grandes desafios a vencer em uma sociedade que ainda é excludente e que tem dificuldades de se relacionar com o diferente. O atual PNE e a meta 4 estabeleceu a universalização educacional, mas tem pela frente sérios entraves que impactarão sua efetivação, haja vista que as reformas implementadas após o impeachment de 2016 trouxeram retrocessos para às políticas públicas brasileira. Esperamos como educadores e pesquisadores da educação inclusiva que a sociedade saia do paradigma exclusivo e realmente compreenda a necessidade de adentrar ao paradigma inclusivo, no qual o reconhecimento da diversidade seja o princípio norteador das sociedades vindouras.

REFERÊNCIAS

ALESSI, GIL. Entenda o que é a PEC 241 (ou 55) e como ela pode afetar sua vida.

Rev. El País Brasil. Edição 13/12/2016. Disponível em

<https://brasil.elpais.com/tag/fecha/20161213>. Acesso em 09/11/2017.

BRASIL. Lei Federal nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).**

Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 10.09.2017.

_____. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação.** Brasília, 2014. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2017.

_____. Ministério de Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília, 2008. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **INEP**. Estatísticas de 2005 a 2015. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em 05/10/2016

MANTOAN, M. T. E.; SANTOS, M. T. T. **Atendimento Educacional Especializado**: políticas públicas e gestão nos municípios. São Paulo: Moderna, 2010.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DA ARTE

Andressa Viana de Almeida¹
Liana Gonçalves Pontes Sodré²

A Educação Infantil tem um papel muito importante, pois compõe a parte inicial do processo educacional, e entre os inúmeros aspectos pertinentes a este processo está a definição de uma estratégia metodológica: Alfabetização ou Letramento? Há uma diferença entre essas ações. Soares² (2010, p. 47) afirma ser alfabetização a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” e define que o letramento é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

A pesquisa teve por objetivo analisar a produção de estudos em artigos de periódicos científicos, monografias, dissertações e teses disponíveis em bancos de dados de sites e portais eletrônicos. Detalhando melhor, efetuou-se um levantamento que permitisse descrever como a Alfabetização e o Letramento têm sido pesquisados na Educação Infantil em nosso país, quais os centros de pesquisa que mais se dedicam a estes temas, bem como ressaltar as questões apontadas, as contribuições e os desdobramentos propostos por esses trabalhos.

Como estratégia metodológica, recorremos a um tipo de estudo denominado Estado da Arte. Esse levantamento foi realizado nos portais Scielo e BDTD – IBITC, com todas as publicações desde os anos de 1994 até os dias atuais. O avanço tecnológico favorece a realização de pesquisas bibliográficas de maneira efetiva através do surgimento de ferramentas como a rede mundial de computadores (a internet), o que torna cada vez mais prático e eficaz o acesso a variados temas, possibilita a análise de estudos realizados nas diferentes áreas que se queira investigar.

Os resultados indicam que o tema Alfabetização foi mais frequente nas publicações que o Letramento. Observamos que nos portais que foram utilizados pela pesquisa a temática Letramento na Educação Infantil foi alvo de estudos com maior frequência a partir do ano 2000. Por meio desta estratégia de estudos do Estado da Arte foi possível perceber o quanto estes temas são relevantes. Apesar

¹ Graduada em Pedagogia, Professora da Educação Infantil, andressavianaa@hotmail.com

² Liana Gonçalves Pontes Sodré, Professora Plena da UNEB, lsodre@uneb.br

de se encontrar muitos estudos a respeito da Alfabetização, dentro da Educação Infantil o tema é pouco explorado, já que a maioria das pesquisas encontradas tem como foco o Ensino Fundamental. Soares acrescenta que o conceito de Letramento, talvez por ser um termo que tenha entrado em nossa língua há menos tempo, pode justificar o menor número de estudos sobre o tema na Educação Infantil.

Os trabalhos analisados ressaltam que a Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, pode colaborar para a construção do conhecimento da criança, valorizando-a como ser que atua e aprende, mas para isto, é necessário que o professor desenvolva métodos e práticas pedagógicas que a aproximem da leitura e da escrita num contexto viável e significativo para ela.

Palavras-chave: Letramento, Alfabetização, Educação Infantil, Crianças.

REFERÊNCIA

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PEDAGOGIA SOCIAL: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS INTERDISCIPLINARES NA ONG ASELIAS

Autora: Brisa Santos de Araújo¹
Orientadora. Profa. Maria Mavanier Assis Siquara²

O texto em questão apresenta a experiência de monitoria de extensão vivenciada pela discente do DEDC-X Brisa Santos de Araújo a partir do projeto de extensão: *Arte & Manhas da leitura e da escrita com as crianças da ONG ASELIAS: Alfabetização, letramento e práticas socioeducativas interdisciplinares*, coordenado pela Profa. Maria Mavanier Assis Siquara, docente do referido departamento. Realiza-se o projeto no espaço não- escolar acima mencionado, no Bairro Tancredo Neves, com crianças matriculadas na escola regular, mas no turno oposto não conta com a responsabilidade permanente do adulto pai ou mãe para lhes provê segurança, confiança e proteção. A falta de autoridade paterna, materna ou outra no gênero tem fortalecido as idas e vindas de crianças expostas à “liberdade” da rua, quando os meios de comunicação veiculam o retrato da violência nos bairros, envolvendo as crianças.

O espaço, ONG ASELIAS (Associação Asas da Esperança Liberdade), foi criado por Frei Elias 2002 também pela iniciativa do casal Roberto Poggio, missionário italiano e Mônica Poggio, brasileira de origem, filha de Ponta d’Areia, Caravelas- Ba que mobilizaram a ideia junto a outras entidades e instituições, inclusa a Universidade do Estado da Bahia que em parceria se implantasse um projeto social com crianças, experiência similar em curso em Ilhéus-Ba.

Nos primeiros anos de sua fundação Frei Elias foi seu Presidente, hoje é Maria da Glória Ferreira Santos, Assistente Social que preside a ONG. Para Machado (2009) a Pedagogia Social, já se constitui reconhecida como ciência, como disciplina curricular e como área de intervenção sócio pedagógica, como campo de pesquisa e como profissão.

No cenário brasileiro tem encontrado resistência na visão de educadores escolares e em instituições acadêmicas, embora essa ótica esteja avançando a partir

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, III Semestre Acadêmico do Departamento de Educação Campus-X-DEDCX/Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Teixeira de Freitas-Ba. E-mail: brisa.santos.de.araujo@gmail.com

² Docente do Departamento de Educação Campus X-DEDCX/ Universidade do Estado da Bahia_UNEB, Teixeira de Freitas-Ba. E-mail: mavanis@uol.com.br

do reconhecimento da existência de outros espaços educativos diferentes da instituição escolar e não menos educativo-formativo como espaço não-escolar, ou seja, instituições que não se inscrevem no mesmo estatuto de educação escolar, mas também com normas, princípios didático-pedagógicos, regras de convivência socoéticas pautadas nos princípios e valores que resguardam a dignidade humana.

Espaços sociais, como ONGs (Organizações não-governamentais) e, outros espaços com práticas socioeducativas diversas, desde as questões básicas de leitura e escrita aos projetos sociais, culturais mais amplos. Graciani (2001) na obra *Pedagogia Social de Rua*, discute os princípios pedagógicos traçados o mais próximo da realidade do educando em se aproveitando a oportunidade educativa de interpretação do mundo humanamente construído e sob essa ótica um novo entendimento educativo inscrito na/pela pedagogia social.

Objetivo: Contribuir com os alunos (as) da ONG ASELIAS para a apropriação e domínio do saber pertinente às relações de letramento e alfabetização, entrelaçando-as com outras áreas de conhecimento, buscando a inter-relação de a leitura e a escrita a partir de linguagens diversas em meio a práticas interdisciplinares. Como metodologia de trabalho no dia a dia educativo na ONG ASELIAS tem-se na dialogia Freireana a base da reflexão-ação-reflexão problematizando situações de letramento e de alfabetização projeto assumido pela entidade nestes últimos dois anos. São desenvolvidas práticas de leitura e de escrita utilizando-se de jogos, brincadeiras, vídeos e outras propostas que promovam as aprendizagens, garantindo o fortalecimento e o desejo por novos conhecimentos por parte das crianças.

As atividades socioeducativas são desenvolvidas a partir de saberes do cotidiano e cultura da comunidade, sendo usadas como estratégias de ensino, onde as crianças são motivadas a dizer sua palavra e as maneiras de como escrevê-la. À exemplo a atividade de pintura é bem sedutora para elas, mexer com as tintas, escolhê-las e realizar seus desenhos, traz alegria, movimento, expressões de sentimentos, de disputa, de trocas. A gente parte de um desafio, conta-se uma história e na sequência didática posterior a gente solicita o reconto com o uso do desenho, depois fazemos uma roda de conversa e ouvimos o que eles e elas têm a dizer. É perceptível o aflorar da imaginação, mas também a repetição e a imitação. Ali se processam diferentes atitudes, umas mais tensas, outras mais calmas. Além da expressão da imaginação, da inventividade, percebe-se o modo de compreensão do contexto referido nas histórias lidas, ouvidas.

Durante este processo educativo da ONG ASELIAS foi perceptível a interação e comprometimento por parte das crianças para a compreensão das atividades propostas e conclusão das mesmas. Na continuidade desse trabalho, diversas atividades socioeducativas vão se realizando, tratamos da leitura de imagens de textos da literatura brasileira infantil, a poesia. Vamos ouvindo na sua fala, vamos produzindo na escrita, conhecendo como cada criança, lida com sua própria fantasia, sua imaginação e como as expressa.

Nesse tempo de monitoria percebo que o resultado tem sido positivo na relação com as crianças, no avanço visível da alfabetização, na amizade e companheirismo entre eles, havendo mais espírito de grupo, mais colaboração e comunicabilidade entre todos. O que mais nos assusta é a realidade com a qual interagimos. Crianças de 7 anos dominam a escrita de nomes, apenas. A maioria vem de uma estrutura familiar conflituosa, dá-nos a impressão que os adultos que com elas convivem já desistiram delas, como se elas por si só dessem conta de si mesmas, como se os papéis estivessem trocados, as crianças assumindo responsabilidades que devessem ser dos adultos que com elas convivem.

A monitoria de Extensão nesse ambiente possibilitou a compreensão de valores sociais, familiares e educacionais. Minha participação na elaboração de práticas pedagógicas socioeducativas, em reuniões pedagógicas com todo o grupo da ASELIAS sob a coordenação da Profa. Maria Mavanier vem possibilitando mais um aprendizado na minha formação, principalmente na questão da alfabetização/letramento. Aprendemos todos juntos no dia a dia da ONG ASELIAS.

Palavras- chave: Pedagogia social; ONG ASELIAS; letramento; alfabetização

REFERÊNCIAS

GRACIANI, Maria Stella S. **Pedagogia Social de Rua:** análise e sistematização de uma experiência de vida. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **Pedagogia Social no Brasil:** políticas, teorias e práticas em construção. Disponível em <http://sites.unicentro.br/wp/cursodepedagogia/files/2011/08/artigo_-Pedagogia_Social1-Evelcy.pdf> Acesso em: 2610.2017

O ESPAÇO ESCOLAR E OS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: APROXIMAÇÕES INICIAIS

Silvânia de Cássia Meireles Cancio¹
Táscia Nathalia Gonçalves Barros²

Este trabalho constitui o resultado de uma atividade interdisciplinar de pesquisa realizada no segundo semestre do curso de licenciatura em pedagogia. Durante o segundo semestre do curso desenvolvido no primeiro semestre do ano de 2017 ao estudar as disciplinas de fundamentos (Psicologia e educação II, Sociologia e educação II, Epistemologia, História da educação, Educação Inclusiva, PPP II) foi solicitado a turma, estudos e aprofundamentos referentes aos componentes curriculares e ao mesmo tempo observação em campo(escola) a fim de aproximar, relacionar os estudos teóricos aos estudos desenvolvidos.

O foco da observação foi a organização do espaço escolar, observando em que medida o que está assegurado a legislação sobre os direitos dos portadores de necessidades especiais encontra-se atendido na escola observada. Para tanto delimitou como objetivos do trabalho: Realizar uma primeira aproximação a escola lócus de atuação do Pedagogo; Observar em que medida os direitos assegurados ao portador de necessidades especiais no que toca a infraestrutura está presente na escola.

A pesquisa fundamentou-se em Sapelli (2005) Saviani (2005), Declaração de Salamanca (1994), Mantoan (2005). Segundo Saviani (2005), a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. Para o autor somente os seres humanos trabalham e se educam. O autor defende que a escola desenvolva a educação de forma sistematizada. Dentro das funções desempenhadas pela escola, Sapelli (2005) aponta: I. A escola como socializadora do conhecimento produzido pela humanidade. II. A função da escola como disciplinadora para a vida social e produtiva. III. Outra função destacada é a da Escola como executora de programas partidários e empresariais. IV. A escola como consumidora de produtos. V. A função que a Escola realiza como disseminadora de ideologias e preconceitos.

Seja qual for a função da escola, nota-se pela história da educação brasileira que ao longo dos mais de cinco séculos os mais pobres foram excluídos dela. Sendo

¹ Acadêmica do III semestre do curso de Pedagogia, UNEB/ DEDC X, Bolsista de Iniciação Científica FAPESB. E-mail: silvana.cancio@hotmail.com

² Acadêmica do III semestre do curso de Pedagogia, UNEB DEDC X. E-mail: tascia.nathaliagbp@gmail.com.

o acesso ao conhecimento sistematizado privilégio para ricos e poderosos. Se olharmos aos portadores de necessidades especiais constatamos que para estes a escola fora um sonho distantes. Porém nas últimas décadas algumas conquistas têm se efetivado para aquelas parcelas que foram excluídos da escola, entre estas, podemos citar para os portadores de necessidades especiais, entre estas a Declaração de Salamanca (1994). – Conferência Mundial de Educação Especial. Esta declaração assegura que: “os Estados garantam que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional”. Sobre necessidades especiais, foi de grande importância por decisivamente contribuir para impulsionar a educação inclusiva em todo mundo, a Declaração de Salamanca como assim ficou conhecida, assegura que, “aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades.”

Trata se de uma pesquisa exploratória. Como estratégia metodológica para coleta dos dados, realizou-se algumas visitas a escola levando um protocolo de observações e um roteiro pré-definido. Realizou-se também estudos bibliográficos e documentos sobre os direitos dos portadores de necessidades especiais na escola. As observações foram registradas em um relatório, bem o roteiro preenchido mediante observações do espaço físico.

O período de realização da pesquisa foi de 28 de junho a 04 de julho. Ao visitarmos a escola nos dirigimos a direção que nos recepcionou muito bem em seguida comunicou os professores que agendaram a nossa segunda visita no espaço a fim de conhecermos mais a escola e conhecermos o trabalho pedagógico dos professores.

Quanto a infraestrutura, constatou-se que a escola não se encontra preparada para atender aos alunos portadores de necessidades especiais, não existem rampas, os banheiros não são adaptados, falta equipamentos para auxiliar os professores em suas aulas com os alunos especiais.

De acordo com o censo de 2000, o Brasil tinha identificado 24,6 milhões de brasileiros que possuíam algum tipo de deficiência, o que equivalia a 14,5% da população nacional. O modelo social é uma abordagem que surgiu nos anos 1960, no Reino Unido, e provocou reviravolta nos modelos tradicionais de compreensão da deficiência ao retirar do indivíduo a origem da desigualdade, experimentada pelos deficientes, e devolvê-la à sociedade. Para esta abordagem, a sociedade tem que

estar preparada para receber as pessoas com deficiência e integrá-las de acordo com os direitos de cada cidadão humano. Constatou-se também na instituição pesquisada que, mesmo com tantas turbulências/precarizações, ainda existem pedagogos/professores preocupados e motivados a fazerem a diferença no meio educacional. Apesar da responsabilidade não ser somente da escola e do professor, os mesmos buscam progredir e transformar o indivíduo na sua totalidade. Identificou uma heterogeneidade nos estudantes, conforme os documentos lidos verificamos que a escola busca atender essa diversidade procurando conduzir com responsabilidade e profissionalismo pedagógico.

Conclui-se que, a educação tem como foco principal educar e humanizar o indivíduo na sua totalidade para viver em sociedade. Tínhamos a ilusão de uma educação perfeita, hoje podemos ver que ela é quase impossível, visto que a sociedade que vivemos tem muitos problemas e eles refletem na educação e na escola. Assim enquanto estudantes de pedagogia observamos o quanto a jornada é longa, que o nível de complexidade só tende a aumentar, para isso deveremos continuar os nossos estudos com compromisso e não perder de vista a necessidades de construir uma escola mais humana e transformadora, ou seja, uma escola viva.

Palavras-chave: Educação; Escola; Inclusão; Portadores de Necessidades Especiais.

REFERÊNCIAS

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Hora da Virada: Inclusão** – Revista da Educação Especial – Out/2005.

SAVIANE, Demeval. **Pedagogia Histórico-crítica. Primeiras aproximações**; São Paulo, 2005.

SAPELLI, Marlene L. S. **A Função Social da Escola Pública**. In: VII Semana de Estudos Pedagógicos, Cascavel. Anais da VII Semana de Estudos Pedagógicos, 2005.

UNESCO, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais (1994)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>.

O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS DIGITAIS NA ESCOLA: UMA QUESTÃO EM ESTUDO

Thayná Vieira Gonzaga¹
Liana Gonçalves Pontes Sodré²

As brincadeiras são necessárias para o desenvolvimento das crianças e fazem parte da vida dos seres humanos no curso do processo de hominização. O brincar possibilita à criança o contato com a cultura e com as pessoas, o compartilhamento de objetos, conhecimentos, valores, espaços e com elas aprendem a negociar, reconhecer, ampliar e questionar. Como vemos, o brincar é uma experiência fundamental onde as crianças podem aprender o conhecimento de mundo e de si.

Este trabalho teve por objetivo investigar se as brincadeiras com os objetos digitais estão sendo incorporadas na rotina escolar da criança e, consequentemente, verificar se estão fazendo parte da escola e do processo educacional, haja vista que, com o avanço tecnológico, cada vez mais as crianças convivem com as tecnologias. A partir desse objetivo geral delimitamos os seguintes objetivos específicos: identificar a frequência, o local e o momento em que os dois diferentes tipos de brincadeiras estão presentes na escola, quais sejam: as brincadeiras tradicionais e as brincadeiras presentes nos objetos digitais (celular e tablet, smartphone); analisar a interferência dos dois tipos de brincadeiras no processo educacional desenvolvido pela escola.

Menenguzzo (2014), argumenta que os objetos digitais representam a transição da cultura e impõem os brinquedos como bens de consumo; as fábricas produzem esses brinquedos com a ideologia dos adultos e sem as proposições das crianças. A mídia exerce uma grande influência para que as crianças adquiram cada vez mais os brinquedos digitais. Esses fatores influenciam o comportamento das crianças. E cada vez mais vemos crianças brincarem com esses brinquedos, ao mesmo tempo em que brincam de boneca, de casinha ou batem fotos com as amigas.

A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada em uma escola pública, onde selecionamos uma série para desenvolver o estudo, que foi o segundo ano do ensino fundamental. A partir da definição da série, delimitamos o público a ser pesquisado, quais sejam: as duas professoras da respectiva série e 33% do total alunos do segundo ano, que correspondeu a seis alunos, selecionados através de sorteio

¹ Pedagoga, thaynavieirag@hotmail.com

² Pós-doutora em Educação, Professora Plena da UNEB, Campus X, lsodre@uneb.br

aleatório. Apesar de não ser um estudo quantitativo o sorteio aleatório foi realizado para garantir a representatividade dos alunos da referida série. Nos procedimentos de produção dos dados recorremos a observações diretas das brincadeiras das crianças, com registros cursivos, tanto na área aberta da escola, quanto nas duas salas. Além disso, aplicamos um roteiro de entrevistas junto às professoras e os seis alunos.

As perguntas que nortearam as observações foram: Onde brincam? Com quem brincam? Do que brincam? Com o que brincam? As perguntas também serviram de orientação para analisar o que observamos nas brincadeiras na escola. As observações e os respectivos registros foram realizados na hora de chegada, no recreio e durante a aula. Durante as entrevistas pudemos constatar que algumas respostas das professoras divergiam dos alunos. As professoras relataram que não havia presença de objetos digitais dentro da escola, já os alunos falaram que usavam esses objetos na escola.

Outro ponto foi que, por ser a escola localizada em um bairro periférico, as profissionais acreditavam que os alunos não deveriam ter acesso aos objetos digitais e os resultados apontam que os mesmos estavam presentes na escola. Constamos que os alunos conhecem e dispõem dos referidos objetos, com exceção de um aluno. Todos afirmaram que utilizam os objetos digitais na escola.

Durante a observação, percebemos também a presença de brincadeiras tradicionais, tais como: pega-pega, dominó, polícia e ladrão, bater santinhos, brincadeiras de roda, dama, corrida, luta com bonecos; bem como, registramos crianças brincando: no balanço, na gangorra, no escorregador e um grupo de meninas dançando. Contudo, no período de observação não foi possível registrar a presença dos objetos digitais.

Em relação às professoras o estudo mostra que elas conhecem muito pouco desse universo digital e, como pudemos ver, elas conhecem muito pouco de seus alunos, pois não sabiam que eles tinham acesso a esse universo. Couto (2013), corrobora que o mundo vem se tornando cada vez mais digital, numa velocidade tremenda e com isso surgem inúmeras mudanças. As crianças estão cada vez mais conectadas e até pouco tempo atrás a tecnologia não estava tão desenvolvida quanto está agora e as crianças desde pequenas estão inseridas no mundo digital, que elas usam com muita facilidade. E, com isso, inúmeros pais e professores sofrem com a sensação de insegurança, desestabilização e desorientação, pois, nem sempre

sabem lidar com as crianças conectadas e imersas numa rede que não para de divulgar conteúdo. O autor explica que isso se dá por não conhecerem muito sobre esse universo, pois se conhecessem saberiam como lidar e como esses objetos e poderiam recorrer a eles para ajudar no processo de aprendizagem. Nesse sentido, Menenguzzo (2014) discute que as brincadeiras com brinquedos digitais proporcionam diversas aprendizagens, tais como: rapidez de ação, criatividade, coordenação motora, capacidade de raciocínio, autodisciplina, autocontrole, concentração e ensinam a seguir regras.

Os resultados obtidos nessa pesquisa permitem inferir que a escola não conhece muito da realidade dos alunos e que as professoras conhecem muito pouco sobre os objetos digitais. Também foi possível verificar que esses objetos não são utilizados pelas professoras para auxiliar o processo de aprendizagem dos alunos e ficou claro que esses objetos são utilizados em outro momento sem ser a sala de aula.

Palavras-chave: Brincadeiras; Objetos digitais; Universo digital; Brinquedos.

REFERÊNCIAS

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 897-916, set./dez. 2013.

MEMEGUZZO, Lorivane. **O brincar na educação infantil**: a influência das tecnologias digitais móveis no contexto da brincadeira. 2014. Dissertação de (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do sul – UCS, Caxias do Sul, 2014.

REFLETINDO SOBRE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Katiele Santana¹
Adinalson Souza²
Carolina Genésio³
Gabriele Lírio⁴

Este trabalho foi fruto de uma atividade realizada no componente curricular Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP II) realizada no segundo semestre do curso de pedagogia. A partir dos demais componentes estudados os docentes do semestre propuseram estudos de fundamentação acompanhados de uma observação da realidade escolar. Como eixo articulador a temática obteve-se: “Organização do espaço escolar: conhecimentos, saberes, práticas e formação”.

Assim, tendo a escola como foco de estudo realizou-se observações contemplando aspectos como a estrutura, questões de acessibilidade para deficientes físicos-motores, a formação docente, relação professor/aluno e a própria maneira em que uma aula acontecia, refletindo sobre essa instituição e compreendendo como são organizados alguns aspectos que dizem respeito a esses elementos.

O trabalho teve como objetivos, relacionar os conhecimentos estudados nos componentes curriculares Epistemologia e Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação, Educação Inclusiva e Pesquisa e Prática Pedagógica, articulando a teoria com a prática e averiguar a estrutura da escola afim de observar se a mesma está adequada para atender crianças com deficiências conforme assegura a legislação.

Primeiramente foram realizados estudos bibliográficos sobre o que é pesquisa ancorados na obra *Pesquisa Social: Teoria, Métodos e Criatividade*, Minayo (2000). No segundo momento realizaram-se estudos sobre educação, formação, escola como instituição social baseados em autores como Saviani (2005), (2009); (2011); Sodré (2002); (2005); Kruppa (1994); Cândido (1973); Sapelli (2005); Mantoan (2005) e Sánchez (2005). Foram feitas 4 visitas, a fim de contemplar os roteiros de observação do componente Educação Inclusiva e o protocolo de observação de Psicologia da Educação e Sociologia da Educação.

¹ Acadêmica do terceiro semestre do Curso de Pedagogia na UNEB/DEDCX

² Acadêmico do terceiro semestre do Curso de Pedagogia na UNEB/DEDCX

³ Acadêmica do terceiro semestre do Curso de Pedagogia na UNEB/DEDCX

⁴ Acadêmica do terceiro semestre do Curso de Pedagogia na UNEB/DEDCX

Na primeira visita, conhecemos a estrutura física da escola: Salas de aula, banheiros, cozinha, sala de direção e secretaria, almoxarifado e uma sala que possivelmente poderá ser uma biblioteca ou sala de vídeos, e posteriormente acompanhamos a aula das professoras, cada componente do grupo foi direcionado a uma sala. As três visitas que se seguiram, foram para realizar entrevistas com a diretora, professora e cuidadora, bem como fotografar o ambiente e fazer o referido protocolo de uma cena específica, em uma sala de aula apenas. Foi possível observar que a escola não atende às necessidades das crianças com deficiência, necessitando de melhorias na infraestrutura em geral, pois esta funciona em uma casa alugada pelo município, não havendo assim condições adequadas para o atendimento das crianças. As salas são pequenas, os banheiros não são adaptados, não há uma área para recreação para os alunos. Entretanto, cabe salientar o comprometimento e profissionalismo das professoras e gestoras que atuam em prol das crianças que lá estudam. Um tratamento humanizado, buscando fazer com que todos avancem, com uma relação de respeito, sem reprimi-los, mas com autoridade, deixando a criatividade de cada um aflorar, potencializado o que elas têm de melhor.

Ao visitar a Escola Municipal de Educação Infantil Jardim Caraípe, localizada no bairro São Lourenço, Teixeira de Freitas, foi possível refletir e observá-la com maior criticidade, compreendendo o papel social que a escola tem. Esta é uma instituição muito debatida. Para ela, por vezes é atribuída a responsabilidade de salvar a humanidade, de transformar e sanar os problemas sociais. Mas ao pensar na escola com suas contradições, foi possível vê-la como parte integrante da sociedade e não como instituição descolada da vida social.

Desse modo, compreendeu-se que assim como na vida cotidiana, a escola é palco de diferentes culturas, linguagens, etnias, formas de agir e compreender o mundo, agrupando seres multideterminados, que apresentam suas especificidades e que a escola deve atender a toda essa diversidade humana. Este primeiro momento de observações com aproximação à realidade foi importante para nós estudantes de Pedagogia por nos colocar em contato com a realidade, outra razão foi a possibilidade de iniciar no exercício da pesquisa científica, atividade fundamental para a formação do educador.

Palavras-chave: Educação; Escola; Formação; Acessibilidade.

REFERÊNCIAS

KRUPPA, Sonia M. Portela. *Sociologia da Educação*. Cortez. Col. Série formação do professor, 1974.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. São Paulo, Autores Associados, 2005.

SAPELLI, M. L. S. A função social da escola pública. In: VII Semana de estudos pedagógicos, Cascavel. Anais da VII Semana de Estudos Pedagógicos, 2005.

SOUZA, João Valdir Alves. *Introdução a Sociologia da Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

SODRÉ, Liana P. Gonçalves. *A Relação Professor(a) Aluno (a) no Processo Educacional: um debate necessário*, 2005.

SODRÉ, Liana P. Gonçalves. Criança: a determinação histórica de um cidadão excluído. In Revista FAEBA- Educação e Contemporaneidade. Salvador, jan/jun, 2002.

SAVIANI, Demerval. *Infância e Pedagogia Histórico-critica*. Ana Carolina Galvão Marsiglia (Org)-Campinas, SP: Autores associados, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. *A Hora da Virada*. Revista da Educação Especial. Out de 2005.

SANCHÉZ, Pilar Arnaiz. *A Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI*. Revista da Educação Especial. Out de 2005.

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA VELHICE

Andréia Soares da Silva¹;
Francieuda Bento da Silva Monteiro²;
Márcia Antônio Rodrigues³
Ireni Alves dos Santos⁴
Marinêz José de Souza França⁵

O presente resumo tem como objetivo socializar uma experiência realizada no Componente Curricular Pesquisa e Estágio I espaços não escolares. Realizada no lar dos idosos em Teixeira de Freitas. Para tanto foi desenvolvido o projeto com o título, *A Influência da Música na Velhice*. Foi desenvolvido entre os meses de maio a julho de 2017, no Lar dos Idosos São Francisco de Assis.

O trabalho desenvolvido focou se nas atividades de comunicação verbal e não verbal e neste contexto estabelecer uma relação da música com o contexto histórico próprio dos idosos. O referencial teórico orientou se pelos autores que debatem o estágio em espaços não escolares e a relação da música e a velhice. O “estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade”, isto é, é na sala de aula, na sociedade, na escola que se dá a práxis (PIMENTA E LIMA,2012, p.45).

De acordo com Tourinho (2008), a velhice deve ser compreendida como uma etapa da vida onde vai ocorrer transformações que afetarão a relação do indivíduo com o meio, dentro de um tempo. E por conta desse processo contínuo de perdas e ausências de papéis sociais, acabam enfrentando e sofrendo segregação, muitos idosos se sentem isolados, sós, com baixa autoestima devido à ausência de familiares ou podendo assim dizer, descaso com o humano.

Segundo Silvia (2015) proporcionar dinâmicas e brincadeiras para idosos é fazer voltá-los a ser criança e exercitar a mente, na chegada da terceira idade e as suas consequências, momentos alegres e felizes são um dos fatores mais importantes na velhice, pois possibilita ao idoso uma vida mais saudável e confortável, gerando, portanto, uma motivação para viver a vida de maneira mais relaxada, tranquila e de bom humor sem se prender a tantos detalhes sem grande importância. A mesma

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, VI semestre.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, VI semestre.

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, VI semestre.

⁴ Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB- Campus X.

⁵ Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB- Campus X.

autora afirma que atividades realizadas com idosos deve ser feita sempre em grupo para poder estimular o contato um com o outro, além de ajudar na coordenação e promover descontração em equipe.

O trabalho se baseia na abordagem metodológica qualitativa. De modo que a análise desta, a pesquisa qualitativa, se dar na construção do conhecimento, levando em consideração as relações no coletivo. O levantamento dos dados procedeu da seguinte forma: Entrevista na instituição com a administração do lar e com os próprios idosos, estudos e levantamento de atividades lúdicas na terceira idade, leitura dos livros e textos acerca de estágio e a especificidade da música na terceira idade. Inicialmente realizou-se um diagnóstico com um olhar cuidadoso para verificarmos quais as reações da população diante das mudanças, inovações e demais acontecimentos.

E ainda para subsidiar o trabalho proposto. Além do diagnóstico realizou-se as atividades a seguir: A – Atividades lúdicas, passa tempo, na socialização sempre utilizando a música de acordo com o estilo musical levantado. Dentre estes estilos musicais estavam, o forró, o sertanejo, a música brega e a romântica. B- Na integração social para tirá-los do isolamento e aproximar mais um do outro, para tanto dançou-se forró, Luiz Gonzaga. C- Movimentação corporal – em círculo socializamos por meio de imagens ilustrativas os cantores dos quais eles mais se identificavam, e através da melodia associavam a imagem ao cantor. E o estilo musical em primeiro lugar foi o forró especificamente Luiz Gonzaga, e em segundo a música brega com Reginaldo Rossi e em terceiro lugar com Roberto Carlos e em quarto lugar Amado Batista. Conforme Tourinho (2008) a música representa um poder nas sociedades mais antigas, pois está além de noções de gosto pessoal ou tendências culturais. Ela influencia os efeitos no corpo humano, pois, acompanha nossa vida desde o nascimento até a morte, e também tem o poder de passar uma mensagem complexa e profunda, mesmo sem palavras. Os idosos de hoje eram cercados de ambiente sonoro rico, onde o rádio era o principal veículo de comunicação e ainda hoje continua sendo, até onde não havia eletricidade, o uso do rádio a pilha era predominante. Com isso, é resgatar do passado os pontos saudáveis para que possam reutilizá-los no presente.

Os resultados mostram que o idoso chega na fase em que seu corpo modifica, a qualidade de vida decaí e assim ocasionando em muitas das vezes, dores, doenças e depressão, desse modo diversos tipos de dinâmicas, brincadeiras, movimentos faz

com que haja melhoria em todas as áreas relacionada ao corpo e mente, resultando assim na melhora do autoestima e bom humor. Buscamos desenvolver uma comunicação verbal e não verbal e estabelecer uma relação da música com o contexto histórico próprio. A pesquisa evidenciou que os mesmos por natureza nessa idade vivem no isolamento, na tristeza, na depressão. A realização do projeto foi satisfatória, apesar de alguns não se sentirem confortáveis devido à traumas do passado. Este projeto foi relevante em vista da necessidade encontrada na aceitação de uma faixa etária de mais de 60 anos, há uma carência de recursos e serviços para atendê-los.

REFERÊNCIAS

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** /Maria Cecília de Souza Mynaio. - 12. ed. - São Paulo: Hucitec, 2010.

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência.** São Paulo. Cortez Editora. 2004

SILVIA CAMILA, Coordenadora técnica em Home Angels - Cuidadores de pessoas idosas, crianças e adultos /**dinâmicas e brincadeiras com idosos volte a ser criança e exercite sua mente.** Blog, 2015

TOURINHO, Lúcia Maria Chaves. “**Musicoterapia e a terceira idade**”. Disponível em: <http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/musicoterapia.htm>. Acesso em: 11/04/17.

Apoio

PROEX
Pró-Reitoria de
Extensão

PPG
Pró-Reitoria de Pesquisa e
Ensino de Pós-Graduação

PROGRAD
Pró-Reitoria de
Ensino de Graduação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

Realização

DEDC - CAMPUS X
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA